



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PRÓ REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

CRISTIANE DE MENDONÇA FONTENELE

**LETRAMENTO DIGITAL, PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA DE LÍNGUA
PORTUGUESA NO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: O GÊNERO
FANFIC DO CONSUMO À PRODUÇÃO**

FORTALEZA

2015

CRISTIANE DE MENDONÇA FONTENELE

**LETRAMENTO DIGITAL, PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA DE LÍNGUA
PORTUGUESA NO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: O GÊNERO
FANFIC DO CONSUMO À PRODUÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientador: Profa. Dra. Livia Márcia Tiba Rádis Baptista.

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

F763l Fontenele, Cristiane de Mendonça.
Letramento digital, práticas de leitura e escrita de língua portuguesa no nono ano do ensino fundamental : o gênero fanfic do consumo à produção / Cristiane de Mendonça Fontenele. – 2015.
175 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Letras, Fortaleza, 2015.

Área de Concentração: Linguagens e letramentos.

Orientação: Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista.

1. Letramento – Efeito das inovações tecnológicas. 2. Língua portuguesa – Composição e exercício. 3. Tecnologia educacional. 4. Inovações educacionais. I. Título.

CDD 371.334

CRISTIANE DE MENDONÇA FONTENELE

LETRAMENTO DIGITAL, PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA DE LÍNGUA
PORTUGUESA NO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: O GÊNERO
FANFIC DO CONSUMO À PRODUÇÃO

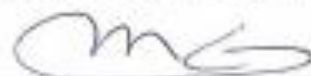
Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Mestrado Profissional em
Letras da Universidade Federal do Ceará,
como requisito parcial à obtenção do título
de Mestre em Linguística. Área de
concentração: Linguagens e Letramentos.

Aprovada em: 13/07/2015.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Livia Márcia Tiba Rêdis Baptista (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Profa. Dra. Maria da Glória Magalhães dos Reis
Universidade de Brasília (UNB)



Profa. Dra. Mônica Souza Serafim
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

Aos meus pais, aos meus irmãos e
amigos.

AGRADECIMENTO

A Deus, que nunca me abandonou e sempre me cercou de pessoas especiais.

Aos meus pais, pelo amor abnegado.

Aos meus irmãos, pelo apoio, incentivo e compreensão diante das minhas fraquezas.

À Sílvia e Lana, que se dedicaram com amor e disponibilidade a tarefa de não me deixar desistir diante das dificuldades e por me darem a certeza de que Deus age através de seus anjos na minha vida.

À amiga Cláudia Cristina, companheira de PROFLETRAS, pelo exemplo de determinação, pelo carinho e pelas inúmeras vezes que me tranquilizou com suas sábias palavras.

Aos colegas de turma de mestrado Lílian, Marlete, Sampaio, Hermínia, Kjailson, Antônio Marcos, Gabriel e Luís pelo companheirismo e pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas durante nossa caminhada juntos.

Aos colegas da escola, que colaboraram com a execução da minha proposta de atividades e torceram pelo meu sucesso, em especial, a gentil Jomara que com muita boa vontade auxiliou a mim e aos alunos no laboratório de informática.

Aos gestores da escola Centro Educacional de Referência Professora Maria José Santos Ferreira Gomes, que fizeram o possível para ajustar meus horários de trabalho ao horário das aulas do PROFLETRAS.

Aos meus queridos alunos que compreenderam a importância da proposta realizada com eles na minha formação e contribuíram participando de forma entusiasmada.

A Profa. Dra. Lívia Márcia Tiba Rádís Baptista, pela excelente orientação e pela pessoa sensível e compreensível que se revelou, me inspirando a ser uma profissional competente e humana.

As demais professoras que ministraram aulas no PROFLETRAS, pelos ensinamentos e contribuições à minha formação acadêmica, em especial as professoras Mônica Magalhães Cavalcante, Rosemeire Monteiro e Maria Elias Soares.

Aos professores participantes da banca examinadora Dra. Maria da Glória Magalhães dos Reis e Dra. Mônica Souza Serafim pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

À CAPES, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

A todos que de alguma forma contribuíram para a realização desse trabalho e a concretização do meu sonho de concluir essa etapa da minha vida.

“O mais importante e bonito do mundo é
isto: que as pessoas não estão sempre
iguais, mas que elas vão sempre
mudando.”

Guimarães Rosa

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo promover o letramento digital através de práticas de leitura e escrita de língua portuguesa no 9º ano do ensino fundamental por meio da exploração didática do gênero textual *fanfic*. Com esse propósito, elaborou-se uma proposta de ensino e aprendizagem da produção de texto sob a perspectiva dos multiletramentos, em concreto, o literário e o digital. Optou-se por uma escrita colaborativa e por um tratamento processual da produção textual, com ênfase nos processos interativos (leitor-autor-texto). Tomaram-se ainda em conta as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais quanto aos gêneros, com foco nas suas dimensões textual e discursiva. Integram as atividades da proposta: a leitura de contos clássicos da literatura infantil, a exibição de duas curtas-metragens e um longa-metragem, debates, a produção escrita em grupo, a publicação e a leitura de textos em um *blog*. O desenvolvimento das atividades da proposta tinha por finalidade apresentar e produzir o gênero *fanfic*, história fictícia criada por fãs a partir de uma obra original e veiculada em ambiente virtual. Os alunos publicaram no *blog* vinte e sete narrativas, analisadas neste trabalho, com o intuito de observar o modo como as *fanfics* foram elaboradas pelos grupos. Nessa análise constatou-se que os alunos produziram textos adequados à situação comunicacional para qual foram solicitados, apropriando-se dos procedimentos que envolvem a produção de uma *fanfic*. A proposta de ensino que submeteu os alunos à experiência de leitura e escrita de textos no ambiente digital agradou a turma de 9º ano pelo seu caráter lúdico e interativo e proporcionou a exploração desse ambiente buscando desenvolver distintas competências e habilidades de leitura e escrita nesse espaço. Por meio da constante interação entre os participantes, estes ocuparam distintos papéis, ora como produtores, ora como avaliadores, ora como revisores dos textos. Em síntese, a proposta permitiu redimensionar as práticas de produção de escrita, em ambientes virtuais e presenciais, no âmbito escolar.

PALAVRAS-CHAVES: Letramento digital; produção de texto; escrita colaborativa; gênero *fanfic*; língua portuguesa.

ABSTRACT

This work aims to promote, in the 9th grade of elementary education, digital literacy through the practice of reading and writing in Portuguese, using for that didactics exploitation of *fanfic* textual genre. For this, a proposal to teaching and learning text production from the perspective of multiliteracies, specifically the literary and digital, was prepared. It was decided to use a collaborative writing and a procedural treatment of text production, emphasizing the interactive processes (reader-author-text). The study also took into account the guidelines of the PCNs in relation to gender, focusing on their textual and discursive dimensions. Reading classic tales of children's literature, showing two short films and a feature film, debates, written production group, publishing and reading texts on a blog are activities that are part of the proposal presented here. The development of those activities was designed to present and produce the *fanfic* genre, fictional story created by a fan from an original work and conveyed in a virtual environment. The students published in blog twenty-seven narratives, all analyzed in this work, in order to observe how the *fanfics* were prepared by the groups. In this analysis it was found that the students, making use of procedures that involve the production of a *fanfic*, produced texts appropriate to the communicative context for which they were requested. The submission of students to the experience of reading and writing texts in the digital environment pleased to 9th graders, for his playful and interactive feature, and also for providing the exploration of that environment, in order to develop different reading and writing skills in the virtual space. Through constant interaction among participants, those occupied different roles, either as producers or as evaluators, or as reviewers of the texts. In short, the proposal allowed resize writing production practices in virtual and actual environments in schools.

Keywords: Digital Literacy; Text production; Collaborative Writing; *Fanfic* Genre; Portuguese Language.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	O que lemos quando lemos o texto literário?	52
Figura 2 –	A Pequena Vendedora de Fósforos	62
Figura 3 –	O Valente Soldadinho de Chumbo	66
Figura 4 –	O Soldadinho de Chumbo	67
Figura 5 –	A Pequena Sereia	71
Figura 6 –	Texto não segmentado em parágrafos	81
Figura 7 –	Título do <i>blog</i>	82
Figura 8 –	Leitura de entretenimento	82
Figura 9 –	<i>Fanfic</i> com narrador-personagem	83
Figura 10 –	Nomes estrangeiros dos personagens	83
Figura 11 –	<i>Fanfic</i> com o nome das alunas da classe	84
Figura 12 –	Soldadinho humano	84
Figura 13 –	Personagens no momento atual	85
Figura 14 –	Introdução com “era uma vez”	85
Figura 15 –	Introdução diferenciada 1	86
Figura 16 –	Introdução diferenciada 2	86
Figura 17 –	Modificação do desfecho	87
Figura 18 –	Enredo todo modificado	87
Figura 19 –	Clímax e desfecho pouco desenvolvidos	88
Figura 20 –	História trágica	89
Figura 21 –	Soldadinho não correspondido pela bailarina	89
Figura 22 –	Desfecho inusitado	90
Figura 23 –	Linguagem do texto	91
Figura 24 –	Uso do internetês	91
Figura 25 –	Comentário da aluna	92
Figura 26 –	Comentários sobre a <i>fanfic</i>	92
Figura 27 –	Síntese da análise das <i>fanfics</i>	93

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	PRODUÇÃO ESCRITA NA ESCOLA: POR QUE, PARA QUE E COMO?	17
2.1	O ensino de produção de texto na escola	17
2.2	Os gêneros textuais na sala de aula	30
2.3	<i>Fanfiction</i> – um novo gênero abordado na sala de aula	36
2.4	As práticas de leitura na escola e o letramento literário	43
3	PROPOSTA DIDÁTICA: MEU CONTO EU RECRIO E RECONTO	57
3.1	O gênero <i>fanfic</i> do consumo à produção	57
3.2	O conto como gênero textual motivador da <i>fanfic</i>	58
3.3	Etapas da proposta de atividades	59
3.3.1	<i>Primeira etapa</i>	59
3.3.2	<i>Segunda etapa</i>	60
3.3.3	<i>Terceira etapa</i>	60
3.4	Relato da aplicação da proposta	61
3.4.1	<i>Fanfic com A Pequena Vendedora de Fósforos</i>	61
3.4.2	<i>Fanfic com O Soldadinho de Chumbo</i>	66
3.4.3	<i>Fanfic com A Pequena Sereia</i>	70
4	GÊNERO <i>FANFIC</i> NA SALA DE AULA: A LEITURA E A ESCRITA IMPULSIONADA PELO GÊNERO DIGITAL	73
4.1	Avaliação da experiência	73
4.2	Análise das <i>fanfics</i> produzidas	80
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
	REFERÊNCIAS	100
	ANEXOS	104
	ANEXO A – Texto <i>A Pequena Vendedora de Fósforos</i>	105
	ANEXO B – Texto <i>O Valente Soldado de Chumbo</i>	108
	ANEXO C – Texto <i>A Pequena Sereia</i>	112
	ANEXO D – Textos dos alunos	134

1 INTRODUÇÃO

A incorporação de tecnologias digitais na escola para mediação pedagógica passou a ser uma tendência tanto na rede particular de ensino quanto na pública. Uma evidência desse fato é que as escolas têm se equipado ao longo dos anos com aparelhos de televisão, aparelhos de DVD, computadores, projetores, *tablets* e lousas digitais apostando na melhoria da qualidade do ensino nas diversas áreas do conhecimento. Além disso, temos notado um constante avanço de políticas educacionais que defendem o uso das tecnologias e que valorizam o desenvolvimento e a expansão digitais. Nesse sentido, de acordo com o portal do Ministério da Educação e Ciência (2008), o livro didático não é mais suficiente para um ensino de qualidade. Os recursos multimídias são importantes no dia a dia da sala de aula, o que faz da aprendizagem um processo mais em sintonia com os alunos desta nova sociedade de informação.

Essa incorporação das novas tecnologias de informação e comunicação que vão surgindo se justifica quando se compreende que a educação proporcionada pela escola não deve estar distante das práticas sociais de linguagem que passaram a dominar o cotidiano das pessoas. Como se nota, o cenário educativo vem sofrendo uma reorganização de ordem tanto física como espacial, o que pressupõe a uma (re)avaliação das relações humanas construídas que nesse espaço, mais precisamente, nas relações entre docentes e discentes e na construção de conhecimento com foco na aprendizagem (BAPTISTA, 2014, p. 25).

O computador e a *internet* são ferramentas cada vez mais utilizadas por uma considerável parcela da população brasileira nas mais diferentes atividades. Assim, crianças, jovens, adultos e idosos navegam na *internet*, seja por diversão, seja por necessidade e o fazem tanto na área urbana quanto na zona rural do país.

Desse modo, como a escola poderia ignorar dentro do processo educacional esses meios de comunicação que vão surgindo e as novas linguagens utilizadas nesses meios? Entendemos que interessa transcender a crítica sobre o uso em si mesmo das tecnologias, de forma que o principal desafio consiste em como a escola pode se organizar em sua estrutura física, modelo de gestão e prática escolar do corpo docente para enfrentar às possibilidades que essas tecnologias geram (BAPTISTA, 2014, p. 24). Diante desse panorama, os primeiros passos para

diminuir ou enfrentar a distância entre a educação escolar e as práticas sociais emergentes na sociedade contemporânea são dados quando a escola se preocupa em se equipar com as novas ferramentas utilizadas pela sociedade e quando nos voltamos para esse contexto, o escolar, a fim de compreender como podemos integrar as tecnologias no ensino e na prática escolar.

No entanto, para que a melhoria na educação aconteça, entre outros aspectos relacionados com a dimensão estrutural, organizativa e funcional, é necessário que se promova o *letramento digital*. Dessa forma, não se trata apenas da renovação dos recursos pedagógicos, mas do desenvolvimento das competências necessárias para que as pessoas entendam e usem as informações de maneira crítica e eficiente, em outros formatos, vindas de várias fontes a partir da *internet*, por exemplo. E, sendo assim, que atinjam seus objetivos comunicativos e estabeleçam interações nas quais haja a profusão de novas mídias e múltiplas linguagens que transcendem as práticas letradas vernaculares e tradicionais.

Quanto às escolas da rede pública do Ceará, paulatinamente estão sendo contempladas com verbas e equipamentos para a instalação de laboratórios de informática, salas de multimeios com tecnologias digitais diversas manuseadas por profissionais que auxiliam o professor no manejo das ferramentas tecnológicas. Tal iniciativa é louvável, mas é o primeiro passo de um processo para alcançar resultados positivos consideráveis na educação. É preciso ter professores atualizados e capacitados para usarem as tecnologias que chegam à escola, que conheçam os recursos que o computador e a *internet* oferecem e que saibam explorar esses conhecimentos de forma que os alunos realmente se apropriem das novas linguagens que circulam na nossa sociedade. E, ainda, que possam contribuir para a ampliação dos diversos *letramentos* promovidos pela escola, sem perder de vista a formação cidadã e a dimensão educativa que cabe à escola.

Em conformidade com essa perspectiva, Coscarelli (2009, p.13) ressalta que o computador já faz parte da escola de alguma forma, mas isso não significa que ele seja usado com propósitos educacionais, que esteja sendo bem usado e gerando bons resultados.

Propor atividades na escola utilizando o computador e a *internet* para instruir os alunos a manusear o equipamento, a acessar sites de busca para realizar pesquisa escolar ou digitar textos nas ferramentas de edição, não faz com que os

alunos conheçam e se apropriem de outros usos da linguagem escrita em novos ambientes.

Assim, com o objetivo de promover o letramento digital através de práticas de leitura e escrita de língua portuguesa elaboramos uma proposta de ensino e aprendizagem da produção de texto por meio da exploração didática do gênero *fanfic*, sob a perspectiva dos multiletramentos, em concreto, o literário e o digital.

A inclusão da literatura na proposta enriquece as aulas de produção textual, pois colabora com a formação humana dos alunos, estimula a criatividade e amplia o repertório cultural. Cosson (2014a, p.16) defende que “a prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana”.

As práticas de leitura e escrita, em sala de aula, voltadas apenas para o trabalho com os textos impressos no livro didático e realizadas de forma mecânica têm contribuído para o desinteresse do aluno em realizar atividades que se bem conduzidas pelo professor podem se tornar fascinantes.

A leitura literária realizada de forma dinâmica, com o estabelecimento de propósitos diferentes para cada texto, fazendo uso de textos selecionados adequadamente para cada proposta de leitura oferecida, será recebida pelos alunos de modo diferente da leitura automática com o objetivo de preencher fichas de leituras ou responder questões de interpretação de texto em provas. De acordo com Cosson (2014a, p.29), “ao professor cabe criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos”. Infelizmente, isso é algo que vem sendo esquecido por muitos professores em sala de aula.

A leitura é um ponto de partida seguro para a produção escrita dos alunos não apenas para servir de modelo a ser copiado, mas para gerar ideias, inspirar enredos, estimular a criatividade. Sendo assim, escolhemos um gênero digital para a proposta que parte da leitura de obras de ficção para a criação de outro texto, a *fanfic*. A leitura de contos clássicos infantis é a base para as práticas escritas realizadas durante o desenvolvimento da proposta que optou pela produção textual feita em grupo por favorecer a interação e a colaboração entre os envolvidos.

O trabalho colaborativo muda o foco da aprendizagem do professor para o aluno, enfatiza o processo e não o produto, tendo em vista a transformação do aluno ao invés da memorização de conteúdos.

O deslocamento da produção do texto do papel para o ambiente virtual propicia o acesso e a apropriação de códigos e linguagens próprios da era digital e produzir em sala de aula um gênero veiculado nesse ambiente dá sentido a esse deslocamento inserindo a *internet* no cotidiano escolar de forma eficiente.

Os alunos são receptivos as tecnologias, o que facilita muito a inclusão de novas mídias no contexto escolar, mas é preciso estar atento ao fato que a integração das inovações tecnológicas precisa contribuir para a qualidade do ensino. No caso específico do uso da internet na educação, o Caderno de Orientações Didáticas Ler e Escrever Tecnologias na Educação (2006, p. 10), produzido em parceria pelo EducaRede e a Secretaria de Educação de São Paulo, destaca que

ela potencializa o alcance da atividade pedagógica, proporcionando aprendizagens específicas no âmbito do letramento digital que podem ser sintetizadas em três aspectos: aprender a pesquisar, aprender a publicar conteúdos e aprender a comunicar-se no ambiente digital.

Essas aprendizagens, segundo o Caderno de Orientações Didáticas, potencializa o letramento dos alunos, uma vez que desenvolvem habilidades de leitura e escrita com um sentido social. A nova dimensão incorporada aos letramentos, isto é, o letramento digital, é o que buscamos promover com este trabalho organizado em três capítulos.

O primeiro capítulo, dividido em quatro partes, apresenta os preceitos teóricos que embasam nosso estudo. A primeira parte discorre sobre a importância da apropriação da escrita e das práticas sociais a ela relacionadas, sobre o papel da escola em promover os multiletramentos e como o ensino de produção de texto tem sido realizado na escola; a segunda tece considerações do enfoque especial que o trabalho com os gêneros textuais passou a ter nas aulas de língua portuguesa e particularmente no ensino de produção textual; a terceira parte apresenta a *fanfiction* (*fanfic*), um gênero textual digital que tem interessado alguns estudiosos e profissionais da educação pelo potencial pedagógico que apresenta para as aulas de produção textual; e por último, a quarta parte contém algumas considerações

sobre o letramento literário, haja vista que esse perpassa, sem dúvida, as práticas discursivas priorizadas na proposta.

O segundo capítulo apresenta a proposta de atividades com práticas de leitura e escrita de língua portuguesa e o relato do desenvolvimento dessas atividades com uma turma de nono ano do Centro Educacional de Referência Professora Maria José Santos Ferreira Gomes, escola pública da rede estadual de ensino, situada na cidade de Fortaleza.

O terceiro capítulo apresenta uma avaliação das atividades realizadas na proposta e uma análise dos textos produzidos pelos alunos e publicados no *blog* Escrevendo na net, criado especialmente para essa finalidade.

Por fim, abordamos nas considerações finais as contribuições desta experiência para a construção de uma prática de ensino atenta às novas necessidades de uma sociedade cada vez mais tecnológica.

2 PRODUÇÃO ESCRITA NA ESCOLA: POR QUE, PARA QUE E COMO?

O ensino da língua materna no decorrer das últimas décadas vem passando por várias modificações com o objetivo de aprimorar as habilidades e estratégias de compreensão leitora e escrita dos alunos, ou seja, o seu letramento. No entanto, a melhoria, especialmente no que se refere ao desenvolvimento da compreensão e a produção escrita em língua portuguesa dos estudantes, continua sendo apontada pelos professores como um dos maiores desafios enfrentados nas salas de aula. Desse modo, é necessário estudar e propor alternativas que de maneira efetiva, contribuam para uma mudança nesse cenário, tal como o proposto neste trabalho, resultado das atividades desenvolvidas no Mestrado Profissional em Letras (Profletras).

Assim, apresentaremos, neste capítulo, os preceitos teóricos que embasam nosso estudo, dividido em quatro partes. Na primeira parte, refletimos sobre a importância da apropriação da escrita e das práticas sociais a ela relacionadas, sobre o papel da escola em promover os multiletramentos e como o ensino de produção de texto tem sido realizado na escola. Em seguida, tecemos considerações do enfoque especial que o trabalho com os gêneros textuais passou a ter nas aulas de língua portuguesa e particularmente no ensino de produção textual. Na terceira parte, nossa atenção se volta para um gênero textual digital, a *fanfiction*, que tem interessado alguns estudiosos e profissionais da educação pelo potencial pedagógico que apresenta para as aulas de produção textual. Por fim, ampliaremos nossa reflexão com algumas considerações sobre o letramento literário, haja vista que esse perpassa, sem dúvida, as práticas discursivas que priorizaremos.

2.1 O ensino de produção de texto na escola

As práticas sociais da escrita nas sociedades letradas como a nossa são bastante diversificadas, visto que várias ações humanas no dia-a-dia passam pela escrita nas mais diferentes situações. A escrita está presente quando lemos uma bula de remédio buscando orientações ou informações sobre um medicamento, quando produzimos uma mensagem e a enviamos através do celular, quando

procuramos comprar ou vender um bem através dos classificados do jornal, quando procuramos nos distrair lendo um romance, quando firmamos algum tipo de contrato, ou seja, a utilizamos a todo o momento ao compreender e ao produzir textos.

A apropriação da escrita e das práticas sociais a ela relacionadas é o que alguns estudiosos e pesquisadores da língua denominam de letramento. De acordo com Soares (2002, p. 145-146), letramento:

[...] é o pressuposto de que indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e da escrita têm as habilidades e atitudes necessárias para uma participação ativa e competente em situações em que práticas de leitura e/ou escrita têm uma função essencial, mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado estado ou condição de inserção em uma sociedade letrada.

Segundo Kleiman (2005, p. 6) o conceito de letramento surgiu como forma de explicar o impacto da escrita em todas as esferas de atividades e não somente nas atividades escolares. Assim, o letramento é o uso social da escrita em diversos âmbitos sociais.

Como são muitas as práticas sociais da escrita abrangendo tanto a diversidade cultural e a diversidade de linguagens, alguns anos depois do termo letramento fazer parte da literatura especializada nas áreas de educação e linguística, surgiu em 1996, buscando incluir essa diversidade cultural e diversidade de linguagens ao conceito de letramento o termo multiletramentos.

Rojo (2012, p. 11-12) relata que o termo foi utilizado pela primeira vez em um manifesto resultante de um colóquio de um grupo de pesquisadores dos letramentos, Grupo de Nova Londres, em *Connecticut* (EUA). A autora explica que nesse manifesto intitulado *A Pedagogy of Multiliteracies – Designing Social Futures* (“Uma pedagogia dos multiletramentos – desenhando futuros sociais”) o grupo afirmava a necessidade de a escola tomar a seu cargo os novos letramentos emergentes na sociedade contemporânea, em grande parte devido às novas tecnologias da informação e da comunicação e de levar em conta e incluir nos currículos a grande variedade de culturas já presentes nas salas de aula de um mundo globalizado.

Segundo a referida autora, os membros do Grupo de Nova Londres indicavam que o não tratamento de questões que envolvem conflitos culturais que se

apresentam de forma explícita em lutas de gangues, massacres de ruas, perseguições e intolerâncias, em sala de aula contribuía para a violência e para a falta de futuro da juventude e também apontavam para o fato de que essa juventude contava já há quinze anos com outras e novas ferramentas de acesso à comunicação e à informação e de agência social, que acarretavam novos letramentos, de caráter multimodal ou multissemiótico. Rojo (2012, p. 13) ressalta a diferença entre letramentos e multiletramentos:

diferentemente do conceito de letramentos (múltiplos), que não faz senão apontar para a multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral, o conceito de multiletramentos – é bom enfatizar – aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica.

A incorporação dos multiletramentos pela escola amplia a produção e circulação de variados textos e gêneros através do uso de tecnologias digitais como o computador e a *internet* como também possibilita aos alunos conhecerem e interagirem com várias culturas. Assim,

compete à escola, pela ampliação da produção e circulação de variados textos/gêneros, a responsabilidade de criar condições para que o aluno envolva-se em múltiplas práticas de letramentos que possibilitem sua inserção e participação em inúmeras esferas da atividade humana presentes na sociedade. (MIGUEL, et. al. 2012, p. 214)

A perspectiva dos multiletramentos ao ser levada para a escola exige uma revisão por parte dos educadores da concepção de ensino-aprendizagem adotada e uma reformulação das práticas realizadas na escola devido às características dos multiletramentos, listadas por Rojo (2012, p. 23)

- (a) eles são interativos; mais que isso, colaborativos;
- (b) eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não]);
- (c) eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas).

Incorporar os multiletramentos à escola é um grande desafio da educação, pois para que isso aconteça de forma efetiva se faz necessário tanto o investimento na formação dos professores quanto à mudança (ou não) nos

currículos escolares e referenciais, na organização do tempo, do espaço e da divisão disciplinar, na seriação, nas expectativas de aprendizagem, nos materiais e equipamentos disponíveis nas escolas e salas de aula, como bem coloca Rojo (2012, p. 31).

A escola é considerada a mais importante agência de letramento da sociedade. Cabe a ela, inserir seus alunos nas mais variadas situações de uso da escrita, adotando práticas diárias de leitura e escrita em diversos suportes, capacitando-os a compreenderem o sentido de um texto ou qualquer outro produto cultural escrito em uma determinada situação e a utilizarem o código escrito de modo eficiente.

Para acompanhar as transformações ocorridas na sociedade, ocasionadas pelo acelerado desenvolvimento tecnológico que trouxe novas formas de interação entre os homens, a escola precisou se modernizar. Além de inserir novos equipamentos tecnológicos na educação, como televisores, projetores, computadores e *internet*, ela vem tendo que se transformar em um lugar que proporcione uma educação que prepara os indivíduos para que eles dominem as tecnologias e as novas linguagens que permeiam os vários setores da vida de forma crítica e reflexiva.

Desse modo, a escola vem sendo desafiada a se tornar um espaço que não negligencia a multiculturalidade característica das sociedades globalizadas e a multimodalidade dos textos por meio dos quais essa multiculturalidade se comunica e se informa. Ou seja, aos poucos, a escola vem buscando passar de agência de letramento para agência de multiletramentos.

Rojo (2013, p. 7) menciona a necessidade de a escola preparar os alunos para acompanharem as mudanças ocorridas na sociedade quando observa ser preciso que a instituição escolar prepare a população para um funcionamento da sociedade cada vez mais digital e também para buscar no ciberespaço um lugar para se encontrar, de maneira crítica, com diferenças e identidades múltiplas. Em síntese, que a escola promova multiletramentos tanto no sentido da diversidade cultural de produção e circulação dos textos ou no sentido da diversidade de linguagens que os constituem, incluindo o letramento digital com práticas que envolvam a tecnologia e o uso dela. Dessa forma,

se os textos da contemporaneidade mudaram, as competências/capacidades de leitura e produção de textos exigidas para participar das práticas de letramento atuais não podem ser as mesmas. Hoje é preciso tratar da hipertextualidade e das relações entre diversas linguagens que compõem um texto, o que salienta a relevância de compreender textos da hipermídia. (ROJO, 2013, p. 8)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) indicam, dentre os objetivos do ensino fundamental, que os alunos devem ser capazes de utilizar diferentes linguagens como meio para produzir, expressar e comunicar ideias, interpretar e usufruir das produções culturais em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicações e também ser capazes de utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos. Uma proposta de ensino a partir dos multiletramentos contempla tais objetivos indicados nos PCNs, pois amplia os letramentos escolares com mudanças culturais e tecnológicas no processo de desenvolvimento da leitura e escrita dos alunos incluindo os textos multimodais no contexto da sala de aula. Portanto,

as possibilidades de ensino são multiplicadas se utilizarmos ferramentas digitais. É possível formar redes descentralizadas para incentivar a interação; trabalhar com imagens (fator que modifica o conceito de comunicação); navegar por textos da web; utilizar animação para simplificar atividades complicadas e propiciar aos estudantes o sentimento de serem autores de seus trabalhos, uma vez que tudo pode ser publicado e exibido na internet. (LORENZI e PÁDUA, 2012, p. 40)

De acordo com essa perspectiva, a produção escrita na escola é uma prática que deve ser vista e utilizada como um ato de interlocução, na qual o aluno possa dizer a sua palavra, nas diferentes situações de comunicação, para um interlocutor que não seja apenas o seu professor. Deve ser uma prática que permita ao aluno desenvolver habilidades e competências que o capacitem a exercer sua cidadania de forma plena, em consonância com as propostas de letramento e multiletramento, ou seja, o uso social da escrita como sugere o letramento e a diversidade de linguagens dos multiletramentos.

Hoje, percebe-se uma preocupação maior das escolas em formar leitores competentes tanto na compreensão quanto na produção dos diversos gêneros em circulação social, e, sendo assim, alguns professores esforçam-se em trabalhar as regras gramaticais de forma contextualizada e mais reflexiva e as aulas de produção

textual aos poucos começam a ser repensadas e reformuladas graças a novos conhecimentos que surgem nas diversas áreas de estudo da língua.

No entanto, para que os alunos cheguem ao ensino médio sem as atuais deficiências em habilidade específicas da competência escrita e leitora, há um longo caminho a ser trilhado que necessita, entre outras ações, de uma revisão das práticas pedagógicas de leitura e escrita que continuam sendo utilizadas em sala de aula.

A falta de informação e formação dos professores de língua portuguesa faz com que muitos repitam os modelos de ensino aos quais foram expostos na escola ou sigam as propostas pedagógicas dos livros didáticos adotados sem maiores e melhores conhecimentos sobre o ato de redigir, não colaborando muito com o desenvolvimento dos escritores na sala de aula.

O modelo de ensino da escrita repetido pelos professores tem como prática apresentar aos alunos textos para serem observados, comparados, analisados a partir de sua estrutura narrativa, descritiva, expositiva ou argumentativa, servindo de exemplo para as produções dos alunos.

As produções, corrigidas pelo professor de modo a eliminar os erros cometidos, retornam aos alunos com uma nota e sem a oportunidade de serem revisadas, reavaliadas ou reescritas. Sendo assim, o ensino de redação ou de produção de texto, como passou a ser chamado mais recentemente, durante décadas privilegiou e em algumas escolas continua privilegiando, o produto texto e não algo que é fundamental para que o aluno desenvolva as suas habilidades como escritor, o processo de produção.

Conhecer e compreender as etapas do processo de escrita é um importante passo para quem pretende fazer de sua prática de ensino da língua algo mais eficaz e produtivo, assim como, compreender a escrita como uma atividade interativa que cumpre diferentes funções comunicativas. Não se trata de seguir modismos, mas de se apropriar de conhecimentos necessários para se explorar a escrita em sala de aula de forma contextualizada e processual.

Vieira (2005, p. 79) observa que é o conhecimento do processo de redigir que vai dar ao professor de redação os subsídios para fundamentar a didática da escrita e orientará as escolhas metodológicas:

de nada adianta seguirmos os últimos modismos didáticos na área, se desconhecermos o que um redator faz exatamente ao escrever um texto. É importante saber por que é difícil aprender a redigir, quais são as maiores dificuldades envolvidas na produção de um texto, como as crianças escrevem e se desenvolvem como redatoras, quais os comportamentos característicos dos bons e dos maus redatores, etc. É a compreensão de todos estes aspectos que nos possibilitará transformar o quadro do ensino da redação em nossas escolas, contribuindo, de fato, para o crescimento da habilidade de escrever de nossos alunos. (VIEIRA, 2005, p. 80)

É importante que os professores compreendam e dominem conceitos teóricos sobre texto e aprendizagem visando escolher e criar práticas pedagógicas adequadas que promovam as diversas habilidades e competências escritas de seus alunos.

As aulas de redação com temas livres e produções para serem corrigidas pelo professor com o objetivo de atribuir notas são um verdadeiro martírio para os alunos que reagem a esse tipo de atividade com reclamações, com textos produzidos de qualquer modo ou até mesmo não realizando nenhuma produção escrita.

A visão que muitos professores têm da escrita como um produto e não como um processo e as práticas que refletem essa visão têm contribuído ao longo dos anos para que os alunos sintam cada vez mais dificuldade e desinteresse pela atividade de produzir textos em sala de aula.

Ainda é comum, mesmo com a difusão do trabalho com os gêneros textuais a partir do que propõe os Parâmetros Curriculares Nacionais, o ensino de redação em que o professor dedica-se a apresentar as tipologias textuais narração, descrição e dissertação e a propor temas totalmente descontextualizados para que os alunos produzam a partir de um modelo, dentro de uma dessas estruturas, um texto para ser lido e avaliado pelo professor, que muitas vezes considera em sua avaliação apenas aspectos gramaticais.

Os alunos acostumados ano após ano a essa prática mecânica produzem seus textos preocupados em preencher o número de linhas solicitadas pelo professor. Eventualmente, alguns alunos preocupam-se também em escrever dentro da norma padrão, mas esquecem de outros aspectos importantes na produção de um texto.

Os textos são produzidos, na maioria das vezes, exclusivamente para o professor, que terá acesso ao conteúdo das linhas com o intuito de corrigir e atribuir

nota. Caso não seja uma atividade que valerá nota, corre-se o risco dela não ser executada por uma parte dos alunos.

A prática mecânica, que se inicia com uma proposta de tema livre ou descontextualizada, é concluída quando o professor devolve o texto ao aluno cheio de marcações com uma nota equivalente ao número de erros encontrados no texto.

Em uma próxima aula de redação, que pode ocorrer em um dia não tão próximo assim, porque novos conteúdos serão explorados nas aulas de língua portuguesa de forma isolada, novo tema será sugerido para que os alunos produzam outros textos na tentativa de saírem-se melhor na produção seguinte.

Desse modo, não se deve esperar que os alunos desenvolvam habilidades necessárias para se tornarem bons escritores e muito menos se pode esperar que eles sintam prazer em executar uma atividade que somente representa para eles uma obrigação escolar sem sentido, artificial e mecânica.

Silva e Silva (2013, p. 83) destacam que em um contexto político-social que exige cada vez mais o exercício pleno da cidadania, atividades de leitura e escrita precisam ser conduzidas de forma contínua e sistematizada. Porém, como bem confirmam as autoras, ainda encontramos contextos em que o ensino de redação é realizado de forma assistemática, espontânea e improvisada.

A aula de redação acontece, muitas vezes, quando o professor precisa preencher um tempo da aula de gramática que teve seu conteúdo finalizado antes do tempo previsto. Outras vezes a aula acontece às vésperas de datas comemorativas, dia das mães, dia dos pais, porque certas datas motivam temas para as produções. Quem na vida escolar não se deparou com a proposta de produção textual que pedia para falar sobre suas férias é um caso raro. Além, da própria concepção de aula de redação, em lugar de produção de textos.

O fraco desempenho dos alunos ao produzir textos nas séries finais do ensino fundamental e médio é uma consequência de práticas de ensino da escrita que mais inibem os escritores em formação do que os estimulam a produzir textos escritos, práticas que não levam em consideração o aspecto comunicativo do ato da escrita, isto porque, não se promovem produções de textos que estejam realmente relacionados com as diferentes esferas comunicativas, tal como se propõe com os gêneros.

Práticas pedagógicas de ensino da escrita que mais desestimulam os alunos a escreverem, que fazem com que eles pensem que produzir vários textos para serem corrigidos pelo professor fará deles bons escritores, têm contribuído para que habilidades importantes não sejam desenvolvidas prejudicando na formação dos escritores.

As mudanças no ensino da escrita devem acontecer desde o estímulo dado ao aluno a escrever até a forma de como avaliar o texto. A visão de que o professor é o único capaz de identificar problemas nos textos e o único capaz de contribuir no processo de escrita dos alunos também precisa ser revista.

Sobre o ensino da escrita, Vieira (2005, p. 80) esclarece que

para ensinar a redigir é preciso, antes de mais nada, que o professor tenha em mente que a escrita é uma atividade comunicativa e que desempenha funções definidas cada vez mais diversificadas no dia-a-dia de uma sociedade letrada.

Segundo a autora, a consequência natural do caráter dialógico da escrita para seu ensino é que não faz sentido praticar o ato de redigir para fins puramente escolares, sem propósitos comunicativos definidos e sem ter em mente uma audiência, elementos ignorados em várias propostas de atividade de produção textual durante décadas.

A partir do momento que o aluno passa a ter aulas de produção textual com um objetivo que não seja apenas de produzir um texto para obter nota, mas para expressar algo para um possível leitor que não se limita ao professor, a dinâmica da atividade muda.

Vieira (2005, p. 81) afirma que a consideração da funcionalidade da escrita é indispensável para despertar o prazer de escrever e que a consciência da audiência é o que impulsiona o texto que está sendo produzido. A partir dessa perspectiva, compreende-se o grande desinteresse dos alunos em produzir um texto em suas aulas de produção textual que não levam em consideração que a escrita é um ato comunicativo. Escrever o que, para que e para quem são questionamentos que talvez não passem conscientemente pela cabeça dos alunos, mas que se passarem pela cabeça do professor e fizerem parte da proposta de produção poderão colaborar bastante no desenvolvimento da atividade.

O aluno precisa ser orientado a assumir determinadas posturas diante do seu texto. Mais do que ser informado sobre a quantidade de linhas que o texto deve ter, se a sequência deve ser narrativa, descritiva ou dissertativa e que ele deve utilizar a norma padrão da linguagem, ele precisa ser conscientizado de que o bom redator não se preocupa apenas com o modo como o texto é escrito, mas também como será lido, como coloca Vieira (2005, p. 82).

O ensino de produção textual na escola necessita de professores conscientes de que escrever, ou seja, produzir textos é uma atividade difícil porque implica realizar operações mentais de naturezas diferentes e conflitantes, satisfazendo a um grande número de exigências simultaneamente, como explica Vieira (2005, p. 82). Conscientes das dificuldades e habilidades envolvidas, eles podem orientar e organizar a atividade em etapas, não apenas solicitarem que produzam um texto sobre determinado tema e esperarem que os alunos sozinhos aprendam a conciliarem as operações mentais exigidas para a realização da atividade. Dessa forma,

elaborar um texto escrito é uma tarefa cujo sucesso não se completa, simplesmente pela codificação das ideias ou das informações, através de sinais gráficos. Ou seja, produzir um texto escrito não é uma tarefa que implica apenas o ato de escrever. Não começa, portanto, quando tomamos nas mãos papel e lápis. Supõe, ao contrário, várias etapas, interdependentes e intercomplementares, que vão desde o planejamento, passando pela escrita propriamente, até o momento posterior da revisão e da reescrita. Cada etapa cumpre, assim, uma função específica, e a condição final do texto vai depender de como se respeitou cada uma destas funções. (ANTUNES, 2003, p. 54)

Há variadas formas de se referir ao subprocessos ou habilidades envolvidas na produção de um texto conforme esclarece Vieira (2005, p. 83-84):

- ensaio, esboço, revisão e edição (Murray, apud Calkins, 1989);
- ensaiar escrever e passar a limpo;
- extrapolar e resumir;
- coletar e conectar;
- desenvoltura, coerência e precisão;
- gerar/organizar ideias, produzir texto e revisar (Bruce ET alli, 1983);
- elaboração, expressão, revisão (Hayes, 1996; Hayes y Flower, 1980);
- planificação, textualização, revisão (Nicasio, Sánchez e Marbán, 2002).

Independente da forma escolhida para descrever os componentes da escrita, a autora ressalta que há um consenso em admitir que eles envolvem

operações mentais de natureza diferente e conflitante e explica que tanto o pensamento analítico como o sintético são igualmente requeridos, dependendo do subprocesso que está sendo atualizado. Citando Smith (1982, p. 82), que recorre aos conceitos de composição e de transcrição, ela expõe que a atividade de compor diz respeito à geração, seleção, organização de ideias e sua tradução em linguagem e que a atividade de transcrever refere-se ao ato físico de registrar as palavras.

As duas atividades são impossíveis de serem realizadas ao mesmo tempo, pois são processos cognitivos de naturezas distintas:

do ponto de vista prático, os dois aspectos são concorrentes. Isto quer dizer que quanto mais atenção dispensamos a fatores como correção formal, grafia, aparência do texto, menos nos dedicamos à composição. Por outro lado, a busca das ideias, a luta com palavras e construções prejudica a forma final do texto, a grafia das palavras e até mesmo a letra. (VIEIRA, 2005, p. 84)

A solução pedagógica apontada pela autora para lidar com as duas faces contraditórias da escrita é separar as duas atividades: primeiro levar o aluno a compor, sem se preocupar com a transcrição; depois orientá-lo para revisar e reescrever o texto, ou seja, o rascunho é algo que não deve ser ignorado e a revisão deve ser compreendida como uma atividade importante que faz parte do processo de redigir.

Já Antunes (2003, p. 54) ao se referir ao processo da escrita afirma que ela compreende etapas distintas e integradas de realização que vão desde o planejamento, passando pela escrita propriamente, até o momento posterior da revisão e da reescrita e que a condição final do texto vai depender de como se respeitou as funções exercidas por cada etapa.

O planejamento inclui a delimitação do tema do texto e aquilo que lhe dará unidade, a eleição dos objetivos, a escolha do gênero, a delimitação dos critérios de ordenação das ideias e a previsão das condições dos leitores e a forma linguística mais formal ou menos informal que o texto deve assumir (Antunes, 2003, p. 55).

De acordo com a autora, a segunda etapa corresponde a tarefa de registrar o que foi planejado, tomando decisões de ordem lexical e de ordem sintático-semântica, conforme o que foi planejado e as condições concretas da situação de comunicação e atentando para garantir sentido, coerência e relevância.

E a terceira etapa, da revisão e da reescrita, corresponde a análise do que foi escrito para quem escreve confirmar se os objetivos foram cumpridos, se conseguiu a concentração temática, se há coerência e clareza no desenvolvimento das ideias, se há encadeamento entre os segmentos do texto, se há fidelidade às normas da sintaxe e da semântica, se respeitou aspectos da superfície do texto como ortografia, a pontuação e a divisão do texto em parágrafos (Antunes, 2003, p. 55-56).

Cada etapa desse processo envolve várias decisões que devem ser tomadas pelo redator que podem ser orientadas pelo professor, por outro redator mais experiente ou por um colega de sala que se coloque na posição de possível leitor do texto apontando os problemas identificados.

Assim, a abordagem da atividade de escrita como um processo permite ao professor elaborar aulas de produção textual que promovam o desenvolvimento de habilidades de escrita que até então eram ignoradas por eles em suas práticas, mas cobradas dos alunos durante a correção do texto.

Vieira (2005, p. 86) explica que a escrita pode ser simplificada para fins de ensino e que é possível exercitar em separado habilidades de escrita, mas que isso não dispensa a redação de textos completos. A autora alerta que nessa abordagem da escrita como processo, o professor deve cuidar para que a escrita não seja percebida pelos alunos como uma atividade fragmentada e destaca que nenhuma abordagem para o ensino da escrita é exclusiva. Para essa autora,

a redação requer método múltiplo, já que envolve diferentes tipos de capacidades e habilidades. E nada substitui o bom senso do professor. Assim, por exemplo, se ele julgar necessário reforçar determinados padrões de texto, recorrendo à abordagem imitativa, estará procedendo de forma adequada. Da mesma maneira, poderá usar estratégias de liberação da linguagem na fase de geração de ideias, ou reforçar os recursos de interação verbal professor-aluno ou aluno-aluno nas atividades de revisão de textos. (VIEIRA, 2005, p. 87)

Além de compreender que a escrita é um processo que pode ter alguns dos seus componentes isolados para serem trabalhados em sala de aula, o professor de língua portuguesa também precisar estar consciente de outros fatores importantes na formação de bons escritores, entre eles o de que a frequência em redigir também é algo fundamental e de que o incentivo ao hábito da leitura em sala de aula contribui para a capacidade de redigir. Assim,

a apropriação da escrita pela leitura é tão importante, que as aulas de redação não podem se limitar a atividades com lápis e papel. É preciso que elas contenham momentos de leitura, em que os alunos se voltem para a observação de textos, que aprendam a lidar com seus padrões de organização, com as intenções do autor, que possam perceber como se executam diferentes modalidades de usos da escrita. (VIEIRA, 2005, p. 88)

A autora também menciona que as correções feitas pelo professor na versão final da composição não ajudam a melhorar a escrita. Assim, os comentários, as sugestões e correções são úteis e significativos para os alunos durante o processo de escrita, ou seja, nas etapas em que eles estão elaborando o texto, nos rascunhos.

Escrever com frequência em sala de aula não significa escrever um novo texto em cada aula, mas reescrever o texto revisando, procurando possíveis falhas ou formas mais interessantes e claras de se expressar. Sob a orientação do professor, os alunos devem aprender a analisar os próprios textos e precisam ter a oportunidade de reescrevê-los, modificá-los, caso necessário, mais de uma vez. Antunes (2003, p. 59) ao buscar compreender a qualidade dos textos produzidos pelos alunos considera:

possivelmente, a qualidade, por vezes pouco desejável, dos textos escritos por nossos alunos se deva também à falta de oportunidade para que eles planejem e revejam esses textos. A prática das “redações” escolares – normalmente realizadas num limite escasso de tempo, frequentemente improvisada e sem objetivos mais amplos que aquele de simplesmente escrever – leva os alunos a produzir textos de qualquer maneira, sem um planejamento prévio e, ainda, sem uma diligente revisão em busca da melhor forma de dizer aquilo que se pretendia comunicar.

É preciso que o aluno encare o texto não como algo que ele tem que fazer para se livrar de uma obrigação, mas algo que ele precisa trabalhar e aperfeiçoar para alcançar o outro, o seu interlocutor, e fazer com que esse outro interaja.

Desse modo, faz-se necessário que o professor deixe claro para o aluno que ele não espera que o texto fique bom na primeira tentativa e lhe proporcione as oportunidades de repensar e reescrever seu texto e até mesmo lhe proporcione a oportunidade de ler o texto do outro com o objetivo de colaborar, de contribuir como revisor, como crítico ou lhe proporcione a oportunidade de escrever em parceria, de

participar de uma construção conjunta que lhe tire o peso de tomar as decisões sozinho.

Igualmente se faz necessário que o aluno esteja consciente de que seu texto deve ser produzido tendo em mente um provável leitor que não é seu professor, mas alguém que, dentro do gênero produzido, seria seu leitor. Antunes (2003, p. 46) diz que essa outra pessoa é a medida, é o parâmetro das decisões que devemos tomar acerca do que dizer, do quanto dizer e de como fazê-lo.

Para Antunes (2003, p. 47), “o professor não pode, sob nenhum pretexto, insistir na prática de uma escrita escolar sem leitor, sem destinatário; sem referência, portanto, para se decidir sobre o que vai ser escrito”. Em função disto, é importante ressaltar que o aluno ao escrever precisa saber que os diversos usos da escrita cumprem diferentes funções comunicativas e dependendo da função que determinado texto tem dentro do contexto social em que está inserido ele tomará forma diferente.

Antunes (2003, p. 48) ressalta que escrita varia, na sua forma, em decorrência das diferenças de função que se propõe cumprir e, conseqüentemente, em decorrência dos diferentes gêneros em que se realiza. Assim, é importante que o aluno em sala de aula tenha acesso a variados gêneros que são utilizados na nossa sociedade e tenha conhecimentos necessários não só para compreendê-los, mas também para produzi-los.

2.2 Os gêneros textuais na sala de aula

Apesar da constante menção ao *gênero textual* no discurso de vários professores de língua portuguesa em sala de aula não é raro que ainda haja problemas quanto à sua compreensão, como, por exemplo, a confusão entre gêneros e tipos textuais.

Neste sentido, Marcuschi (2010, p. 26) define gênero como formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos.

O autor esclarece que a expressão gênero textual refere-se aos textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais,

estilo e composição característica e distingue da expressão tipo textual que designa uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas).

Assim temos inúmeros gêneros textuais como o bilhete, a carta pessoal, a notícia jornalística, a receita culinária, a piada, bate-papo por computador e alguns tipos textuais como narração, descrição, argumentação, exposição e injunção.

A confusão com o uso da expressão que até algum tempo atrás era utilizada na escola com um sentido literário identificando os gêneros clássicos (lírico, épico, dramático) e os gêneros modernos (drama, conto, romance) tornou-se mais evidente a partir da divulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1998, que indicavam os gêneros textuais como base para os trabalhos com textos em sala de aula.

Mikhail Bakhtin, pensador russo que se dedicou aos estudos da linguagem e da literatura, foi quem ampliou o emprego da palavra gêneros referindo-se também aos textos que empregamos nas situações cotidianas de comunicação, ou seja, ele foi o primeiro a utilizar o termo gênero para se referir aos textos orais e escritos que produzimos nas variadas situações de comunicação. De acordo com essa premissa

a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Esses três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolavelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 1997, p. 279)

É essa a concepção de gêneros do discurso que se pode observar nos PCNs. O documento elaborado para difundir os princípios da reforma curricular e orientar os professores na busca de novas abordagens e metodologias apresenta sua proposta de trabalho dentro da perspectiva sociointerativa da língua, na qual ela é vista como uma atividade social, histórica e cognitiva.

De acordo com Marcuschi (2010, p. 23), essa noção de língua privilegia a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua, assim como afirma o caráter de indeterminação e ao mesmo tempo de atividade constitutiva da língua, o que equivale a dizer que a língua não é vista como um espelho da realidade, nem como instrumento de representação dos fatos. O autor explica que quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa destacam que o domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidade de plena participação social.

Assim, segundo o documento, cabe à escola promover a ampliação dos conhecimentos prévios dos alunos, de forma que, progressivamente, durante os oito anos do ensino fundamental, cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações.

Ressaltando que a importância e o valor dos usos da linguagem são determinados historicamente segundo as demandas sociais de cada momento, os Parâmetros Curriculares Nacionais explica que atualmente exigem-se níveis de leitura e de escrita diferentes dos que satisfizeram as demandas sociais de até bem pouco tempo, e a necessidade de atender a essa demanda, obriga a revisão dos métodos de ensino e à constituição de práticas que possibilitem ao aluno ampliar sua competência discursiva na interlocução.

A partir dessa perspectiva, o documento justifica que não é possível tomar como unidades básicas do processo de ensino as que decorrem de uma análise de estratos que descontextualizados, são normalmente tomados como exemplos de estudo gramatical e que pouco têm a ver com a competência discursiva, elegendo o texto como unidade básica do ensino.

Consequentemente, os textos organizam-se obedecendo a certas restrições de natureza temática, composicional e estilística que os caracterizam como pertencentes a estes ou aquele gênero, os Parâmetros Curriculares Nacionais

também acentuam que a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino.

Desse modo, o gênero passa a ser de acordo com as orientações curriculares o centro do trabalho com textos em sala de aula, sejam eles orais ou escritos.

O documento recomenda a diversidade de textos e gêneros nas atividades de ensino, não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, a compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõe o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino.

Os gêneros sempre estiveram presentes nas salas de aula, no entanto, as orientações apresentadas no documento indicam uma nova forma de ensinar, de proporcionar aos alunos as experiências de letramentos. Portanto,

no afã de favorecer a aprendizagem da escrita de textos, a escola sempre trabalhou com gêneros, mas restringe seus ensinamentos aos aspectos estruturais ou formais dos textos. É justamente essa desconsideração de aspectos comunicativos e interacionais que contribui para que os alunos e professores se preocupem mais com a forma do texto do que com a sua função e, conseqüentemente, o texto seja visto como um formulário preenchido (para leitura) ou a preencher (para a escrita). (BEZERRA, 2010, p. 44)

Sobre o ensino da língua a partir do enfoque do gênero, Marcuschi (2010, p. 38) considera:

pode-se dizer que o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia a dia. Pois nada do que fizermos linguisticamente estará fora de ser feito em algum gênero. Assim, tudo o que fizermos linguisticamente pode ser tratado em um ou outro gênero. E há muitos gêneros produzidos de maneira sistemática e com grande incidência na vida diária, merecedores de nossa atenção. Inclusive e talvez de maneira fundamental, os que aparecem nas diversas mídias hoje existentes, sem excluir a mídia virtual, tão bem conhecida dos internautas ou navegadores da internet.

A partir das orientações curriculares o tema gênero textual na escola tornou-se mais constante, assim como a necessidade de focar no trabalho com o

texto. Desse modo, os autores dos livros didáticos buscaram adaptar-se às recomendações trazendo uma variedade maior de gêneros nas unidades de estudo. No entanto, a forma como são tratados nas obras nem sempre contemplam o que indicam as orientações, já que

uma análise dos manuais de ensino de língua portuguesa mostra que há uma relativa variedade de gêneros textuais presentes nessas obras. Contudo, uma observação mais atenta e qualificada revela que a essa variedade não corresponde uma realidade analítica. Pois os gêneros que aparecem nas seções centrais e básicas, analisados de maneira aprofundada são sempre os mesmos. Os demais gêneros figuram apenas para “enfeite” e até para a distração dos alunos. São poucos os casos de tratamento sistemático dos gêneros. Lentamente surgem novas perspectivas e novas abordagens que incluem até mesmo aspectos da oralidade. Mas ainda não se tratam de modo sistemático os gêneros orais em geral. Apenas alguns, de modo particular os mais formais, são lembrados em suas características básicas. (MARCUSCHI, 2010, p. 38)

Alguns gêneros acabam sendo privilegiados nos livros didáticos para que os alunos realizem atividades de leitura, reflexão e análise linguística e produção textual. As coleções de livros geralmente justificam que a seleção e escolha dos gêneros em estudo no livro se dão em função da circulação, ou seja, os gêneros com os quais o aluno tem contato em seu dia a dia, na escola e fora dela e também em função das capacidades de linguagem que constituem as práticas de uso da linguagem e que distribuem os gêneros por cinco domínios: o narrar, o expor, o relatar, o argumentar e o instruir.

Assim, gêneros literários, de imprensa, publicitários e de divulgação científica são bastantes frequentes nos livros didáticos acompanhados de atividades que buscam fazer com que o aluno reconheça as características do gênero através de questões que exploram a observação do texto escolhido para o capítulo e de propostas de produção textual que fazem parte de algum projeto sugerido pelo livro como montagem de mural, confecção de um jornal da escola, livro de poesia, etc.

No entanto, o fato de estarem presentes no livro didático, e conseqüentemente, fazendo parte do conteúdo didático explorado em sala de aula, não significa dizer que os gêneros sejam trabalhados como indicam as orientações dos documentos oficiais. Os textos literários, por exemplo, que precisaram dividir o espaço da sala de aula com outros gêneros, passaram a ser negligenciados, prejudicando outro letramento que deve ser promovido pela escola, o letramento literário.

A escolha dos textos e dos gêneros abordados nos livros e trabalhados na sala de aula muitas vezes é feita com critérios que inviabilizam o contato e a leitura de textos importantes na formação do leitor proficiente nos variados gêneros. Dessa maneira, comumente a escolha é feita somente pela temática, pelo tamanho, por ser contemporâneo, por exemplo.

Cosson (2014b, p. 13) observa que a leitura dos fragmentos de textos literários presentes no livro didático não forma o leitor do livro. A obra literária, na sua integridade, fica para depois ou fora dos limites da escola, o que tira do leitor em formação a oportunidade de desenvolver uma leitura literária assistida, orientada. Sobre o desaparecimento ou o estreitamento do espaço da literatura na escola, o autor observa:

as antologias dos livros didáticos de Língua Portuguesa, espaço tradicionalmente destinado à literatura na escola, são agora fragmentos recortados, adaptados ou condensados de gêneros, modalidades, contextos culturais e temas que passam ao largo da literatura. No melhor dos casos, os textos literários se perdem entre receitas culinárias, regulamentos e roteiros de viagem, pôsteres publicitários, bulas de remédio e textos jornalísticos que são esmagadora maioria. (COSSON, 2014b, p. 13)

O autor afirma que essa nova organização do livro didático está de acordo com as teorias mais recentes do ensino de língua, as quais pressupõem que o leitor competente é formado por meio do contato com textos de uso social variado e ressalta que o texto literário cede lugar a outros tipos de textos devido ao seu caráter artístico, que não apresenta regularidade para servir de modelo ou exemplo para o ensino da escrita. Sendo assim, o letramento literário acaba sendo esquecido.

Gêneros como quadrinhos são frequentes nas coleções, porém, na maioria das vezes são utilizados apenas para explorar questões de análise gramatical. As histórias narradas nos quadrinhos abrangem variados temas, personagens, situações e recursos que merecem ser explorados em atividades de leitura, interpretação, compreensão e produção de texto, mas as atividades não vão muito além de perguntas sobre o que provocou humor na tira e a qual classe gramatical pertence a palavra destacada no terceiro quadrinho.

Já os gêneros textuais digitais, tão presentes no dia a dia dos alunos, ainda são pouco abordados nos livros didáticos e pouco explorados em sala de aula,

deixando outra lacuna nos letramentos que devem ser proporcionados pela escola, o letramento digital, também recomendado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Dentre os objetivos do ensino fundamental os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam que os alunos devem ser capazes de utilizar diferentes linguagens como meio para produzir, expressar e comunicar ideias, interpretar e usufruir das produções culturais em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicações e também ser capazes de utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos, ou seja, os alunos do ensino fundamental devem ser submetidos ao letramento digital que deve capacitá-los para atingir os dois objetivos citados.

Para atingir esses objetivos, os gêneros textuais digitais também devem se fazer presentes no contexto da sala de aula tanto em atividades que exploram a leitura, a observação das características e a produção textual como os demais gêneros.

O estudo dos e-gênero, como esses gêneros textuais digitais são denominados, deve ultrapassar os limites da universidade e integrar-se a prática escolar ampliando os horizontes da escrita e da leitura dos alunos.

A escola gradual e lentamente vem buscando se preparar para as modificações nas formas de utilização da linguagem ocorridas a partir da expansão das novas tecnologias de comunicação e tem buscado inserir as práticas escolares aulas em laboratórios de informática com o intuito de promover a inclusão digital e de desenvolver habilidades de leitura e escrita nesse novo espaço que tanto interessa e atrai a nossa sociedade. Assim, os gêneros textuais digitais devem ser cada vez mais explorados para que o letramento digital ocorra de verdade nas escolas juntamente com outros letramentos.

2.3 *Fanfiction* – um novo gênero abordado na sala de aula

No decorrer do desenvolvimento das tecnologias digitais da informação e da comunicação surgiram diversos gêneros textuais como o *e-mail*, bate-papo virtual (*chat*), *blog*, listas de discussão etc. que foram denominados de gêneros textuais digitais.

Alguns desses gêneros que circulam na *internet* são reconfigurações de gêneros da cultura escrita impressa e outros foram originados a partir da cultura escrita digital.

A *fanfiction* não é um gênero gerado pelos ambientes virtuais, mas foi nesse ambiente que se popularizou e se diversificou. O termo originado a partir das palavras em inglês *fan* e *fiction* designa uma história fictícia criada por fãs com base em uma obra original. Desse modo, a partir de um livro, quadrinhos, anime, filme ou série de TV, ou seja, narrativas midiáticas, ou ícones culturais, como bandas e atores favoritos, os fãs produzem seus textos, sem caráter comercial ou lucrativo, publicando-os atualmente em *sites* ou *blogs*.

As *fanfictions* ou *fanfics*, inicialmente eram divulgadas em fanzines, publicações impressas nas quais fãs trocavam informações sobre um determinado produto. Assim,

nos fanzines existia um espaço dedicado às pessoas poderem escrever suas próprias histórias baseadas nos textos originais, as chamadas fanfictions. A fanfiction surgiu da necessidade dos leitores/espectadores de uma obra, seja ela literária, cinematográfica, televisiva, história em quadrinhos, animes, entre outras obras de ficção, desenvolverem um enredo que tenha relação com a obra original, mas que possa ter o olhar deste leitor, ou seja, que ele possa modificá-lo e interagir com aquilo que o autor da obra original já tenha escrito. (TENÓRIO, 2013, p. 4)

O advento da *internet* proporcionou a possibilidade dos fãs se comunicarem e divulgarem suas histórias através de *blogs* e *sites* onde suas *fanfictions* passaram a ser publicadas.

Tenório (2013, p. 4) ressalta que a mudança do papel para o ambiente digital diminuiu custos de publicação, facilitou o acesso ao seu conteúdo e, conseqüentemente, ampliou o número de leitores. Outra vantagem da publicação no ambiente digital, apontada pela autora, é a oportunidade de interação entre outros fãs que podem opinar sobre o texto publicado, dialogando com o autor, já que

a produção de fãs na grande rede é território de interação e liberdade criativa, troca de impressões e habilidades, desenvolvimento comunicativo, maior apropriação do sistema linguístico materno, possível aprimoramento de uma segunda língua, livre produção textual e de uma linha editorial possível para os milhões de jovens escritores. (CRUZ, 2008, p. 2)

A interação entre os fãs através da *internet* possibilitou a colaboração nos textos. Os comentários dos leitores sobre o enredo e a forma como a *fanfiction* foi escrita tornam estes sujeitos ativos na situação de comunicação. Dessa maneira,

as fanfictions são frequentemente metalinguísticas, porque os autores começam a pensar sobre como escrevem, sobre seu domínio da língua, especialmente a partir dos comentários que recebem a cada capítulo publicado vão moldando e remoldando seu texto, em forma e conteúdo, de maneira essencialmente colaborativa, ou ainda através da leitura de revisores (betaleitores) e mesmo com a composição de textos a quatro ou mais mãos. (BLACK apud AZZARI e CUSTÓDIO, 2013, p. 75)

O gênero classificado, por *blogs* especializados no assunto, como narrativo e dramático, pode apresentar uma mistura de uma história original com outro contexto, pode apresentar a união de histórias de universos diferentes criando uma única história, pode apresentar novos personagens criados pelo autor da *fanfiction* para interagir com os personagens da história original, pode apresentar modificações no enredo. A estrutura do texto que é predominantemente narrativa também apresenta a forte presença de diálogos.

O gênero textual *fanfiction* que, de acordo com Azzari e Custódio (2013, p. 74), engloba a escrita criativa, a metalinguagem e pertence a uma base de fãs (*fandom*) em meios eletrônicos, é caracterizado nos *sites* quanto à extensão, quanto à estrutura, quanto à temática, quanto a avisos, quanto ao gênero literário em que o autor se propõe a escrever. Assim,

segundo o processo para a publicação faz-se preciso uma classificação de todo o material produzido pelo fã, o qual irá determinar a qual público sua *fanfiction* pretende atingir. O sistema de classificação geralmente usado nos sites de *fanfictions* é mesmo dos filmes e programas de TV: G, para a audiência em geral; PG, para crianças a partir de 8 anos; PG-13, para adolescente a cima de 13 anos; R, para jovens menores de 16 anos e NC-17 apenas para 'adultos' com mais de 18 anos. Essa classificação é feita, levando em consideração linguagem, violência e temas adultos como morte e sexo. (CRUZ, 2008, p. 8)

O *blog* Liga dos Betas apresenta as variadas classificações que informam aos leitores o que eles vão encontrar ao ler o texto. Quanto à extensão termos como “*drabble*” indicam uma história escrita com cem palavras, “*oneshot*” é uma *fanfiction* que contém somente um capítulo, “*shortfics*” histórias breves escritas em poucos capítulos ou “*longfics*” histórias longas em muitos capítulos.

Quanto à estrutura temos a classificação de “Canon” quando a *fanfiction* segue o cânone, ou seja, a história é fiel à original em termos de caracterização de personagens e manutenção dos casais. *Fanfictions* que misturam universos (*fandoms*) diferentes recebem o nome de “crossover”, outras com cenas depressivas abundantes, com atmosferas sombrias e situações angustiantes são denominadas “*darkfic*”, o contrário dessas são chamadas de “*waffy*”.

Com relação à temática, as histórias podem ser classificadas como “amizade” quando narram sobre amizade em geral, “*citrus*” são *fanfictions* sobre romances adultos, que podem ou não conter cenas de sexo, “*lolicon*” são *fanfictions* sobre um romance entre uma mulher mais nova e uma pessoa mais velha etc.

Quanto a avisos, “*deathfic*” significa que pelo menos um personagem principal morre na *fanfiction*, “*fanon*” indica a presença de ideias já propagadas em outras *fanfictions* e que se tornaram tão populares quanto à obra original, “*Original Character*” quando a *fanfiction* possui algum personagem criado pelo autor da *fanfiction* e “*Out of Character*” quando a personagem age de forma diferente do habitual.

O estilo da *fanfiction* pode ser “*fluffy*” quando é extremamente açucarada, “*self inserction*” quando o escritor participa da trama interagindo com os personagens, “realidade alternativa” quando a *fanfiction* é escrita com os mesmos personagens e locais daqueles criados pelo autor original, porém um dos fatos muda.

Quanto ao gênero temos as classificações ação, aventura, terror, comédia, drama, fantasia, ficção científica, mistério, humor negro, suspense, romance etc.

Os termos utilizados para se categorizar as *fanfictions* são muitos e permitem perceber as diversas possibilidades de interferências e modificações que os escritores fazem nas obras originais a partir da sua criatividade.

Sobre a constituição do gênero digital *fanfiction*, Clemente (2013, p. 62) destaca que ele

constitui-se não somente pelo fã, mas por elementos como plataformas (sites, blogs, rede social, fanpages) em que obras artísticas de múltiplas vertentes são dispostas em categorias, desse modo, os leitores/usuários/fanfics mantêm as regras para ser “fanfiqueiro” e escrevem as *fanfic* ou apenas *fic* ou são admiradores e seguidores de um escritor de *fic*s. As regras são rígidas e encaradas com seriedade por todos os sujeitos sociais que compõem as comunidades ficcionais.

O fã escritor e o fã leitor do gênero *fanfiction* geralmente são adolescentes ou jovens adultos consumidores da cultura popular. Harry Potter, Senhor dos Anéis, livros da saga Crepúsculo, mangás e animes despertam o gosto dos jovens que formam grupos de fãs que além de serem consumidores querem ser produtores de histórias com seus personagens favoritos.

O interesse em ler e escrever que o gênero tem despertado nos jovens que acessam o ambiente virtual e que consomem a cultura popular faz da *fanfiction* um gênero textual muito bem-vindo à sala de aula. Nesta direção, Cosson (2014b, p. 119) vê de forma positiva a inserção do gênero na escola ao se referir a *fanfiction* como uma prática de leitura bastante relevante para o letramento literário, no entanto, alerta que organizar uma *fanfiction* ou um *fandom* na escola requer alguns cuidados. O primeiro desses cuidados, de acordo com o autor, refere-se à questão da propriedade intelectual, pois alguns escritores não admitem o uso das suas criações. O segundo, diz respeito à preparação do professor para negociar as leituras dos produtos de cultura de massa, best-sellers, seriados de TV, cuidando para que sejam literárias, ao lado de leitura de obras que julgue mais relevante para a formação do leitor. Outro cuidado citado seria o de procurar não descaracterizar esse tipo de leitura, a relação precisa mesmo ser de fã para não se tornar apenas uma tarefa escolar feita na *internet*. Por último, o autor enfatiza que mais importante ainda é o cuidado com o produto mesmo da apropriação que não pode ser uma mera paráfrase do texto original, nem um mero pasticho do que já se encontra na *internet*.

Ainda de acordo com Cosson (2014b, p. 120), sobre a presença do gênero *fanfiction* na escola e sua relevância para o letramento literário este nota que “como qualquer prática de leitura interativa, o *fandom* precisa de orientação do professor para resultar no trabalho de participação e de criatividade que é a resposta do leitor ao texto que é referência para si e para a sua comunidade de leitores”.

O gênero digital *fanfiction*, além de servir de estímulo à leitura e à escrita e por envolver interesses e mídias da cultura popular e jovem, exige do professor e do aluno novas posturas nas aulas de leitura e de produção textual e também proporciona novos letramentos. De acordo com essa perspectiva,

as *fanfics* embora pareçam destituídas, em primeira instância, de uma função vital para a sociedade, são fruto das atividades artísticas de dezenas de milhões de pessoas ao redor do mundo. Em outras palavras, escrever fanfic é uma nova forma de contar histórias, prática antiga da humanidade, de relacionar realidade e ficção, não dissociada dos padrões e dos fenômenos sociais modernos: através dessas histórias [sic], adolescentes, jovens e adultos do mundo todo criam novas identidades (para si) e para personagens de universos pré-existentes, retratam valores da sociedade onde se inserem. (CAVALCANTI, 2010, p. 13)

A interação autor/leitor proporcionada pelo gênero *fanfiction* também é favorável ao processo de escrita dos alunos. Uma evidência disso é que a troca de experiências, sugestões e críticas dos leitores são colaborações importantes na formação de bons escritores, e, sendo assim,

um outro aspecto interessante é a possibilidade de, estando conectado com alguma rede, poder destinar os textos produzidos a leitores reais, ou interagir com outros colegas, também via rede, ampliando as possibilidades de interlocução por meio da escrita e permitindo acesso *on line* ao conhecimento enciclopédico acumulado pela humanidade. (BRASIL, 1998, p. 90)

Cruz (2008, p. 9) afirma que no espaço virtual onde as *fanfictions* são produzidas, publicadas e lidas, não há hierarquia de ensino, uns aprendem com os outros. As *reviews*, mensagens do leitor deixadas para o autor, funcionam como um auxílio, uma colaboração de um leitor, que muitas vezes também é autor de *fanfictions*, algo bem diferente da figura de um professor corretor que inibe e avalia seu texto e que centraliza em si a produção de texto.

A consciência da interlocução não apenas com o professor, mas com um público bem mais amplo, o da *internet*, passa a fazer com que o aluno tenha um compromisso maior com sua produção e que a considere como parte de uma cadeia de interação e interlocução.

O cuidado com a língua materna em sua norma padrão também é algo solicitado nessas produções. O *Nyah! Fanfiction*, um dos principais sites do Brasil criado para divulgar as séries originais e reunir fãs, apresenta regras gramaticais para reforçar aos usuários/coautores sobre a importância de escrever de acordo com o padrão culto da língua portuguesa. Vale destacar que

ultimamente tem surgido nos jovens produtores de *fanfiction*, um cuidado com a língua materna em sua norma padrão. A despeito de todo o alvoroço feito pelos puristas em torno do internetês que circula pelos *blogs*,

comunidades, *chats* e outros espaços de texto escrito na rede, os sites de *fanfiction* não aderiram a esse novo 'dialeto'. Tanto o FanFiction.net quanto o Alianca3vassouras.com têm uma seção com nomes e e-mails de fãs que se disponibilizam para editar as *fanfictions* um dos outros, esses editores são os chamados *Betareaders*, ou primeiros leitores. Embora não seja obrigatório o uso de um *betareader* do site em questão, é imperativo que todos os textos passem por uma revisão minuciosa, feita por um outro adolescente, tendo em vista a correção de erros de caráter ortográfico e/ou gramatical. (CRUZ, 2008, p. 8)

A *fanfiction* na sala de aula, como qualquer outro gênero, precisará passar pelo processo de *didatização*, já que o objetivo não é formar escritores de *fanfiction*, mas sim fazer conhecer e promover a leitura e a escrita em um ambiente que, apesar de familiar e bastante visitado, ainda é utilizado pelos alunos de forma bem limitada, o ambiente virtual.

A leitura de obras literárias pelos alunos também é algo bastante almejado pela escola. Talvez, partir da literatura valorizada pela cultura juvenil seja o caminho para estimular outras leituras e igualmente para desenvolver a escrita através do desafio de recriar um universo ficcional.

De acordo com Cavalcanti (2010, p. 13), escrever *fanfics* pode ser apenas um hobby, mas mesmo que o seja, tem seu teor político, exige do leitor conhecimento de regras, procedimentos e, principalmente, do universo que se desenvolve. Nesta direção, Clemente (2013, p. 80), ao defender a ideia de utilizar o gênero no contexto escolar, diz que:

a vivência dos alunos com as *fanfictions* possibilitam o aprofundamento de leituras do mundo, o processo de letramentos digitais e estimularia as atividades decorrentes do uso das habilidades linguísticas e a reconfiguração da compreensão textual do mundo seja impresso ou online.

De modo análogo, Cruz (2008, p. 11), ao refletir sobre a *fanfiction* na escola, conclui que:

obviamente, a inclusão do gênero textual *fanfiction* não iria solucionar os muitos problemas que a escola possui. Contudo poderia ajudar, aliando força com outras medidas, entusiasmando e estimulando os alunos, do mesmo modo que estimula e entusiasma os autores/leitores de *fanfiction* na rede.

Dessa forma, a inclusão do gênero *fanfiction* nas aulas de língua portuguesa, não representa mais um gênero a ser contemplado, ampliando a

variedade de gêneros textuais explorados na escola, mas precisa ser vista como um gênero que forma parte do letramento literário e do letramento digital.

2.4 As práticas de leitura na escola e o letramento literário

A leitura é uma atividade bastante valorizada em uma sociedade que a todo o momento utiliza práticas sociais que articulam a escrita e a leitura nos mais variados contextos. Pessoas que cultivam a leitura e sua prática em uma sociedade letrada são tidas como pessoas cultas, inteligentes, intelectualizadas e bem informadas. Apesar disso, ainda é rejeitada e criticada pelos alunos matriculados no ensino básico e por uma grande parte da população brasileira.

O desinteresse pela leitura e a pouca habilidade nessa atividade fica ainda mais explícito quando nos voltamos para a análise dos resultados dos programas nacionais de avaliação escolar que revelam a precariedade do sistema de ensino brasileiro no que se refere à formação de leitores. Esses resultados apontam que

em 2003, o Saeb apresentou os seguintes resultados na avaliação da compreensão leitora de alunos do ensino fundamental e médio: na quarta série do ensino fundamental, a compreensão leitora de 18,7% dos estudantes foi avaliada como muita crítica pelos critérios do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Em 36,7% das provas o resultado foi avaliado como crítico: em 39,7%, como intermediário. Somente 4,8% dos alunos obtiveram resultado adequado. (BORTONI– RICARDO e col. 2012, p. 11)

As avaliações traduzem uma realidade bem conhecida pelos professores: as salas de aula estão repletas de alunos que não leem e não dominam habilidades de leitura e escrita básicas. Assim, se deparam com alunos que não conseguiram desenvolver a compreensão leitora e ficaram estagnados na decodificação ou ainda alunos que ainda não despertaram para o prazer de uma boa leitura, de descobrir o mundo através da escrita e do conhecimento registrado através dela.

Diante de tal realidade, surgem questionamentos vários sobre como a escola e os professores vêm formando leitores como, por exemplo, que estratégias vêm sendo utilizadas para despertar o gosto dos alunos pela leitura? Qual a finalidade da leitura realizada em sala de aula? Que tipos de textos vêm sendo lidos

em sala de aula pelos alunos? Que obras literárias são trabalhadas? De que forma os professores realizam aulas de leitura?

Em cada sala de aula do país as respostas para essas perguntas serão variadas, pois cada sala de aula tem uma realidade diferente e vários fatores podem se combinar para explicar a falta de gosto pela leitura e a dificuldade que os alunos apresentam em compreender e interpretar o que leem. Assim, é preciso que cada professor reflita sobre o trabalho que vem desenvolvendo nas aulas de leitura, para tentar modificar uma realidade que tira do aluno a oportunidade de crescer e se desenvolver com boas leituras e a oportunidade de vivenciar através dos textos e livros situações inusitadas e emocionantes.

É preciso observar se nas práticas escolares de leitura os gêneros literários têm servido como pretexto para o ensino de aspectos gramaticais da língua, como um objeto de interpretação com respostas prontas que só o professor conhece ou como um passatempo que pode ou não agradar o gosto pessoal do aluno.

É preciso saber se a leitura literária na escola tornou-se uma atividade enfadonha que justificaria o grande desinteresse dos alunos por ela quando o propósito seria o inverso.

Assim é preciso analisar e repensar as práticas adotadas na escola e em sala de aula para saber onde está o problema no trabalho feito com a leitura no que se refere à formação de leitores competentes nos diversos gêneros que circulam em nossa sociedade e em especial onde está o problema na formação de leitores de textos literários.

Sabe-se que a formação de um bom leitor começa antes mesmo da criança iniciar os estudos, antes mesmo da alfabetização. O processo começa em casa, na família, com o estímulo ao contato com os livros, com as histórias infantis lidas, contadas e recontadas diversas vezes pelos pais e adultos mais próximos, com o convívio com outros leitores.

Porém, como muitas famílias não cultivam o hábito de ler, o primeiro contato com o mundo dos livros e da leitura muitas vezes só acontece na escola e a ela caberá formar o leitor. Não apenas aquele leitor que decodifica os textos e os compreende de forma reduzida identificando informações explícitas em fragmentos

de textos de gêneros diversos, mas o leitor de obras literárias, o leitor que ler por fruição, o leitor crítico, que precisa reagir ao texto se posicionando.

Sob essa perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 41) evidenciam:

formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos que permitam fazê-lo.

À escola coube o papel de ser o principal meio de interação entre a leitura e os futuros leitores. Coube a ela à função de despertar em cada um dos estudantes matriculados o gosto pela leitura e também a função de desenvolver as habilidades necessárias para a formação de um leitor competente dos diversos textos que circulam na sociedade.

No entanto, a escola não tem obtido muito sucesso nessas tarefas. Em sala de aula, professores se deparam com um número significativo de alunos que dizem não gostar de ler, que admitem nunca terem ido à biblioteca da escola por livre espontânea vontade, que reclamam de atividades em sala que envolvam leitura, alunos que tiram notas muito baixas em avaliações com questões de interpretação de textos, sejam elas objetivas ou subjetivas.

As avaliações externas confirmam o que se observa no dia a dia da sala de aula. Os dados revelam que os alunos não dominam habilidades de leitura necessária para compreender e interpretar os textos das provas. Dados desconhecidos oficialmente há algumas décadas atrás, pois

até meados da década de 1990, a sociedade brasileira desconhecia o fato de que seus estudantes apresentavam grandes problemas em compreender o que liam. Quando começaram os sistemas nacionais de avaliação educacional, os resultados para a compreensão leitora deram início a uma série histórica de fraco desempenho dos alunos. (BORTONI-RICARDO, MACHADO e CASTANHEIRA, 2012, p. 11)

É difícil fazer alguém gostar do que não compreende. Assim, torna-se ainda mais complicado envolver os alunos com a leitura de textos e livros que acionam várias habilidades de leitura que eles não dominam. A dificuldade de compreensão leitora seria um dos primeiros empecilhos na formação do leitor

competente e do leitor que lê por prazer, que lê por iniciativa própria de acordo com suas necessidades e interesses, isso porque o prazer da leitura só existe quando o leitor consegue construir o sentido do texto lido, pois é a interação que atrairá o leitor para a atividade de leitura. Kock e Elias (2013, p. 11) reforçam essa concepção de leitura como interação que envolve outros saberes:

a leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

Quando o aluno consegue construir os sentidos dos textos, alcançando a interação, o gosto pela leitura pode surgir e partir daí se desenvolver um leitor competente. Mas, para conseguir isso, a escola e o professor precisam planejar ações dentro da escola e da sala de aula para formar esse leitor competente que utiliza estratégias de leitura adequadas a cada situação, que tem a leitura como um hábito, como um elemento necessário na sua formação como pessoa, como cidadão.

Um dos trabalhos essenciais que a escola deve desenvolver para formar cidadãos críticos, conscientes e participativos na sociedade da qual fazem parte é o trabalho de formação de leitores, pois a leitura, concebida aqui como uma atividade de produção de sentidos, pode proporcionar ao leitor a aquisição de conhecimentos variados, além de inúmeros benefícios como o desenvolvimento da criatividade, o estímulo à reflexão, o aprimoramento da comunicação e do raciocínio entre outros.

Desenvolver projetos e promover ações que estimulem e mantenham a leitura é uma obrigação da escola que se preocupa com desenvolvimento social e intelectual dos seus alunos. Mas, infelizmente, o que se percebe nas salas de aula é que esses projetos e ações não têm produzido o efeito desejado. O desinteresse pela leitura é evidente e isso não ocorre por acaso.

Um olhar mais crítico para as práticas de leitura vivenciadas na escola levará qualquer educador a concluir que o repúdio a leitura é causado pela rejeição dos alunos ao modo como a leitura é feita na escola.

Nas séries iniciais, quando a leitura na escola prioriza a fruição, os alunos demonstram um interesse maior pela atividade. As rodas de leitura e as contações

de histórias agradam às crianças que se encantam com enredos e personagens variados da literatura infantil. No entanto, à medida que as séries avançam a leitura em sala de aula e fora dela, torna-se algo mecânico e forçado. A leitura de fruição passa a ser a leitura por obrigação desestimulando os estudantes que precisam ler para fazer resumos, para preencher fichas de leitura e para responder provas sobre a obra literária lida.

Além do fato da leitura estar condicionada ao cumprimento de tarefas que desviam o foco da leitura do prazer, do encantamento, da reflexão e da descoberta, outros fatores contribuem para a precária formação do leitor.

As bibliotecas das escolas nem sempre possuem um acervo de qualidade, atualizado, com exemplares em quantidade suficiente e profissionais com formação específica para trabalhar nesse espaço, que deve ser amplo e agradável.

Em muitas escolas o que chamam de biblioteca é uma sala que serve de depósito de livros, sem espaço adequado para leitura, tendo como profissional responsável um professor readaptado sem formação que permita desenvolver projetos de leitura na escola. Assim, a falta de acesso aos livros e a falta de profissionais que orientem as escolhas, que organizem e promovam ações que estimulem a leitura em outros espaços que não seja a sala de aula acabam contribuindo para o distanciamento entre o aluno e a leitura.

Os projetos de leitura quando desenvolvidos são esporádicos, o que também vem a ser um problema, pois a escola deve promover práticas constantes de leitura para que o hábito seja criado.

Outro problema está relacionado à formação do professor que é o mediador entre o texto e o leitor. O professor precisa ser um bom leitor para realizar esse desafio que é fazer os alunos descobrirem o prazer da leitura. Além de ser um bom leitor, é necessário que conheça e utilize estratégias de leitura específicas ao texto escolhido para a aula. É preciso que o professor conheça os seus alunos e conheça obras que podem interessar-lhes e que sejam adequadas a faixa etária. Dessa forma,

os professores têm, muitas vezes, boas intenções no trabalho com a leitura literária, mas como geralmente não fazem distinção desse tipo de leitura em relação a outros, suas práticas não se tornam eficazes. Poucos são os docentes que percebem o valor da leitura de um conto ou um poema se comparada à leitura de textos jornalísticos. Isso se justifica pela falta de informação sobre as demandas de cada leitura. Na leitura de contos ou

poemas, o professor precisa saber que existem estratégias didáticas específicas para criar o hábito de ler. (MELO, 2009, p. 58)

A falta de estratégias didáticas diferentes para a leitura dos diversos gêneros presentes nos livros didáticos é prejudicial à formação do leitor. A escola quer que o aluno leia, mas muitas vezes não se preocupa em como essa leitura deve ser feita e termina por distanciar mais ainda os alunos dos textos que deveriam lhes interessar. Os PCNs (1998, p. 26) orientam sobre o tratamento didático no trabalho com os textos:

vale considerar que a inclusão da heterogeneidade textual não pode ficar refém de uma prática estrangulada na homogeneidade de tratamento didático, que submete a um mesmo roteiro cristalizado de abordagem uma notícia, um artigo de divulgação científica e um poema. A diversidade não deve contemplar apenas a seleção dos textos; deve contemplar, também, a diversidade que acompanha a recepção a que os diversos textos são submetidos nas práticas sociais de leitura.

O texto literário na escola tem sido vítima dessa falta de tratamento didático não diferenciado e o ensino de literatura está perdendo cada vez mais espaço no contexto escolar. O ensino de literatura é relegado muitas vezes a segundo plano na escola por ser considerado, inclusive por muitos educadores, um saber desnecessário, de pouca ou nenhuma utilidade para os alunos. Cosson (2014a, p. 10) sobre esse ponto de vista afirma:

para esses, a literatura é apenas um verniz burguês de um tempo passado, que já deveria ter sido abolido das escolas. Eles não sabem, mas pensam que não precisam aprender literatura, porque já conhecem e dominam tudo o que lhes interessa. Essa postura arrogante com relação ao saber literário leva a literatura a ser tratada como apêndice da disciplina Língua Portuguesa, quer pela sobreposição à simples leitura no ensino fundamental, quer pela redução da literatura à história literária no ensino médio.

No ensino médio, a Literatura até pouco tempo atrás ainda gozava de certo prestígio na escola, pois os vestibulares de todo o país exploravam conteúdos referentes a essa disciplina com questões sobre obras literárias, estilos de época, características dos autores consagrados etc. Cereja (2005, p. 74) ao referir-se as práticas de ensino de literatura no ensino médio destaca:

a abordagem historicista da literatura que muitas vezes apresenta pouco de histórica, sustenta-se numa apresentação panorâmica dos movimentos literários ou estilos de época e dos principais autores e obras, ancorados numa linha do tempo. Autores são os indicados pela tradição canônica; os textos escolhidos são os igualmente apontados como representativos do escritor, do movimento literário ou da geração a que ele está cronologicamente ligado.

Porém, com o advento do Enem e a mudança de foco nas questões, que não priorizam os textos literários, a Literatura tem perdido espaço na disciplina de Língua Portuguesa no ensino médio para as aulas de produção textual, grande preocupação atual dos alunos que concorrem às vagas das universidades.

No ensino fundamental, a Literatura chega aos alunos através dos textos literários presentes nos livros didáticos ou através de algum projeto de leitura desenvolvido pela escola. Não há aula de literatura e sim aula de leitura. Cosson (2014a, p. 22) descreve como ocorrem as práticas de leitura comuns na escola durante o ensino fundamental

no ensino fundamental, predominam as interpretações de textos trazidas pelo livro didático, usualmente feitas a partir de textos incompletos, e as atividades extraclasse, constituídas de resumos dos textos, fichas de leitura e debates nas salas de aula, cujo objetivo maior é recontar a história lida ou dizer o poema com suas próprias palavras. Isso quando a atividade, que recebe de forma paradoxal o título de especial, não consiste simplesmente na leitura do livro, sem nenhuma forma de resposta do aluno ao texto lido, além da troca com o colega, depois de determinado período para fruição.

O ensino de literatura a partir dos textos literários nos livros didáticos acontece apenas quando o professor é um leitor de textos literários e domina os conhecimentos necessários para fazer uma leitura literária com seus alunos. Caso contrário, a leitura realizada em sala de aula com esses textos será feita da mesma forma que é feita a leitura de uma notícia, uma reportagem, um artigo de opinião.

Cosson (2014a, p. 21) alerta que no ensino fundamental, a literatura tem um sentido tão extenso que engloba qualquer texto escrito que apresente parentesco com a ficção ou poesia. O autor ainda explica que o limite não é dado pelo parentesco, mas pela temática e pela linguagem que devem ser compatíveis com os interesses da escola, do professor e da criança. Sobre o texto ser considerado como literatura, como texto literário ou não, Terra (2014, p. 26) esclarece que:

o conceito de literário não é absoluto, variando de época para época, de cultura para cultura, de pessoa para pessoa. Em outros termos o conceito de literário não é ontológico, mas é também funcional. O que faz com que um texto seja considerado literário não são aspectos apenas imanentes, mas também fatores institucionais por isso se considera literário aquilo que é legitimado e proclamado como tal pela crítica, pela universidade, pelos intelectuais, pela escola.

O tratamento dispensado ao texto literário em sala de aula o distancia ainda mais dos alunos do ensino fundamental e médio. Não se nega que é uma leitura que exige mais do leitor, todavia é uma leitura que tem muito a oferecer quando explorada e orientada da forma adequada. Não esquecendo que é uma arte que possibilita a fruição, como também não deixando de lado outros conhecimentos que essa leitura pode proporcionar.

Cosson (2014a, p. 23) afirma que falta a uns e outros uma maneira de ensinar que permita que a leitura literária seja exercida sem o abandono do prazer, mas com o compromisso de conhecimento que todo saber exige. Para isso, ele sugere que se coloque como centro das práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos, e não as informações das disciplinas que ajudam a constituir essas leituras, tais como a crítica, a teoria ou a história literária. Segundo o autor, a leitura também não pode ser feita de forma assistemática e em nome de um prazer absoluto de ler, para ele é fundamental que seja organizada segundo os objetivos da formação do aluno, compreendendo que a literatura tem um papel a cumprir no âmbito escolar.

Lamentavelmente, as aulas com textos literários que acontecem na escola, seja no ensino fundamental ou no ensino médio, são informativas, monótonas, conduzidas por professores que muitas vezes não têm também o hábito da leitura, professores que desenvolvem monólogos cansativos sobre o texto escolhido para a aula, professores que não abrem espaço para uma discussão afastada do que propõe o livro didático, professores que esquecem que a literatura pode ser uma ferramenta essencial na formação dos seres humanos, ou seja, professores que deixam de promover o letramento literário.

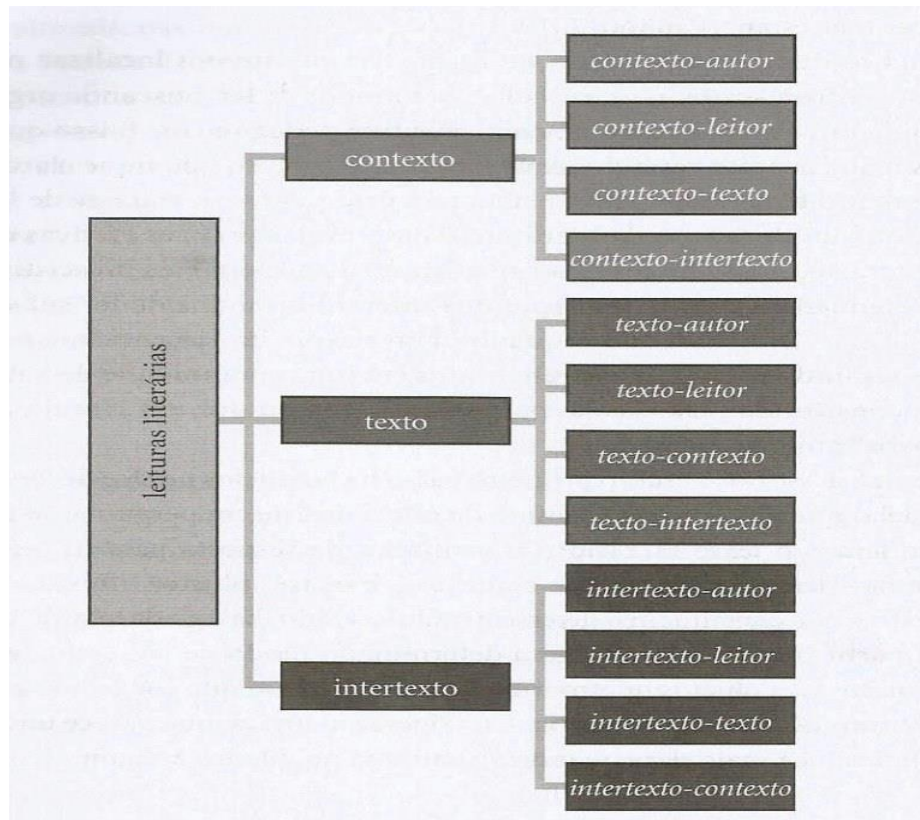
O letramento literário nada mais é do que o processo de letramento que se faz via textos literários compreendendo tanto uma visão diferenciada do uso

social da escrita quanto uma forma de assegurar seu efetivo domínio, conforme esclarece Cosson (2014a, p. 12). Ele vai além da simples leitura do texto literário.

A leitura literária ocorre através da análise literária que, segundo Cosson (2014a, p. 29), toma a literatura como um processo de comunicação, uma leitura que demanda respostas do leitor, que o convida a penetrar na obra de diferentes maneiras, a explorá-la sob os mais variados aspectos. Para o autor, é só quando esse intenso processo de interação se efetiva que se pode verdadeiramente falar em leitura literária.

A multiplicidade das formas e a pluralidade dos temas próprias do discurso literário permitem o exercício de diversos modos de ler, uma vez que a literatura incorpora de maneira única os diversos discursos e estruturas textuais de uma sociedade como bem explica Cosson (2014b, p. 49). Os modos de ler a leitura literária, segundo o autor, passam pelos quatro elementos – leitor, autor, texto e contexto – e os três objetos – texto contexto e intertexto – que constituem o diverso e multifacetado diálogo da leitura (Cosson, 2014b, p. 71). Para explicitar os doze modos distintos de ler a obra literária, o autor apresenta um esquema relacionando os três objetos aos os quatro elementos.

Figura 1: O que lemos quando lemos o texto literário?



Fonte: COSSON, 2014b, p. 72

As leituras do contexto subdividida em contexto-autor, contexto-leitor, contexto-texto e contexto-intertexto, tem a concepção de contexto a partir de um núcleo básico de sentido que imbrica dois elementos: o texto, entendido como unidade central, e o contexto, concebido como espaço no qual essa unidade está inserida.

De acordo com Cosson (2014b, p. 73), o modo de ler contexto-autor é aquele que relaciona em lugar de separar o autor de sua produção, compreendendo que há entre eles laços que potencializam os sentidos da obra, o modo de ler contexto-leitor é aquele que busca traçar paralelos entre a obra e o leitor ou procura identificar pontos de comunhão entre a obra e a história de vida do leitor, privilegiando conexões pessoais entre o que está lendo e o que se viveu. O modo de leitura que toma a obra como uma confirmação do que já se sabe ou que se deseja reforçar, abordando-a pela sua temática, estilo ou gênero é o que o autor chama de leitura do contexto-texto, já o modo de ler contexto-intertexto é aquele que objetiva

ler a obra como um documento, ou seja, a obra torna-se um meio para se conhecer ou discutir questões da sociedade ou de algum saber específico que ela encena.

Sobre o risco e a riqueza dos quatro modos de ler o contexto, Cosson (2014b, p. 75) considera:

em todos os quatro modos de leitura do contexto, o risco é sempre o abandono do texto em favor do contexto, passando toda a discussão da obra para os elementos que a acompanham, informam e localizam na cultura. A riqueza desses modos de ler é ver no contexto um espaço de interação entre leitor e obra, compreendendo que obra e contexto dialogam entre si no processo de leitura e esse diálogo é essencial para a construção da rede de sentidos do texto.

Com relação às leituras do texto, Cosson (2014b, p. 75-77) explica que os quatro modos de ler do texto se localizam entre a tessitura e o olhar do leitor. Assim, o modo de ler texto-autor é a leitura voltada para o estilo do autor, as marcas de sua identidade de escrita, o modo de ler texto-leitor acontece quando o investimento da leitura vai para a trama, as imagens sensoriais, os efeitos da obra sobre o leitor, é a leitura mais conhecida como entretenimento, o modo de ler texto-contexto é o que analisa a materialidade da obra, observando aspectos que vão do papel ao projeto editorial, valorizando paratextos e outros elementos que compõem a obra e o modo de ler texto-intertexto é aquele que se volta para a língua literária da obra, como ela organiza os recursos estilísticos da linguagem para construir os seus sentidos.

Para o autor, o grande benefício dessas leituras é o trabalho textual intenso ao qual o leitor precisa se submeter, a manipulação consistente do texto em várias vertentes, o controle do olhar que constrói os sentidos do texto. Porém, ele alerta que, apesar desses modos de ler serem produtivos, corre-se o risco de se perder nos meandros da análise, não conseguindo produzir uma leitura coerente para a obra lida.

Os quatro últimos modos de ler que compõem o esquema de Cosson referem-se às leituras do intertexto. Tais modos de ler, de acordo com o autor, contemplam três diferentes acepções ou núcleo de sentidos que recobrem o conceito de intertexto: a acepção de intertexto voltada para o autor e sua relação com o discurso, a baseada nos indícios textuais, citações ou reelaborações de uma obra dentro de outra obra e a última resultante da construção do leitor a partir de seus conhecimentos de leituras. Além disso, os quatro modos de ler apresentados

também têm como limite o reconhecimento e o relacionamento entre os textos a ser feito pelo leitor, sem o qual todo o sistema de referência que constitui a intertextualidade fica perdido (Cosson, 2014b, p. 78).

A leitura do intertexto-autor trata-se do investimento que leitor faz na biografia intelectual do escritor, na sua formação cultural e no rastro sutil que as leituras de outros textos deixaram na elaboração de sua obra. Já o modo de ler intertexto-texto é o que identifica as referências a outros textos que compõe a tessitura da obra. O leitor estabelece a conexão entre dois ou mais textos para, por meio dela, reforçar, rever ou acrescentar novos sentidos. O modo de ler intertexto-leitor é o que aproxima a obra lida de outros textos a partir da história de leitura do leitor. É a leitura que faz com que obras aparentemente distantes ou sem relação textual presumida dialoguem com o olhar de um leitor específico ou comunidade de leitores. Encerrando, o modo de ler intertexto-contexto é aquele que visa identificar na leitura da obra os arranjos dos gêneros e dos estilos literários (Cosson, 2014b, p. 78-79)

Cosson (2014b, p. 80) aponta diversos riscos das leituras do intertexto: o excesso de referências, o risco de o leitor se perder em um mar de citações, fazendo da obra uma colcha de retalhos mal costurada de outros textos, o risco do leitor não identificar adequadamente os outros textos, o risco de submeter uma obra a um texto anterior, fazendo dela uma mera imitação ou reflexo. No entanto, o autor afirma que os riscos são compensados “pela riqueza das leituras do intertexto, da inserção no caldo da cultura, no mundo dos textos, mostrando os fios de continuidade que fabricam, tecem, cortam, emendam e remendam, tal quais moiras incansáveis, os sentidos do texto, da vida e do mundo”.

A partir dos modos de ler listados por Cosson, percebe-se que há muitas maneiras de dialogar com textos literários, assim como há várias práticas de leitura literária que podem ser promovidas pela escola. A escolha da forma como os alunos farão a leitura vai depender do texto literário escolhido, do objetivo estabelecido para a leitura, a faixa etária etc. O professor pode optar em certos momentos pela leitura silenciosa, pela leitura colaborativa, pela leitura em voz alta feita por ele, a leitura coral, jogral ou coro falado, a dramatização do texto, a contação de histórias, a leitura protocolada.

O importante é que a literatura não seja renegada aos alunos do ensino básico pelo fato de precisar dividir o espaço escolar com gêneros textuais de imprensa, de divulgação científica e de publicidade ou pela visão equivocada de que não há espaço para ela no meio da multiplicidade dos textos, a onipresença das imagens, a variedade das manifestações culturais.

Antônio Candido em *O direito à Literatura* (2012, p. 175) coloca a literatura na categoria de bens incompreensíveis e diz que ela é fator indispensável de humanização, e sendo assim confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. O autor explica que nesse sentido, ela pode ter importância equivalente à das formas conscientes de inculcamento intencional como a educação familiar, grupal ou escolar.

A presença da literatura nos currículos escolares não é à toa. Sua importância é negada por alguns, sua leitura é desprezada por muitos e seu ensino é negligenciado em muitas escolas do Brasil, graças à visão limitada e imediatista da sociedade que não costuma cultivar hábitos saudáveis que exigem um pouco mais de esforço intelectual do ser. No entanto, como afirma Matias (2013, p. 57) “a literatura precisa ser apresentada por dois motivos: primeiro, para que o sujeito a conheça, permitindo a ele que opte ou não por ela; segundo, para que, por meio dela, o sujeito possa adquirir mais experiência, dilatando seu horizonte de escolhas”.

A escola quando se preocupa em formar um leitor competente promovendo práticas de leituras estimulantes, criativas, diversificadas, sem descuidar do ensino de leitura e ensino da literatura, está cumprindo o seu papel na formação do cidadão. Candido (2012, p. 175) defende em seu artigo que:

os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita, a que os poderes sugerem e a que nasce dos mecanismos de negação do estado de coisas predominante.

Assim, a literatura não deve estar na sala de aula para simples preenchimento de fichas de leituras, para realizações de provas, para dar subsídios ao aluno na aprovação de testes que garantam seu ingresso na universidade, nem para dar status de inteligente para quem dela usufrui. A literatura precisa estar

presente na sala de aula para formar o cidadão crítico e atuante na sociedade em que está inserido, e para que isso aconteça é necessário que a sua leitura e o seu ensino não sejam negligenciados pela escola. Dessa maneira,

[...] é no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que sendo minha, é também de todos. (COSSON, 2014a, p. 16)

Com tantas responsabilidades importantes a escola pode encontrar na atividade de leitura uma aliada poderosa na formação dos seus alunos. Quem melhor que a literatura poderia proporcionar uma reflexão sobre a vida, sobre o mundo, abordando aspectos sociais, históricos, culturais, políticos, econômicos, emocionais, psicológicos que envolvem o ser humano? Quem melhor do que a literatura poderia ampliar percepções limitadas do mundo?

3 PROPOSTA DIDÁTICA: MEU CONTO EU RECRIO E RECONTO

Criar um universo de seres e fatos fictícios é uma atividade que tem seduzido os homens através dos tempos. Muitos ficcionistas tornaram-se conhecidos, destacaram-se em suas culturas e deixaram marcados seus nomes na História da Literatura Mundial.

As ficções produzidas em diversos gêneros vão encantando gerações e despertando em alguns a vontade de também criar, de produzir fantasia, de imaginar. Gêneros antigos convivem com gêneros novos, mesclam-se e transfiguram-se, atendendo às novas necessidades de usos sociais da língua que vão surgindo em cada época.

Proporcionar a oportunidade aos escritores em formação de conhecer várias histórias e promover a criação de suas próprias ficções é a proposta didática deste trabalho que parte da leitura de contos infantis para produzir *fanfictions* em sala de aula.

Neste capítulo apresenta-se a proposta de atividades com práticas de leitura e escrita de língua portuguesa e o relato do desenvolvimento dessas atividades com uma turma de nono ano.

3.1 O gênero *fanfic* do consumo à produção

A *internet* é um espaço onde as pessoas fazem uso da leitura e da escrita em situações de práticas sociais. Desde o seu advento, novos gêneros foram surgindo no ambiente virtual. Alguns desses gêneros são transmutações de gêneros existentes, outros são realmente novos e ainda há aqueles que são mesclas de vários gêneros.

O gênero *fanfiction* ou *fanfic* não foi gerado no ambiente virtual, no entanto, nesse se popularizou valendo-se da facilidade do acesso aos textos publicados nesse ambiente e a possibilidade de interação entre os fãs de ficção.

Esse gênero digital agrada bastante aos jovens, principais consumidores da cultura de massa, pois lhes permite interagir com outras pessoas, no geral, fãs de alguma obra. A interação ocorre pelo interesse em comum que esses jovens

demonstram em produzir como também conhecer e comentar publicações criadas a partir de obras literárias, cinematográficas, animes ou mesmo uma série de TV.

O gênero *fanfic* revela um gosto dos jovens pela leitura de obras de ficção e pela escrita produzida em ambiente virtual que diverge do desinteresse que a maioria dos alunos do ensino básico demonstra ter em sala de aula por atividades que envolvam a ação de ler e escrever. Tais realidades contrastantes têm levado professores e educadores a fazerem a mesma pergunta apresentada por Azzari e Custódio (2013, p.81) “Por que não pensar maneiras de transpor esse gênero para a esfera escolar?”. Desse modo, o desinteresse pela leitura e a escrita vivenciado na escola poderia ser superado pelo encanto ou até mesmo fascínio despertado pelo ambiente virtual e suas possibilidades.

Assim, a proposta de atividades elaborada e exposta a seguir consiste na produção do gênero textual *fanfic* nas aulas de produção textual em uma turma de nono ano do ensino fundamental.

3.2 O conto como gênero textual motivador da *fanfic*

O conto é um gênero literário narrativo frequentemente abordado nas aulas de língua portuguesa em atividades que envolvem leitura, interpretação e produção textual. Sua estrutura bem definida, sua riqueza literária, sua concisão e sua variedade (contos de fada, contos maravilhosos, contos de terror etc.) proporcionam diferentes abordagens em sala de aula.

Assim, para a realização da proposta de atividades com práticas de leitura e escrita de língua portuguesa no nono ano do ensino fundamental a partir do gênero digital *fanfiction*, o gênero conto infantil foi escolhido como motivação para a produção das *fanfictions* pela facilidade que ele tem em agradar tanto as crianças, quanto aos jovens e até os adultos, pelo fato de ser uma narrativa breve e pela riqueza temática que apresenta. Tivemos em mente, assim, critério de exequibilidade e o potencial didático proporcionado pelo emprego dos contos no ensino.

Desse modo, foram selecionados para as atividades três contos, clássicos da literatura infantil, do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen: *A Pequena Vendedora de Fósforos*, *O Valente Soldado de Chumbo* e *A Pequena Sereia*.

Suas obras foram escolhidas para essa proposta por tratarem de temas existenciais que poderiam render bons debates em sala de aula e por terem finais nem sempre felizes, um incentivo a mais para as transformações ou modificações das obras originais. Os três contos selecionados para a proposta serão apresentados na versão escrita por Andersen, disponíveis na *internet* e em vídeo.

A seguir, são apresentados os detalhes de cada uma das etapas da proposta para a realização das atividades com os alunos.

3.3 Etapas da proposta de atividades

A proposta foi dividida em três etapas. A primeira etapa destina-se à sondagem dos conhecimentos dos alunos sobre a sequência narrativa e os contos infantis, como também para a preparação com os alunos da utilização do ambiente virtual nas aulas. A segunda etapa é para falar a respeito do gênero *fanfic* com os alunos, explicar sobre o que proporcionou sua existência, seu uso e também para motivar e promover sua escrita. E a terceira etapa se efetiva com a leitura e comentário dos textos publicados no *blog* criado para a turma.

3.3.1 Primeira etapa

Depois de trabalhar em sala de aula a sequência narrativa e o gênero textual conto infantil, os alunos assistiram a um vídeo de curta-metragem, *A Pequena Vendedora de Fósforos*, com o propósito de narrar por escrito, em dupla ou em trio, o conto infantil assistido.

O processo de planejamento, escrita e reescrita do texto ocorreu em sala de aula. Finalizado o processo no papel, os alunos tiveram aulas no laboratório de informática para digitarem os textos produzidos em classe, para abrirem uma conta de *e-mail* e para aceitarem através desse *e-mail*, o convite de coautoria em um *blog* especialmente criado para a publicação dos textos.

O primeiro momento das atividades foi concluído com a publicação da narrativa no *blog Escrevendo na net*.

3.3.2 Segunda etapa

A segunda etapa teve início com uma nova exibição do vídeo de curta-metragem assistido na primeira etapa e a leitura do conto infantil que o inspirou.

A partir da observação e comparação entre a narrativa em vídeo e a narrativa escrita foi apresentado aos alunos o gênero *fanfic* como um gênero que proporciona as pessoas criarem novas histórias, novos desfechos, novos fatos ou novos enredos tendo como base uma obra já existente.

Depois das considerações a respeito do gênero, os alunos foram incumbidos de produzir a partir do conto lido suas *fanfics*, em duplas ou trios. Assim, como na primeira etapa, o processo de planejamento, escrita e reescrita do texto aconteceu em sala de aula com os alunos produzindo no papel. Depois, as aulas ocorreram no laboratório de informática, onde os alunos digitaram e publicaram seus textos.

Os alunos receberam a explicação de que como o gênero estava sendo utilizado em sala de aula para fins didáticos, as obras inspiradoras foram selecionadas pela professora, para serem lidas, comentadas, analisadas e debatidas em sala de aula, pois isso proporcionaria a facilidade de todos perceberem na fase seguinte, que seria o momento de leitura e comentário das publicações, as modificações feitas nos enredos ou o reconhecimento dos personagens nas novas histórias.

3.3.3 Terceira etapa

A terceira etapa da proposta deveria ocorrer no laboratório de informática, na aula seguinte à publicação dos textos. Os alunos seriam orientados a lerem os textos publicados pelos colegas e a comentarem as publicações dando sugestões, apontando possíveis problemas no texto, elogiando, fazendo críticas construtivas.

No entanto, problemas técnicos bloquearam o acesso ao *blog* nos computadores do laboratório de informática da escola. Assim, a etapa da leitura e comentários das *fanfics* foi feita pelos alunos que tinham acesso a *internet* fora da escola.

Uma vez esclarecidas as três etapas da proposta de atividades, apresenta-se, a seguir, o relato da aplicação do projeto.

3.4 Relato da aplicação da proposta

As atividades propostas e divididas em etapas foram aplicadas na turma do 9º ano A do ensino fundamental, de uma escola da rede estadual de ensino do Ceará, situada na periferia de Fortaleza.

Antes do início das atividades, a turma, formada por trinta alunos, foi comunicada que as aulas de produção textual seriam realizadas tanto em sala de aula quanto no laboratório de informática da escola. A novidade foi muito bem aceita pela turma que manifestou gosto em realizar atividades nesse ambiente informatizado.

Os alunos também foram informados que as atividades planejadas para as aulas de produção textual realizadas nos meses de fevereiro, março, abril e maio faziam parte de uma proposta de ensino elaborada pela professora enquanto cursava o mestrado profissional em Letras (Profletras), da Universidade Federal Ceará.

A seguir, apresenta-se uma exposição de cada narrativa selecionada para a proposta, bem como o relato das atividades de leitura e escrita realizadas e das discussões feitas com os alunos em sala de aula a respeito de cada uma dessas histórias.

3.4.1 *Fanfic com A pequena Vendedora de Fósforos*

O primeiro momento das atividades foi iniciado no mês de fevereiro, logo após o gênero conto ser estudado em sala de aula através do livro didático. O conto apresentado no livro não era um conto infantil, assim foi explicado para os alunos que muitos textos que eles conheciam eram contos infantis. A partir dessa informação foi perguntado a eles sobre as histórias que eles conheciam e as histórias com princesas foram as mais citadas.

As características do gênero foram lembradas através de perguntas feitas sobre as histórias mencionadas pelos alunos. Perguntas como: Como a

história começa? Qual a complicação ou conflito que aparecia na história? Qual era o momento mais tenso da narrativa? Qual era o desfecho da história?

Finalizada a conversa sobre as histórias que eles conheciam dentro do gênero, os alunos foram convidados a assistir um vídeo com uma narrativa conhecida pelo nome de *A pequena vendedora de fósforos*. O vídeo de seis minutos foi projetado na sala de aula e assistido com atenção pelos alunos.

Figura 2 – *A Pequena Vendedora de Fósforos*



Fonte: Disponível em: <<https://leniomar.wordpress.com/comentarios-criticas-e-cronicas/a-vendedora-de-fosforos-uma-quebra-na-visao-idealista-do-final-feliz/>>. Acesso em: 04/06/15.

A narrativa conta a história de uma menina que vende fósforos nas ruas cheias de neve, no período próximo as festas natalinas. Ao anoitecer, a menina recolhe-se em um lugar isolado, ao relento e sofre com o frio. Ela sente vontade de acender um dos poucos fósforos que tem para vender buscando aquecer-se e amenizar seu frio.

Depois de resistir um pouco, a pobre menina risca um palito de fósforo e surge assim a sua imagem diante de uma espécie de fogão antigo que some logo que o palito se apaga. O frio maltrata a menina que decide acender mais um palito fazendo surgir a imagem dela diante de uma mesa farta que também desaparece ao final do palito. Um terceiro palito é aceso e surge uma carruagem que leva a menina até a casa de uma senhora que a acolhe com carinho. Nesse momento, tudo

desaparece e na ânsia de voltar para onde estava a senhora, a menina risca todos os fósforos restantes de uma só vez.

Feito isso, a menina volta para os braços da senhora que a leva para perto de uma linda árvore de natal. As luzes da árvore transformam-se em estrelas do céu e a menina já sem vida aparece no mesmo lugar onde ela acendera os fósforos. A senhora que a acolheu em um dos seus sonhos surge e leva o espírito da menina que muito contente vai com ela.

Depois da exibição do vídeo os alunos foram questionados sobre a narrativa assistida e alguns não compreenderam que a menina tinha morrido e os que compreenderam começaram a explicar aos outros. Algumas questões foram feitas a eles sobre a estrutura da narrativa, sobre a situação vivida pela personagem, sobre o desfecho da história. Os alunos foram recontando a narrativa e se posicionaram com relação ao final do conto. Uns viram a morte como um final triste, outros a consideraram um final feliz, pois o sofrimento da menina tinha chegado ao fim porque ela passaria a viver com a senhora que a queria bem. Terminado os comentários, os alunos pediram para assistir ao vídeo novamente.

O vídeo foi reexibido e, em seguida, foi pedido para que os alunos em duplas ou trios contassem por escrito a narrativa assistida tendo como interlocutor uma criança a quem eles contariam a história. Os grupos foram formados e os alunos começaram a escrever suas narrativas.

Na aula seguinte, os alunos reuniram-se em grupos novamente para finalizarem os rascunhos e passarem os textos para a folha de redação. Na mesma semana, os alunos tiveram aula no laboratório de informática. Lá, eles abriram uma conta de *e-mail* para serem convidados a participar do *blog Escrevendo na net* criado para a turma publicar seus textos. Aberta a conta, eles tiveram que enviar um e-mail para que a professora e administradora do *blog* conhecesse seus endereços eletrônicos e enviasse os convites.

A segunda aula realizada no laboratório foi utilizada para que os alunos aceitassem os convites através do *e-mail* e digitassem os textos produzidos em sala de aula. Apenas uma equipe conseguiu realizar as duas atividades no mesmo dia. Assim, enquanto as outras equipes terminavam de digitar seus textos, a professora juntou-se a equipe que concluiu a digitação e passou as instruções de como publicar o texto no *blog* e a publicação foi feita.

Devido a problemas de ordem técnica, algumas páginas da *internet* foram bloqueadas na escola, entre elas a página do Blogger. Desse modo, a partir da terceira aula no laboratório, os alunos passaram a utilizar os computadores para digitarem os textos, salvarem em arquivos e enviarem através de *e-mail* para a professora que posteriormente fazendo uso de um *notebook* com *internet* móvel publicava os textos com cada equipe.

Na semana seguinte, cada aluno recebeu uma folha com o conto *A Pequena Vendedora de Fósforos*. Foi explicado a eles que o vídeo assistido tinha sido uma adaptação do conto infantil de mesmo nome escrito por Hans Christian Andersen, um dinamarquês autor de vários outros contos infantis como: *O Patinho Feio*, *A Princesa e a Ervilha*, *A Polegarzinha*, *O Valente Soldado de Chumbo*, *A Pequena Sereia*, entre outros.

Os alunos também ficaram sabendo que o escritor que viveu no século XIX, teve uma infância pobre, o que lhe deu a chance de conhecer os contrastes da sua sociedade e essa experiência provavelmente influenciou bastante os enredos de suas histórias.

Após as explicações foi feita a leitura do texto pela professora com os alunos acompanhando. Em seguida, foi pedido para que os alunos apontassem as diferenças entre os enredos do curta-metragem e do conto lido para serem anotadas no quadro.

Os alunos observaram que na história escrita apareciam muito mais informações sobre a vida da menina do que no filme assistido. Entre elas que a menina não era órfã, já que havia uma referência ao pai da menina quando dizia que ela não voltava para casa porque não tinha conseguido dinheiro e isso faria com que ela apanhasse do pai. Também havia a informação sobre a relação da menina com a senhora que aparece no vídeo, tratava-se da sua falecida avó, a única pessoa que a queria bem.

De modo análogo, foram citadas pelos alunos situações narradas no texto escrito omitidas no vídeo como: a perda de um de seus chinelos na rua para um garoto que zombou dela e o pedido da menina a avó morta para que a levasse consigo.

A partir das observações foram debatidas algumas questões com os alunos tais como: o fato de crianças serem exploradas por adultos pedindo esmolas

ou vendendo produtos nos sinais e nos terminais de ônibus, a relação dos filhos com os pais e avós, as coisas básicas que faltavam a menina reveladas em cada sonho: o lugar confortável para viver sem frio, o alimento, o carinho e o cuidado de um adulto.

Finalizada a discussão, foi explicado aos alunos que uma obra quando é adaptada para vídeo sofre modificações por se tratar de uma linguagem diferente e por opção de quem faz a adaptação.

Em seguida, foi comentado com os alunos que havia um gênero digital conhecido como *fanfiction* ou *fanfic* em que os fãs de determinados livros, filmes, seriados de TV, animes etc. recriavam histórias a partir das obras originais das quais eles eram fãs e publicavam na *internet*.

Foi proposto aos alunos então que eles fizessem isso com o a história lida e assistida. Que eles se sentissem à vontade para criar uma história tendo como base a pequena vendedora de fósforos para também ser publicada no *blog* da turma.

Essa atividade de escrita também foi feita com a formação de duplas ou trios de alunos em sala de aula. O texto produzido foi transcrito para a folha de redação que foi recolhida e devolvida aos alunos no dia da aula no laboratório de informática para ser digitada.

No laboratório de informática, os alunos digitaram suas produções. Um e outro perguntava se podia modificar o texto da folha de redação no momento em que passava a narrativa para a tela, o que era sempre consentido.

Cada equipe que terminava a produção era chamada para fazer a leitura do texto com a professora antes de publicar utilizando o *notebook*. Os pontos não muito claros ou incoerentes nos textos eram discutidos com a equipe e os ajustes eram feitos, assim como o uso inadequado de algumas palavras, problemas de pontuação ou ausência dela, ortografia etc.

3.4.2 Fanfic com O Soldadinho de Chumbo

A história do soldadinho de chumbo foi apresentada para os alunos logo depois de finalizadas as publicações da narrativa anterior. Os alunos assistiram ao vídeo, de 1934, com sete minutos e 13 segundos na própria sala de aula através de um projetor.

Figura 3 – O Valente Soldadinho de Chumbo



Fonte: Disponível em: <<http://i.ytimg.com/vi/P5uRnVJKHuc/hqdefault.jpg>>. Acesso em: 04/06/15.

A adaptação de 1934 ambienta-se na casa de um artesão de brinquedos que ao produzir soldadinhos deixa um cair e este quebra a perna. O artesão joga o boneco sem uma das pernas no lixo e se recolhe, em seguida, por estar bastante cansado.

À meia-noite todos os brinquedos ganham vida, inclusive o boneco sem perna que passa a ser vítima das gozações dos outros bonecos. A bailarina se comove com sua situação e o soldadinho se encanta por ela. O boneco de um rei também se interessa pela bailarina e passa a assediá-la. O soldadinho defende a bailarina do assédio do rei machucando-o. O soldadinho levado a julgamento é condenado. A bailarina implora ao rei por piedade, mas de nada adianta, assim numa atitude de amor, a bailarina se agarra ao soldadinho e é fuzilada junto com ele. Os dois vão parar numa lareira onde são queimados e seus corpos se fundem formando um coração.

Na sequência suas almas sobem em forma de fumaça aos céus dos brinquedos. Lá, eles são recebidos pelo responsável e o soldadinho tem sua perna

reconstituída o que lhe deixa muito satisfeito. Então, bailarina e soldadinho cruzam as portas do céu.

Após a exibição do vídeo foi aberto um momento para os comentários e o debate dos alunos a respeito da história narrada. Foi indagado aos alunos que temas poderiam ser discutidos a partir do vídeo e como todos permaneceram em silêncio foram feitas perguntas que os levassem a perceber o fato do soldadinho ser descartado pelo artesão por ter uma deficiência física e sofrer gozações por parte dos outros brinquedos pelo mesmo motivo.

A partir de questões como: o que diferencia o soldadinho de chumbo dos outros soldadinhos? De que forma ele era tratado pelos demais brinquedos? Vocês concordam com esse tipo de atitude? O tema *bullying* na escola passou a ser discutido naquela aula.

Dentro da discussão sobre o vídeo também foi comentado pelos alunos a postura corajosa do soldadinho de chumbo no momento da morte e a prova de amor da bailarina implorando perdão para o seu amado e decidindo morrer junto com ele.

Encerrada a conversa sobre o vídeo foi apresentada mais uma adaptação do conto, desta vez feita pelos estúdios Disney. O desenho de 7 minutos e 23 segundos faz parte do longa-metragem de animação *Fantasia 2000* que traz 1h e 15 minutos com historinhas que crianças gostam de ver.

Figura 4 – O Soldadinho de Chumbo



Fonte: Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoegente/46/divearte/cine_fantasia.htm>. Acesso em: 04/06/15.

Nesta adaptação do conto de Hans Christian Andersen, a bailarina e o soldadinho de chumbo se encontram e desencontram ao som de “Opus 102”, de Dmitri Shostakovich.

A narrativa acontece a partir da chegada de uma caixa de soldadinhos de chumbo em um quarto cheio de brinquedos. Quando o relógio marca meia-noite, os brinquedos ganham vida e um soldadinho de chumbo sem uma das pernas se encanta pela bailarina que aparentemente também só tinha uma perna. Ao ver que a bailarina possui as duas pernas, o soldadinho desanima, mas ela mostra não se importar com o problema físico dele e assim os dois se aproximam.

O palhaço de mola, que também tem interesse pela bailarina, numa reação de ciúme ataca o soldadinho e este após lutar bravamente acaba caindo da janela para fora da casa quando o palhaço lhe arremessa um barco de madeira.

As águas da chuva que caía levaram o soldadinho para dentro de um esgoto que desaguava no mar. Chegando ao mar, o soldadinho foi engolido por um peixe que acabou sendo pescado e vendido para as pessoas da mesma casa de onde o soldadinho caíra da janela. Ao ser encontrado pela cozinheira, o soldadinho retorna para o quarto.

A bailarina que continua a ser assediada pelo palhaço é protegida pelo soldadinho que em novo combate livra-se de seu oponente quando este parte em sua direção e cai dentro da lareira. A bailarina e o soldadinho de chumbo saem vencedores nessa batalha e ficam juntos.

As diferenças e semelhanças entre as adaptações passaram a ser comentadas naturalmente pelos alunos que ficaram curiosos em conhecer o conto de Hans Christian Andersen para saber qual dos vídeos era mais próximo do texto escrito, no entanto, a leitura do texto ficou para a aula seguinte.

A leitura do conto *O Valente Soldado de Chumbo* foi feita na aula seguinte com a turma posicionada em semicírculo na sala de aula. O texto foi lido pela professora com pausas para comentários, destacando alguns pontos que foram discutidos, em sala, após a exibição dos vídeos e que estavam explícitos no conto ou pausas para destacar informações novas ou relevantes do enredo.

No desenvolvimento da atividade de leitura, os alunos foram destacando as diferenças e semelhanças entre o conto de Andersen e os vídeos. Com relação às diferenças foram mais citadas: o personagem antagonista no conto de Andersen

é um brinquedo surpresa que é feiticeiro e tem poderes sobrenaturais que não apareceram em nenhum vídeo. O soldadinho vai parar na rua, mas o narrador apenas levanta as hipóteses de ser culpa do vento ou dos poderes do feiticeiro, ou seja, não há nenhum combate entre os personagens como acontece nos vídeos.

Entre as semelhanças os alunos de uma maneira geral destacaram duas: comentaram a respeito da coragem do soldadinho como característica marcante nas três obras, lembrando que no vídeo de 1934, o soldadinho enfrentava sua sentença de morte com altivez, no vídeo da Disney ele lutou bravamente para defender sua bailarina, já no conto escrito ele enfrentou várias situações perigosas sem nenhuma demonstração de medo. A segunda semelhança estava na afetividade entre o soldadinho e a bailarina que nas três histórias aparece como uma relação forte de amor que supera todas as adversidades, até mesmo a morte.

No final da leitura alguns alunos falaram que o vídeo da Disney trazia muitos fatos contados no texto de Andersen, mas que o vídeo mais antigo era mais fiel ao final criado pelo autor dinamarquês.

Depois da leitura, a turma foi reorganizada em equipes para planejar e produzir os rascunhos de seus textos com base no conto *O valente soldado de chumbo*.

Na aula seguinte, os grupos se reuniram para reescreverem os textos nas folhas de produção textual. Alguns alunos aproveitaram esse momento para pedir que a professora opinasse sobre o texto criado, antes de ser reescrito. Outros alunos tiravam dúvidas relacionadas ao que seria permitido ou não utilizar nas suas histórias como: acrescentar nomes aos personagens da bailarina e do soldadinho, se a história teria que ocorrer no quarto de brinquedo, se o final da história teria que ser o mesmo do conto, se eles poderiam utilizar metade do enredo e só depois modificar a história.

Os textos produzidos foram digitados no laboratório de informática pelos componentes das equipes que se revezavam para digitar a produção. Quem concluía a digitação salvava o trabalho em arquivo, enviava por *e-mail* para a professora ou salvava no *pen drive*.

O arquivo aberto no *notebook* era lido com a professora e os problemas identificados por ela e pelos membros da equipe eram corrigidos no mesmo

momento. Depois de concluída a revisão, um dos alunos acessava o *blog* da turma e publicava o texto.

3.4.3 Fanfic com *A pequena Sereia*

A exibição do vídeo *A pequena Sereia*, dos estúdios Disney, foi a primeira atividade realizada com a turma fora da sala de aula e do laboratório de informática. Na sala de vídeo, os alunos assistiram ao longa-metragem de animação com aproximadamente 83 minutos de duração.

Cheio de musicais, a narrativa conta a história de uma jovem princesa sereia chamada Ariel que anseia fazer parte do mundo dos humanos. A vontade de tornar-se humana cresce ainda mais em Ariel após ela se apaixonar por um lindo príncipe humano salvo por ela durante um naufrágio. Apaixonada pelo rapaz e terminantemente proibida pelo pai, o rei Tritão, de se aproximar de qualquer humano, Ariel, em um momento de mágoa e raiva, é tentada por uma feiticeira do mar a fazer um acordo: ela receberia pernas e tornar-se-ia humana e em troca daria sua voz a feiticeira.

Embora sabendo que a voz é seu maior encanto, Ariel aceita o acordo e com a ajuda de três aliados, Linguado, um peixe, Sebastião, um siri, e Sabidão, um pássaro, a jovem sereia segue em busca de seu amor tendo um prazo de três pores do sol para conseguir um beijo de amor dele, caso contrário tornar-se-á escrava da feiticeira.

O príncipe não conhecia a moça que o salvou, pois só guardava a lembrança de sua voz, mas desejava muito encontrá-la. Dizia-se apaixonado, pois se encantara com a sua voz.

Após beber a poção da feiticeira, Ariel encontra o príncipe na praia e ele mesmo não a reconhecendo, pois a jovem não tem mais voz, promete-lhe ajuda por acreditar que a bela garota seria outra sobrevivente de um naufrágio.

Os dois se aproximam, no entanto, a feiticeira tenta impedir que o beijo entre eles aconteça, pois o real interesse dela não era a voz de Ariel e sim atingir o rei com a desgraça da filha que se tornaria sua escrava.

A feiticeira transforma-se em uma linda jovem e hipnotiza o príncipe com a voz que era de Ariel. Quando ela estava prestes a se casar com o príncipe, já no

terceiro pôr do sol, Ariel ajudada por vários animais consegue interromper a cerimônia dentro do navio, recupera a sua voz que estava em poder da feiticeira, mas volta a ser sereia porque não foi beijada pelo príncipe antes do prazo. O príncipe ao saber das verdadeiras identidades das duas, tenta ajudar Ariel.

Nesse momento, o rei Tritão aparece, exige satisfações da feiticeira, mas nada podia fazer, pois o acordo entre a feiticeira e Ariel era legal. A feiticeira propõe uma troca: a liberdade de Ariel pela do rei. Tritão aceita e fica sobre o poder da feiticeira. O príncipe, em uma luta, consegue destruir a feiticeira e todas as suas feitiçarias se desfazem.

Diante da tristeza de Ariel por não poder ficar com o príncipe por ser uma sereia, Tritão desprendidamente a transforma em humana e ela se casa com o príncipe.

Figura 5 – *A Pequena Sereia*



Fonte: Disponível em: <<http://www.1zoom.me/pt/wallpaper/311444/z581.5/>>. Acesso em: 04/06/15.

A discussão sobre o vídeo foi feita na aula seguinte, pois a exibição do longa-metragem preencheu as duas aulas geminadas. Sendo assim, no início da aula seguinte, os alunos foram desafiados a contar a narrativa assistida e convidados a refletir sobre algumas questões abordadas no vídeo, entre elas: o desejo de ser alguém diferente, o preço que se paga pela concretização dos sonhos, o deixar de lado a sua essência para tentar se aproximar de algo ou alguém que lhe interessa, a lealdade aos amigos em todos os momentos, a ousadia necessária para chegar aonde se quer e o desprendimento que o amor muitas vezes exige.

Os alunos falaram sobre as questões exemplificando com as situações apresentadas no vídeo, enquanto a professora complementava fazendo relações com situações vividas no cotidiano.

Ao final da conversa, foi entregue aos alunos cópias do conto *A Pequena Sereia* e a turma dividiu-se em duplas para acompanhar a leitura feita em voz alta pela professora juntamente com alguns voluntários que se alternaram. O conto mais longo e as pausas feitas para chamar atenção para as diferenças nos enredos e nos elementos presentes nas duas narrativas, ou para esclarecer algo questionado pelos alunos estenderam a leitura do texto para mais uma aula que ocorreu no dia seguinte.

A aula que começou com a continuação da leitura do conto terminou com a formação dos grupos para a criação das *fanfictions* com a história da Pequena Sereia.

Na semana seguinte, os alunos terminaram suas narrativas em sala e tiveram aula no laboratório para digitarem e publicarem seus textos ainda através do *notebook* já que o *blog* continuava bloqueado.

Como o problema técnico que bloqueava o acesso dos alunos ao *blog* nos computadores da escola ainda não tinha sido solucionado, mesmo depois de três meses, foi pedido aos alunos que lessem e comentassem os textos do *blog* *Escrevendo na net* em casa ou em qualquer outro local em que eles tivessem acesso a *internet*. Alguns alunos que aguardavam a vez para publicar sua produção ou que já tinham publicado fizeram a leitura de algumas *fanfictions* e comentaram através dos seus celulares.

O capítulo seguinte apresenta algumas considerações sobre as atividades desenvolvidas nas aulas e relatadas neste capítulo, assim como algumas observações a respeito das *fanfics* publicadas pelos alunos.

4 O GÊNERO *FANFIC* NA SALA DE AULA: A LEITURA E A ESCRITA IMPULSIONADAS PELO GÊNERO DIGITAL

A elaboração e a aplicação de uma proposta de ensino e aprendizagem de um gênero ainda não muito difundido na escola, como é o caso do *fanfic*, é uma tarefa instigante que exige além dos conhecimentos teóricos do professor a respeito desse gênero, uma disponibilidade em recorrer a materiais didáticos e recursos tecnológicos para viabilizá-la enquanto uma prática discursiva realmente dotada de sentido e, ainda, uma predisposição para desenvolver uma nova relação professor/aluno quanto às formas de escrita, em concreto, a escrita colaborativa.

Tendo em vista essa premissa, a seguir, são apresentadas algumas considerações sobre o desenvolvimento da proposta de atividades de leitura e escrita a partir do gênero digital *fanfic* aplicada em uma escola da rede pública de Fortaleza e uma análise dos textos produzidos pelos alunos. Pretendemos, desse modo, mostrar como podemos explorar esse gênero nas aulas de produção escrita e como podemos tornar as atividades de texto dotadas de sentido, permitindo aos participantes um engajamento em uma prática que reforça posicionamentos autorais e a autonomia dos alunos.

4.1 Avaliação da experiência

Nossa proposta de realizar práticas de leitura e escrita em sala de aula através da abordagem do gênero digital *fanfic*, publicado na *internet* principalmente por jovens leitores e consumidores de cultura de massa, foi muito bem aceita pela turma do 9º ano A de uma escola pública da rede estadual do Ceará. Nesse sentido, a experiência relatada nesta seção somente vem a comprovar a sua pertinência e como essa pode contribuir para um trabalho mais particularizado com os textos nas aulas de produção.

A novidade das aulas de produção textual realizadas no laboratório de informática, e não apenas na sala de aula, deixou os alunos empolgados e bastante curiosos, tanto com relação a como e quando os textos seriam produzidos, quanto ao gênero digital *fanfic* que só era conhecido por três alunas. Notamos, assim, como

despertou nos alunos o interesse pela escrita, na medida em que esses se mostraram motivados a realizar as propostas.

Como vimos na seção anterior, a atividade introdutória e motivadora deu-se por meio da exibição de vídeos, cuja finalidade não era a de servir para a produção de resumos ou meras paráfrases. Interessava promover entre os alunos debates, bastantes positivos para que eles ativassem seu conhecimento de mundo bem como tecessem comentários sobre o visionado e expusessem suas ideias sobre o tema bem como o seu ponto de vista. Os alunos mostravam-se atentos e interessados durante a exibição, além de revelarem-se ansiosos pelo próximo vídeo que reiniciaria a sequência de atividades de leitura e de escrita. Esses aspectos chamaram nossa atenção e nos indicaram que os alunos estavam realmente se sensibilizando para a nossa proposta.

Os vídeos não eram conhecidos pelos alunos. Alguns disseram já ter ouvido falar da história da Pequena Sereia, mas relataram que não a conheciam de fato. Assim, as atividades proporcionaram aos alunos a ampliação do seu repertório cultural, ao colocá-los em contato com filmes e clássicos da literatura infantil ainda desconhecidos por eles. Esse ponto é relevante, uma vez que nos leva a ponderar que essas atividades contribuem para a ampliação do letramento escolar dos alunos.

A exibição dos vídeos despertava a curiosidade dos alunos para a leitura dos contos dos quais eles se originaram e dessa forma a leitura era feita com um objetivo diferente de outras leituras realizadas no cotidiano escolar. Os alunos sabiam que a leitura dos contos não estava sendo feita para responder questões de interpretação de texto ou para resumir ou simplesmente recontar as histórias, eles liam para conhecer uma ficção e a partir dela produzir as suas próprias narrativas.

Assim, a leitura do texto literário na proposta desviava-se de práticas de leitura exploradas em salas de aula que segundo Cosson (2014b, p. 70) têm sido amplamente condenadas:

são vários os estudiosos que mostram que o ensino de literatura no ensino fundamental se perde ao servir de pretexto para questões gramaticais, como era comum nos livros didáticos, ou para um hedonismo inconsequente, no qual a leitura vale pela leitura, sem nenhuma orientação.

Os momentos de leitura em sala de aula foram de extrema importância na construção dos textos dos alunos. A disposição das cadeiras em semicírculo ou aos pares demarcavam uma atividade diferente das que eram desenvolvidas normalmente. Alguns modos de ler foram priorizados durante a condução dessas atividades de leitura dos contos, entre eles o modo de leitura contexto-texto, que Cosson (2014b, p. 73) define como a leitura que “procura identificar pontos de comunhão entre a obra e a história de vida do leitor, privilegiando conexões pessoais entre o que se está lendo e o que viveu”.

Outro modo de ler utilizado foi a leitura texto-leitor apontada por Cosson (2014b, p. 76) como a leitura que “pode ser feita por meio de um mergulho profundo na mensagem da obra, mostrando que o texto vai muito além da superfície das palavras”.

A prioridade dada à condução dessas leituras deu-se pelo fato da proposta ter como um dos objetivos o despertar pelo gosto de ler e a identificação com os textos e as suas mensagens poderia contribuir com esse objetivo.

Os debates sobre as temáticas suscitadas pelas narrativas escritas ou em vídeo muitas vezes se estenderam mais do que o programado, demonstrando o envolvimento dos alunos com as histórias e as questões abordadas.

Questões importantes para a formação humana dos alunos foram discutidas em sala de aula a partir das narrativas sobre a menina vendedora de fósforos, o soldadinho de chumbo e a pequena sereia.

Com a história da pequena vendedora de fósforos discutimos a respeito da situação de crianças que vivem nas ruas fugindo de famílias violentas, crianças que vendem algum produto nos sinais de trânsito para ajudar no sustento da família, crianças que não têm o básico para sobreviver assim como a menina da história. Muitos alunos se pronunciaram revelando conhecer realidades tão difíceis quanto à da garotinha do conto evidenciando a interseção feita entre a obra fictícia e a vida real. Desse modo, a leitura da obra passa a ser significativa para os alunos porque lhes dá voz, pois retrata uma realidade que eles conhecem de perto.

Quando assistiram aos vídeos do soldadinho de chumbo, debatemos sobre um assunto bem presente no dia a dia dos alunos na escola, a questão do *bullying*. O primeiro vídeo assistido, de 1934, mostrava claramente o sofrimento do

boneco ao ouvir as gozações dos outros bonecos, debochando do fato dele não possuir uma perna.

A discussão sobre o *bullying* foi importante, pois esse tipo de violência, reconhecido como um problema crônico nas escolas, precisa ser efetivamente combatido. As agressões físicas imotivadas, os insultos, a utilização de apelidos que ferem a dignidade, os xingamentos e as difamações podem causar às vítimas danos emocionais e afetar as suas vidas por muito tempo. Diante dessa realidade, faz-se necessário que o professor intervenha ao presenciar qualquer manifestação desse tipo de violência e sempre que possível promova reflexões sobre o quanto essas atitudes são prejudiciais.

Sendo assim, foi muito oportuno falar a respeito do modo como a sociedade tratava quem tem alguma deficiência física ou quem por algum motivo se mostra diferente dos demais, seja na altura, no cabelo, no peso, na forma de vestir, no modo de ser. A turma falou bastante. Os alunos expressaram opiniões, confessaram já terem sido vítimas de gozações, assim como o soldadinho da história, e também admitiram que faziam esse tipo de coisa, justificando que só rebatiam as brincadeiras de mau gosto dos colegas, mostrando-se capazes de realizar uma autocrítica. Algo importante para a revisão e mudança de atitudes.

Desse modo, os vídeos e os textos escritos terminavam servindo de estímulo para que os alunos reavaliassem suas condutas e se posicionassem, algo que normalmente eles fazem com muita reserva pelo receio de serem criticados.

A conversa que tivemos sobre o último vídeo, *A Pequena Sereia*, foi mais voltada para reflexões íntimas. Discutimos sobre quantas vezes desejamos ser algo que não somos, quantas vezes renegamos nossa essência e abandonamos coisas muito importantes em razão de algumas paixões ou sonhos, quantas vezes pagamos um preço alto pelo que queremos. As reflexões a cerca desses questionamentos estabeleceram uma proximidade maior entre mim e os alunos quando falamos de nossos sonhos.

Também foi comentado sobre a necessidade de sermos ousados e de buscar realizarmos os nossos sonhos como fez a pequena sereia da história. Encerrando nossa reflexão com o lembrete de que também precisamos nos aventurar quando desejamos algo que consideramos muito importante para nós.

A temática do amor foi constante em todos os debates. O amor além da vida, entre uma garota e sua avó, como aparece no conto *A Pequena Vendedora de Fósforos*, o amor à primeira vista, entre o soldadinho e a bailarina, do conto *O Valente Soldado de Chumbo* e o amor impossível entre uma sereia e um humano, em *A Pequena Sereia* atraíram a atenção dos alunos que se encontram numa fase da vida em que o amor é superestimado e idealizado.

Desse modo, foi possível ressaltar em vários momentos da proposta a importância do amor na sociedade contemplando as suas várias nuances: o amor entre amigos, o amor entre amantes, o amor ao próximo, o amor filial, o amor próprio e o amor à vida. Nesse sentido, a literatura contribuiu no trabalho de formação de valores morais e construção de identidades, cumprindo o papel humanizador, mencionado por Cosson (2014b, p. 17).

O trabalho em grupo também foi um ponto positivo da proposta, pois apesar de algumas equipes reclamarem da falta de envolvimento de um dos seus componentes, elas quase sempre mantiveram a mesma formação para a produção das três *fanfics*, apesar disso não ter sido exigido delas, o que demonstra que os alunos conseguiram construir coletivamente.

Foi possível perceber que a produção de texto era organizada de diferentes formas pelas equipes. Às vezes, um membro da equipe assumia a escrita do texto e os outros colaboravam dando sugestões, criando personagens ou corrigindo a escrita do colega. Na *fanfic* seguinte, as posições se invertiam.

Também presenciei situações em que a equipe combinava de cada membro produzir uma história para depois eles escolherem a mais interessante para ser reescrita e situações em que um membro do grupo exigia a função de escritor principal de todos os textos.

Os alunos pareciam estar mais à vontade com o próprio texto, levavam-no até a mim antes de passar a limpo preocupados em saber se a história estava boa ou não, algo que não costumava acontecer com outras produções feitas antes dessa proposta.

Apesar da maioria dos alunos desconhecerem o gênero *fanfic*, a proposta agradou quando eu expliquei que eles criariam um texto a partir de outro. A atividade pareceu algo fácil e muito simples para eles. Alguns textos realmente eram criados

em pouco tempo, antes do final de uma aula de 50 minutos, no entanto, algumas equipes levavam mais de uma aula para produzir sua narrativa.

O momento de digitar o texto no laboratório de informática era um dos mais aguardados pelos alunos. Algumas equipes sentiam necessidade de modificar o texto criado em sala de aula e outros desistiam totalmente das produções já escritas na folha de redação por que não estavam mais gostando da história.

Era comum alunos de equipes diferentes auxiliarem os colegas no uso do computador quando eu ou a responsável pelo laboratório de informática estávamos ocupadas com outros alunos. Ao contrário do que algumas pessoas pensam nem todo jovem sabe utilizar o computador e seus recursos. Sobre essa realidade, Coscarelli e Ribeiro (2011, p. 9) destacam

se uma parcela dos novos alunos tem acesso à informação antes e fora da escola, apresentando tendência a sentirem-se desestimulados em sala de aula, uma outra parcela não teve sequer acesso à máquina e não sabe operar essa nova possibilidade. Estes alunos 'excluídos digitais', no entanto, têm notícia da existência da Internet e dos microcomputadores e deseja (e precisam mais que aqueles) conhecer novas modalidades de estudo, comunicação, lazer e cultura.

Alguns alunos realmente demonstraram total falta de intimidade com o computador, não sabiam como utilizar o editor de texto, o editor de imagem, não sabiam como fazer para acessar uma página da *internet* e apesar de terem um endereço de *e-mail* que lhes dá acesso às redes sociais, muitos não sabiam como enviar um *e-mail*.

A revisão dos textos feita antes da publicação na tela do computador com a equipe foi muito vantajosa porque proporcionava discutir e modificar o texto na mesma hora. Sem marcações para ajustes posteriores que os alunos acabam esquecendo e perguntando “É pra fazer o que mesmo aqui, hein, professora?”.

A relação professor/aluno foi se estabelecendo de forma diferente durante o desenvolvimento das atividades da proposta do que costumava acontecer com outras atividades de produção desenvolvidas com turmas anteriores de 9º ano com as quais trabalhei. As atividades de produção de texto costumavam ser rejeitadas pela maior parte da turma. Quando realizadas eram entregues com pedidos para que eu só lesse em casa. Qualquer pedido para socializar o texto com a turma era veementemente recusado. A tentativa de um atendimento individual para a avaliação

dos textos produzidos também não era bem aceita, muitos deles torciam para a aula acabar antes de chegar sua vez.

Contudo, a produção escrita da proposta desde o início foi bem aceita pelos alunos. Todos produziram seus textos e não houve pedidos para que eu não os lesse diante deles. Os grupos ficaram contentes em socializar suas produções na *internet*. O medo de ler o texto com a professora foi subjugado pelo desejo de saber se esse estava em condições de ser lido por outras pessoas. Dessa forma, percebi que aos poucos fui deixando de ser vista como aquela que aponta os erros e dá nota ao texto para assumir a posição de leitora mais crítica que daria sugestões para o texto ficar melhor e compreensível pelos outros leitores.

O desenvolvimento das atividades proporcionou então o estabelecimento de uma relação de parceria não só entre a equipe que produzia os textos, mas também comigo. O caráter lúdico e interativo das atividades propostas permitiu uma maior aproximação e confiança por parte dos alunos com relação a mim, pois a quebra da rotina das atividades com o livro didático na sala alterou a visão de professor que repassa conteúdos para o de professor que encoraja, incentiva, desafia, supervisiona e orienta a aprendizagem dos seus alunos.

Essa nova forma de perceber minhas atribuições no processo de ensino ao longo do desenvolvimento dessa experiência serve de estímulo para a elaboração de novas propostas que desafiem e envolvam os alunos na construção dos seus conhecimentos. Foi gratificante vê-los empenhados em produzir textos e interessados em minha opinião e orientação.

A leitura de revisão do texto feita antes da publicação na *internet* não foi realizada de forma rigorosa por mim porque a intenção não era fazer a correção gramatical do texto dos alunos nesse momento, pois seria a da professora e não a do próprio aluno. Assim, muitos textos foram publicados com seus problemas, para que no momento da leitura das *fanfics* e da escrita dos comentários no *blog*, fossem percebidos, comentados e, posteriormente, poderiam ser trabalhados nas aulas de gramática. A ideia seria verificar nas publicações os problemas mais recorrentes relativos aos aspectos gramaticais nos textos publicados no *blog*, elaborar aulas expositivas sobre as dificuldades identificadas e a partir daí os alunos revisariam seus textos utilizando o recurso da reedição.

A maior dificuldade da experiência foi o bloqueio, sem justificativa, por parte da Secretária de Educação, da página do Blogger nos computadores da escola. O desbloqueio foi autorizado após solicitação do Núcleo Gestor da escola, mas os procedimentos para realizá-lo não foram bem esclarecidos pelos responsáveis. Desse modo, duas etapas da proposta ficaram comprometidas: a publicação das *fanfics* no *blog* feita em apenas um *notebook* atrasou bastante as atividades e atrapalhou a dinâmica das aulas e a leitura das publicações no laboratório com a escrita dos comentários foi totalmente inviabilizada.

4.2. Análise das *fanfics* produzidas

A turma do 9º ano A da escola em que realizamos a pesquisa publicou nos meses de março a junho um total de vinte e sete *fanfics* no *blog* Escrevendo na net.

Os textos produzidos por grupos de alunos nas aulas de produção textual revelam níveis de competências e habilidades de escrita bastante variados. Algumas *fanfics* evidenciam a dificuldade que certas equipes tiveram em coordenar aspectos fundamentais para a construção de um bom texto, sejam eles aspectos linguísticos, textuais ou enunciativos.

Muitos textos apresentam a dificuldade que os alunos têm de domínio dos padrões de escrita. A falta do emprego da pontuação, a quebra das regras de concordância verbal e nominal da língua, o desconhecimento das múltiplas representações do mesmo som ao escrever as palavras e a não segmentação do texto em parágrafos são problemas facilmente identificáveis em vários textos publicados.

Figura 6 – Texto não segmentado em parágrafos

A Pequena Vendedora de Fósforos

Por: Mattheus Costa , Larissa Cruz , Geisse Maria , Maria Vitoria

Era um belo dia uma pequena garotinha que vendia fósforos na rua para poder viver, ela tinha fugido de casa porquê seu pai batia nela. Sua mãe já tinha falecido a menina perambulava pelas ruas procurando vender fósforos mais ninguém queria comprar, ao passar do dia a menina não conseguia vender nada, no cantinho da rua em um lugar cheio de neve a menina se deitou se encolhendo para se proteger do frio, não adiantava a menina não conseguia sentir calor então pegou os fósforos e acendeu quando a menina acende o fósforos da um frio de repente e a menina fica assustada pois da um apagão em plena noite de natal e em toda a cidade. De repente a menina vê uma sombra e fica com medo, mais era sua a vizinha que era a unica na família que amava a pequenina de verdade. A menina pensava que sua querida vizinha teria morrido más a menina ficou tão feliz que dava para ver em seu rosto coberto de lágrimas de felicidade a vizinha da pequenina levou ela para a sua casa lá a menina tomou um bom banho, vestiu roupas quentinhas e ceou com a sua vizinha e no final Da noite sentou perto da árvore de natal e tomou chocolate quente junto a janela para ver as luzes coloridas e maravilhosas da cidade pois a luz tinha voltado de novo. A menina ficou muito feliz por que tudo que ela queria era uma coisa: família, comida e sobre tudo o amor de sua avó.

Fonte: Elaborado pela autora

No entanto, nossa intenção primordial neste capítulo não é a de observar e analisar questões essencialmente gramaticais dos textos publicados, mas observar de que modo os alunos criaram suas *fanfics*, pois a proposta de ensino e aprendizagem da produção de texto sob a perspectiva dos gêneros textuais exige de nós um olhar mais centrado nas produções buscando perceber se o aluno utilizou a estrutura, a linguagem e o conteúdo adequados ao gênero, se ele considerou quem era seu interlocutor e a situação de comunicação e se o texto cumpriu a finalidade a que ele se propunha.

Desse modo, as vinte e sete publicações apresentam elementos que nos permitem identificá-las como *fanfics*. As produções foram criadas a partir de contos clássicos da literatura infantil – *A Pequena Vendedora de Fósforos*, *O Valente Soldado de Chumbo* e *A Pequena Sereia* – e de filmes baseados nesses mesmos contos.

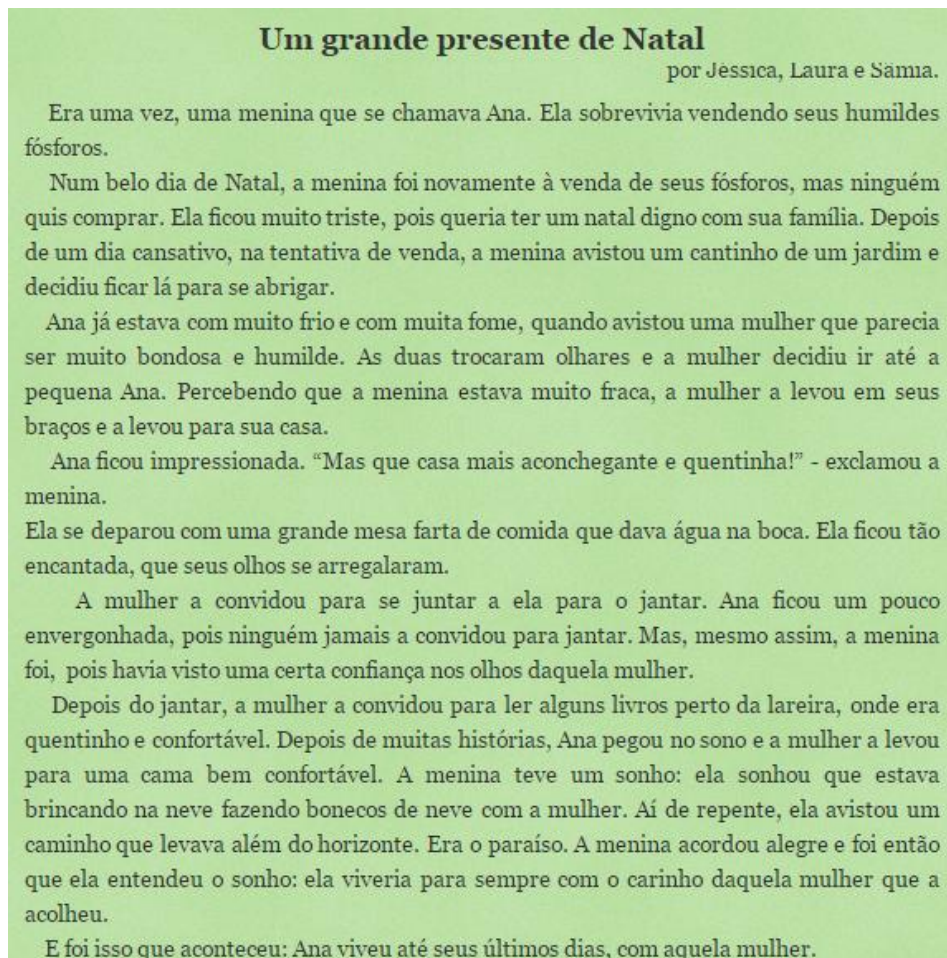
O veículo de circulação utilizado para esse gênero geralmente são *blogs* e páginas eletrônicas desenvolvidas especialmente para sua publicação. Os textos escritos pelos alunos foram publicados no *blog* Escrevendo na net, criado para o desenvolvimento da proposta.

Figura 7 – Título do *blog*

Fonte: Elaborado pela autora

O gênero *fanfic* assim como outros textos ficcionais tem por finalidade entreter o leitor, provocar reflexões, emocionar e proporcionar prazer estético. A leitura das *fanfics* produzidas pelos alunos nos permite afirmar que eles buscaram atingir esses objetivos.

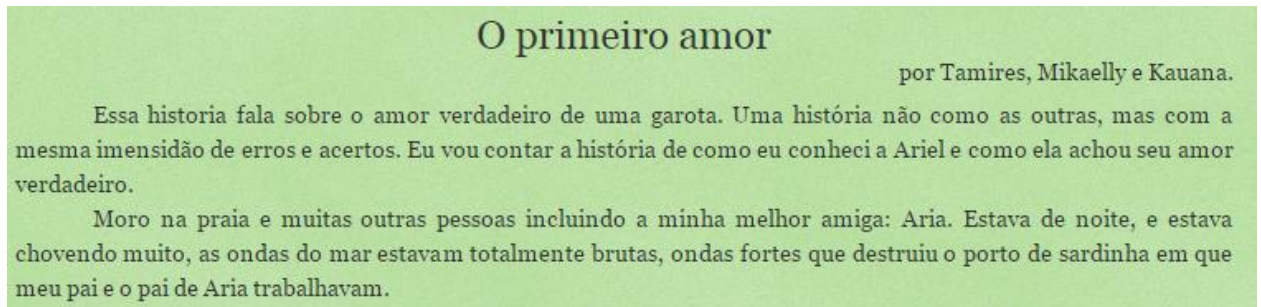
Figura 8 – Leitura de entretenimento



Fonte: Elaborado pela autora

Os textos publicados apresentam os elementos que formam a estrutura da narrativa: narrador, personagens, tempo, espaço e enredo. Com relação ao tipo de narrador escolhido pelos alunos, apenas uma *fanfic* apresenta narrador-personagem.

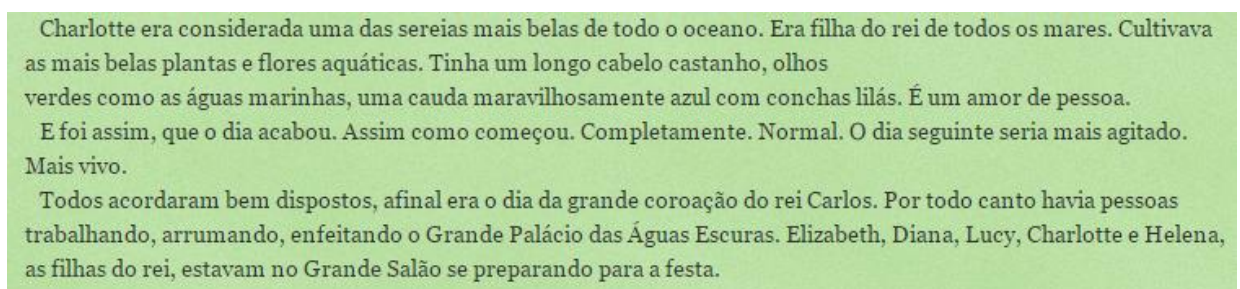
Figura 9 – *Fanfic* com narrador-personagem



Fonte: Elaborado pela autora

As *fanfics* apresentam poucas personagens. Na maioria das vezes, são as mesmas que aparecem nas narrativas originais acompanhadas de outras personagens inventadas pelos alunos. As personagens que nos contos originais são denominados por substantivos comuns (menina, soldadinho, bailarina, sereia) recebem dos alunos nomes próprios, muitos deles estrangeiros (Renesmy, Edward, Charlotte, Elizabeth, Lucy, Harry...). A relação de afetividade desenvolvida com os personagens provavelmente faz com que os alunos sintam a necessidade de individualizá-los. A opção por nomes de outra língua talvez seja justificada pela valorização da cultura estrangeira acreditando conferir certo status aos personagens.

Figura 10 – Nomes estrangeiros dos personagens



Fonte: Elaborado pela autora

Uma das equipes quis homenagear as colegas de sala batizando seis personagens, as irmãs da pequena sereia, com seus nomes. Uma atitude que, no mínimo, demonstra a intenção dos alunos de chamar a atenção das colegas para o texto e também revela o desejo de incluir algo que faz parte da sua realidade à ficção produzida.

Figura 11 – *Fanfic* com o nome das alunas da classe

A destemida sereia
Por: Irlisson, Ana Beatriz e Eudázio.
Na vala mais profunda do oceano existia uma bela sereia com olhos azuis, cabelos vermelhos e sua cauda verde. Ela tinha seis irmãs e seus nomes eram: Kauana era a mais velha, Sâmia era a segunda irmã, Tamires era a terceira, Laura era a quarta, Rayane era a quinta e Jéssica era sexta.

Fonte: Elaborado pela autora

Ainda sobre as personagens, vale ressaltar a modificação que acontece com elas em algumas *fanfics* criadas a partir da história do soldadinho de chumbo. As personagens não aparecem mais como brinquedos e sim como humanos. A personificação dos bonecos permite aos alunos criarem enredos mais próximos as suas realidades, dotando os personagens com características de personalidade que eles conhecem e se identificam.

Figura 12 – Soldadinho humano

O Soldado Guerreiro
Por Wellington e Ryan
 Era uma vez, um soldado que não conseguia se apaixonar por nenhuma menina, mas em um belo dia caminhando com sua equipe avistou uma bailarina e logo de cara se apaixonou por ela .
 Mas, o que ele não sabia era que havia um palhaço que também estava apaixonado por ela. O soldadinho que não conseguia se apaixonar por ninguém, resolveu ir até a bailarina e ao chegar lá avistou um palhaço que foi logo lhe agredindo. O soldadinho sem reação , sem saber o que estava acontecendo, até por que ele não tinha feito nem um mal a ninguém acabou sendo atingido por caixas e pedras e muito mal o soldadinho caiu no chão .

Fonte: Elaborado pela autora

Nas produções criadas predomina o tempo cronológico. Os espaços onde as histórias estão ambientadas geralmente são os mesmos das histórias inspiradoras. No entanto, em algumas *fanfics* há um interessante deslocamento espaço-temporal quando se observa o desenvolvimento das ações das personagens na atualidade: o soldadinho vai às festas, passa a morar na cidade quando completa 18 anos e comunica-se com a bailarina através de *WhatsApp*... Mais uma vez, os alunos buscam imprimir vivências suas às narrativas: idas a festas, mudanças ao atingir a maioridade, uso de tecnologias de comunicação etc.

Figura 13 – Personagens no momento atual

O Soldadinho Vagabundo e a Dama Bailarina
por: Layla, Jessica O. e Rosiane

Era uma vez, um soldadinho deficiente de uma perna que era muito charmoso, e que tinha 17 anos. Ele se chamava Wesley.

Certo dia, ele estava indo para uma festa de um amigo. Quando ele estava indo, se esbarrou com uma bela dama e ela caiu no chão. Ele muito simpático que era a ajudou a se levantar e quando viu o brilho do olhar dela se apaixonou. Ela não estava nem aí para ele e ignorou a sua ajuda, pois estava atrasada para sua peça.

Fonte: Elaborado pela autora

É interessante destacar algumas considerações a respeito dos elementos que ajudam na construção dos enredos desenvolvidos nas *fanfics* dos alunos. A introdução, momento em que o narrador apresenta os fatos iniciais da narrativa, começa nas *fanfics*, na maioria das vezes, pelo bom e velho “Era uma vez...”.

Figura 14 – Introdução com “era uma vez”

A pequena Sereia
por: Rodrigo, Gérson e Samuel

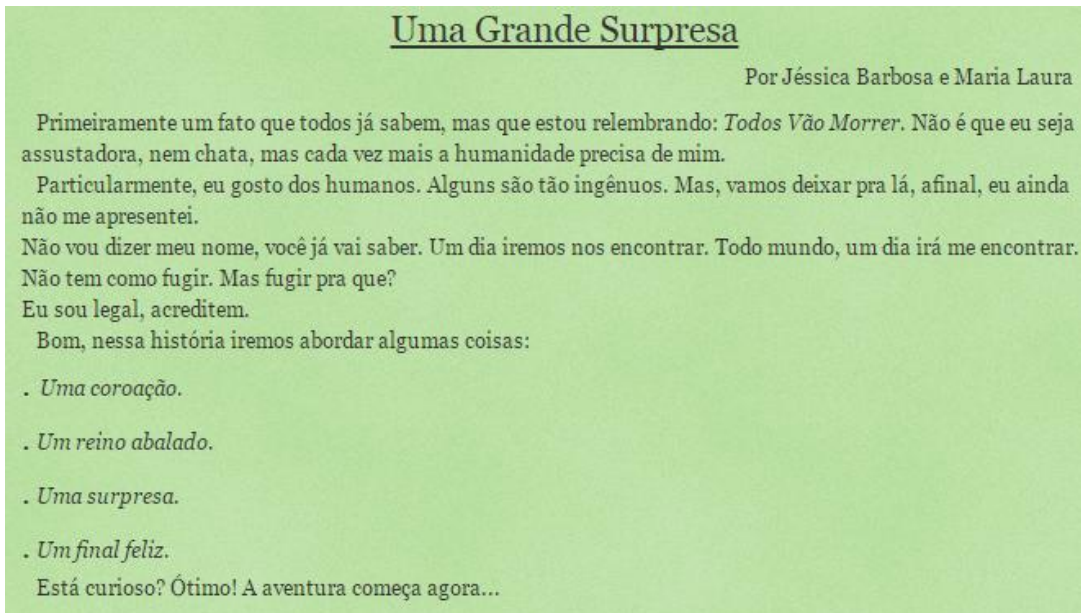
Era uma vez uma sereia chamado Riela. Ela é uma linda sereia que vivia no fundo do mar sua pele era branca, possuía cabelos longos vermelhos e olhos verdes, ela costumava subir a superfície sentava numa rocha a luz do luar e cantava uma musica irresistível para ver os navios passarem.

O pai da sereia se chamava Tritão. Ele era o rei dos mares que tinha um conselheiro leal, ele se chamava Nino e ele fazia tudo que o rei queria. O Tritão não permitia que a sereia Riela subisse a superfície, mas a sereia Riela como era teimosa sempre subia a superfície.

Fonte: Elaborado pela autora

Duas *fanfics*, produzidas a partir da história da pequena sereia, trazem introduções que lhes diferenciaram das demais. Uma dessas *fanfics* tem a morte como narradora conversando com o leitor e apresentando de forma misteriosa os acontecimentos abordados na narrativa.

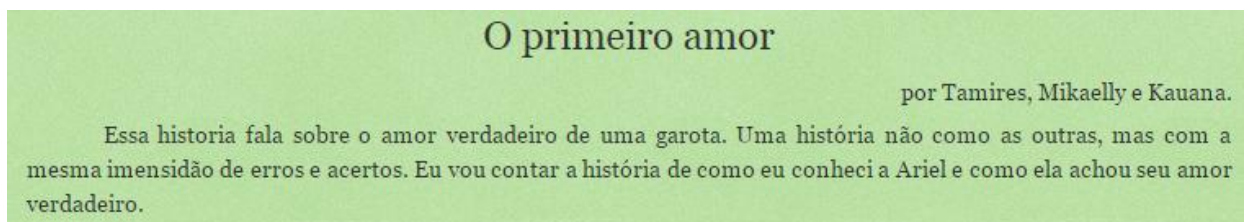
Figura 15 – Introdução diferenciada 1



Fonte: Elaborado pela autora

A outra *fanfic*, única que tem narrador-personagem, também utiliza o recurso de ativar a curiosidade do leitor na introdução, referindo-se a narrativa como uma história diferente das outras.

Figura 16 – Introdução diferenciada 2



Fonte: Elaborado pela autora

A complicação é a parte da narrativa na qual os alunos começam a revelar seu lado mais criativo ou não nas *fanfics*. Algumas equipes optaram em

recontar as introduções e a complicação das obras originais preferindo modificar apenas os desfechos das narrativas.

Figura 17 – Modificação do desfecho

A Pequena vendedora de fósforo e sua nova família

por : Ryan , Cidrão , Jean

O frio estava impiedoso a neve vindo e a noite escura já estava se aproximando e essa era a última noite do ano, por ser a véspera do ano novo e foi nesse frio tenebroso e com essa escuridão inquietante em que uma pobre garota estava a vender fósforos que ninguém comprava .

Lá estava a pequena garota andando para lá e para cá com seus pequenos e desprotegidos pés, que estavam congelando por causa do frio intenso.

E ninguém comprava seus fósforos e também não poderia voltar para casa com medo de que seu pai batesse nela, até que um cantinho entre duas casas enquanto uma dessa casa estava 2 metros de largura e ela sentou-se e com frio acendeu o fósforo e começou a imaginar uma mesinha com comida e tudo quentinho, mas ela acordou e no desespero acendeu outro fósforo e o outro era uma carroça de fogo com dois cavalos que a levou para casa da sua avó que estava falecida mas o fósforo apagou-se e ela novamente acendeu o fósforo e ela imaginou uma árvore de natal de sua avó mas o fósforo apagou-se. A menina começou a congelar. Quando ela estava quase morrendo, um casal achou a menina e levou-a para sua casa para comemorar o natal junto com eles. O casal gostou tanto da menina que resolveu adotá-la.

Fonte: Elaborado pela autora

Outras equipes, no entanto, só utilizavam os personagens dessas obras e modificavam todo o enredo.

Figura 18 – Enredo todo modificado

A bailarina e o soldadinho

Por Gilvanna, Vitória e Elekleidson

Era uma vez um reino. Em um castelo, vivia um rei chamado Bruno e uma rainha chamada Vitória.

O rei era muito ciumento e cruel com sua esposa, enquanto ela era bondosa e tinha uma beleza incomparável.

A rainha Vitória era uma bailarina maravilhosa e toda noite ela dançava por todo o castelo. Em uma dessas noites, o rei foi dormir cedo, pois estava cansado. A rainha começou a dançar e um dos soldados que cuidava de sua proteção a avistou e não conseguiu, mas tirar os olhos dela.

O soldado chamava-se Kauan. Ele e a rainha passaram a noite inteira se olhando e acabaram se apaixonando loucamente. A rainha Vitória só pensava no soldado Kauan e o rei Bruno foi percebendo que a rainha estava distante dele. Até porque, a rainha Vitória nunca tinha sido apaixonada pelo rei e ele sabia disso, mas viviam de aparências.

Outra noite, aconteceu. O soldado Kauan e rainha Vitória passaram uma noite linda juntos e ela ficou grávida de um menino. Eles decidiram fugir e viver seu amor proibido.

Eles fugiram do rei e tiveram seu filho em outro reino e viveram felizes pra sempre.

Fonte: Elaborado pela autora

Outras equipes modificavam alguns aspectos da introdução e da complicação, mas não construíam o clímax e apresentavam desfechos muito simples e sucintos demais.

Figura 19 – Clímax e desfecho pouco desenvolvidos

Erik era muito bonito e quando Ariel o avistou logo se apaixonou e ele também por ela, mesmo sem cabelo. Eles começaram a namorar e estavam muito felizes, mas a bruxa descobriu que Ariel estava muito feliz e quis por um fim no relacionamento de Ariel.

A bruxa se transformou em uma linda mulher e levou o Erik pra um lugar desconhecido. Tritão ficou sabendo de tudo e queria a felicidade de sua filha, mesmo não querendo deixar ela ficar com sua mãe. Ele saiu atrás do lugar onde a bruxa tinha escondido Erik e o encontrou. Em seguida, saiu atrás da bruxa, encontrou-a e aprisionou-a.

Assim, todos viveram felizes com um amor verdadeiro que eles tinham.

Postado por Alessandra Sousa às 03:35 Nenhum comentário:

Fonte: Elaborado pela autora

Os desfechos de muitas *fanfics*, ao contrário dos contos, apresentavam finais felizes. Para a história da pequena vendedora de fósforos, a adoção da menina por uma nova família era a saída encontrada por muitas equipes que não concordavam com a sua morte no conto original. Mas houve quem criasse histórias tão trágicas quanto à de Andersen. Uma possível explicação para isso seria a falta de boas perspectivas que alguns alunos demonstram por vivenciarem uma realidade bastante difícil. Tais alunos são moradores de comunidades carentes onde a violência e o tráfico de drogas imperam impossibilitando-os de acreditarem em finais felizes.

Figura 20 – História trágica

O último fósforo

Por Mikaelly, Tamires, Thaynara e Kauana.

Era uma vez uma família muito pequena, uma garotinha com seus pais. A casa em que moravam era bem simples e quase não tinha nada. A família tinha um negócio, vendiam fósforos nos sinais de trânsito e era sua sobrevivência. As vendas não eram muito boas, e muitos só comiam uma vez a cada três dias. Lucy (a mãe) estava muito doente e já não tinha forças para levantar-se da cama. Apenas Pedro (o pai) e Clara (a filha única do casal) que iam as vendas no trânsito.

Então o natal se aproximava, a cidade e o trânsito estavam muito movimentados, Pedro e Clara aproveitaram o sinal fechado para vender seu produto. Pedro estava no meio da avenida, e tentou correr para a calçada mas uma caminhonete o atropelou. Clara assustada com a cena que viu, não sabia o que fazer, correu para casa avisar para sua mãe, porém ela estava morta em cima de um colchão no chão frio.

Depois de duas semanas do ocorrido, Clara voltou a vender o resto dos fósforos. Sem sucesso, Clara voltou para casa, estava muito frio, e Clara teve a ideia de queimar o colchão para se esquentar. As chamas eram fortes, mas depois de um tempo, apagou-se.

No dia seguinte finalmente era manhã de natal, para Clara mas um dia escuro e sem vida. Sua alma já estava morta, o mundo para ela tinha acabado, andando pelas ruas, observando as pessoas felizes e cantando músicas natalinas. Por fora estava sólida com um olhar triste, mas por dentro estava gritando por socorro e misericórdia.

Clara continuava andando, quando avistou um penhasco, que dava diretamente para um rio com correntezas fortes. Clara pegou uma foto de seus pais e um último palito de fósforo, então andou até a ponta do penhasco, virou-se de costas, ela estava acendendo o fósforo e dando adeus.

O fósforo se apaga e ela se joga do penhasco.

Fonte: Elaborado pela autora

O soldadinho, que era correspondido pela bailarina em todas as narrativas, teve seu coração partido pela bailarina em uma *fanfic*.

Figura 21 – Soldadinho não correspondido pela bailarina

Quando terminou o concurso, o soldadinho de chumbo foi atrás da bailarina e se declarou para ela. Bianca ficou encantada, porém ela disse que não podia correspondê-lo porque era apaixonada por outra pessoa.

O soldadinho ficou muito triste e saiu andando pelas ruas e encontrou uma mulher com quem começou a conversar. Ela perguntou por que ele estava triste e ele respondeu que não queria falar sobre isso.

O soldadinho convidou a mulher para jantar e eles se tornaram amigos.

Depois de algum tempo, a amizade virou namoro e os dois ficaram muito felizes.

Fonte: Elaborado pela autora

A história da pequena sereia teve desfechos bem variados: não conseguiu beijar o príncipe e virou areia da praia, foi trocada por outra garota e cometeu suicídio, descobriu que o garoto por quem era apaixonada era um “Mané” e em um dos finais mais inusitados tornou-se uma cantora de funk de sucesso e se apaixonou por um modelo.

Figura 22 – Desfecho inusitado

Toda noite elas queriam sair para as festas, só que seu pai não deixava ela sair direto, mas Luana não aceitava e esperava seu pai ir dormir e saia para a balada.

Em uma dessas saídas, Luana estava indo para a casa quando decidiu subir para a superfície e avistou um rapaz lindo, bem arrumado brincando com seu melhor amigo um cachorro lindo chamado Rex.

Ela todos os dias queria subir até a superfície para ver a beleza do rapaz. Um desses dias, ela começou a cantar uma música muito conhecida de funk da mc Ludimila que se chamava “te ensinei certinho”. O rapaz que se chamava Caio Castro achou sua voz linda e coincidentemente ele era produtor musical e Luana tinha o sonho de ser cantora e Caio resolveu ajudá-la, mas ela como sereia não dava.

Então, Luana foi pedir para seu pai, Cristhyan o rei, sabendo do sonho de Luana resolveu lhe dar as pernas com seus poderes mágicos. Ela ficou muito feliz e então Caio ajudou-a a ser uma bela cantora de funk conhecida internacionalmente.

Luana conheceu um modelo lindo de olhos azuis que se chamava Gabriel. Ela o conheceu em uma dessas viagens de trabalho e então eles se apaixonaram e começaram a namorar e ficaram felizes por muito e muitos anos...

Fonte: Elaborado pela autora

Com relação à linguagem dos textos, os alunos optaram pela utilização da variedade padrão da língua, permeada por expressões próprias da juventude como “galera”, “tipo uma”, “logo de cara” e algumas marcas de oralidade “aí”, “tá”, “pra”.

Figura 23 – Linguagem do texto

um barco. Esses meninos não acreditavam em sereias pensavam que isso era só uma lenda qualquer . As sereias resolveram chegar perto do barco e quando chegaram lá os meninos se assustaram e ficaram surpresos com o que estavam vendo em sua frente e eles falaram :

- Minha nossa sereias existem mesmo galera!

As sereias falaram :

- Vocês pensavam que sereias não existiam ?

- Sim!

- Por quê?

- Porque as pessoas dizem que isso e só uma lenda.

- Pois você estão nos vendo pessoalmente .

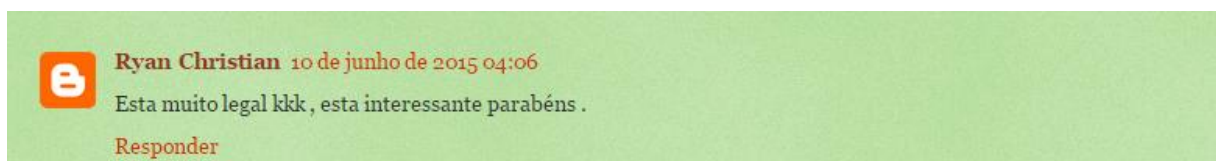
Uma das sereias se apaixonou logo de cara por um desses meninos , mas ela pensou “meu Deus será que ele vai me querer até porque sou uma sereia e não posso andar.”

Mas o que ela não sabia era que também o menino tinha se apaixonado por ela também e ele pensou do mesmo jeito “meu Deus será que ela vai me querer até porque não posso viver embaixo d’água.

Fonte: Elaborado pela autora

O internetês, linguagem usada no meio virtual como “vc”, “tbn”, “kkk”, não foi utilizado pelos alunos na construção dos textos, no entanto, aparece em comentário.

Figura 24 – Uso do internetês



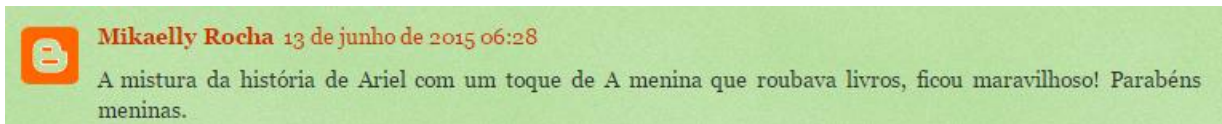
Fonte: Elaborado pela autora

Algumas *fanfics* fazem alusão a outras obras conhecidas pelos alunos. Em uma das *fanfics* produzida a partir da história do soldadinho de chumbo a referência à outra obra fica evidente já no título “O Soldadinho Vagabundo e a Dama Bailarina”. Numa primeira análise trata-se uma alusão a um filme de Charles Chaplin ou ao desenho animado da Disney de mesmo nome. No entanto, a referência parece estar relacionada aos personagens de uma telenovela para adolescentes que faz muito sucesso entre os alunos, *Malhação*. A equipe, que já tinha abordado a

questão da diferença social entre um jovem casal na sua primeira *fanfic* sobre a pequena vendedora de fósforos, volta a tratar dessa questão numa história atual envolvendo o soldado e a bailarina.

A *fanfic* intitulada “O primeiro amor” mistura elementos da história da pequena sereia com o filme americano *Aquamarine – A Sereia Apaixonada*, assim como a *fanfic* “Uma grande surpresa” apresenta elementos da obra *A menina que roubava livros*, como bem percebe uma das alunas conforme o comentário publicado no *blog*.

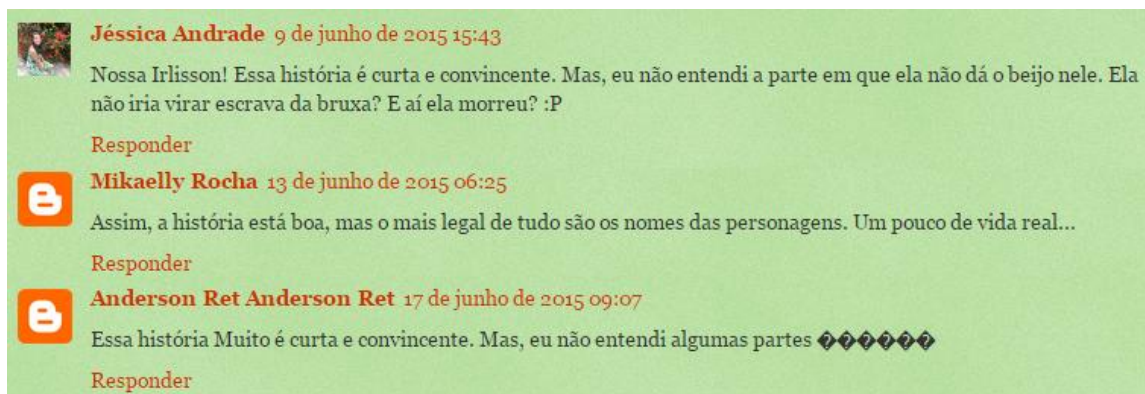
Figura 25 – Comentário da aluna



Fonte: Elaborado pela autora

Os comentários feitos pelos alunos são curtos e geralmente exprimem uma aprovação ou não da *fanfic* ou uma dúvida sobre algo que não foi compreendido sobre a narrativa.

Figura 26 – Comentários sobre as *fanfics*



Fonte: Elaborado pela autora

As narrativas produzidas apresentam: predominância de narrador-observador nas histórias, personagens individualizados, na maioria das vezes, com nomes estrangeiros, algumas histórias originais tiveram espaço e tempo deslocados para ambientes frequentados pelos estudantes nos dias atuais, vários enredos foram iniciados com “era uma vez”, duas introduções com criação de expectativa feitas

através do diálogo do narrador com o leitor, enredos totalmente diferentes dos contos originais e outros somente alterados no desfecho, em alguns casos clímax e desfecho pouco desenvolvidos, alternância entre a manutenção de fins tristes ou trágicos e criação de finais felizes, utilização da variedade padrão com expressões da linguagem dos jovens, marcas de oralidade e sem uso do internetês, alusão a outras narrativas.

Figura 27 – Síntese da análise das *fanfics*

NARRATIVA	FANFICS PRODUZIDAS
Narrador	• Predominância de narrador-observador.
Personagem	• Personagens individualizados, nomes estrangeiros.
Tempo e espaço	• Deslocados para ambientes frequentados pelos estudantes.
Enredo	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciados com “era uma vez”. • Criação de expectativa na introdução por meio do diálogo do narrador com o leitor. • Totalmente modificados ou alterações nos desfechos. • Clímax e desfechos pouco desenvolvidos. • Manutenção de fins tristes e trágicos e criação de finais felizes. • Alusão a outras narrativas.
Linguagem	Variedade padrão, uso de expressões informais e marcas de oralidade.

Fonte: Elaborado pela autora

As *fanfics* publicadas no *blog* apresentam dramas e romances de escritores (ou *ficwriter*) iniciantes cheios de entusiasmo e criatividade que se dispuseram a participar do *blog* com suas produções demonstrando muito boa vontade e interesse em realizar atividades no ambiente virtual.

As atividades realizadas durante a proposta trouxeram para mim uma maior consciência da necessidade de buscar sempre aperfeiçoar minha prática, rever minhas ações e elaborar propostas que envolvam e motivem os alunos a ler e a escrever com prazer. A primeira preocupação do professor na aula de produção

textual não deve ser com os erros cometidos quando o aluno escreve e sim com o porquê do aluno não querer escrever e o como fazer para que ele queira. A partir daí pensar então em propostas que mudem essa realidade. Depois de motivados a gostar de escrever, os próprios alunos perceberão a necessidade de aperfeiçoar a sua escrita e buscarão o conhecimento de regras e recursos que o professor se esforça em ensinar e no geral eles não mostram interesse em aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tecnologias digitais e seus recursos fazem parte de várias práticas de uso da escrita na nossa sociedade e a escola como agência de letramentos precisa incluir o letramento digital nas suas práticas tanto para evitar a exclusão digital dos seus alunos quanto para ampliar as possibilidades de contato com a escrita em um ambiente cada vez mais compartilhado no mundo todo, o ambiente virtual.

Entretanto, incorporar as tecnologias e promover o letramento digital exige da escola e em especial do professor da disciplina de língua portuguesa, que trabalha mais efetivamente o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, uma atualização dos conhecimentos e uma revisão das práticas de ensino, como alerta Coscarelli (2009, p. 14):

não adianta trazer o computador para a sala de aula, com programas sofisticados, se a concepção de aprendizagem continua sendo centrada no professor, na ideia de que os alunos vão aprender ouvindo, de que todos aprendem da mesma forma e que todos têm de aprender a mesma coisa no mesmo momento e da mesma forma.

Atualizar os conhecimentos sobre as tecnologias e sobre esse novo tipo de letramento é indispensável para que ocorra tanto a inclusão digital inicial como o processo de letramento nesse ambiente. Jimenez (2013, p. 38) apresenta uma realidade que dificulta a realização do letramento digital na escola:

o censo escolar de 2011 aponta que há pouco mais de 2 milhões de professores atuando na educação básica no Brasil, 74% deles com formação superior. Entretanto, essa formação não inclui, em sua maioria, o preparo para o uso da internet como recurso pedagógico. Geralmente, quando as graduações abordam esse recurso, focam principalmente a decodificação de signos e a organização da gramática hipertextual, mas deslocados das potencialidades pedagógicas intrínsecas ao meio digital. Os professores são letrados, em sua maioria, em textos impressos sequenciais, mas não podemos dizer que já vivenciaram o processo de letramento digital.

A falta de formação dos professores inviabiliza que ocorra o letramento digital na escola e transforma as tecnologias digitais em simples substitutas do livro didático, utilizando a mesma concepção conteudista de aprendizagem e práticas tradicionais. Coscarelli (2011, p. 26) exemplifica o uso do computador a partir dessa visão:

podemos usar o computador para ajudar os alunos a decorarem listas e listas de tabuada, regras, datas, dados, etc. Podemos usar o computador para apresentar de forma bonita e animada um monte de conteúdos que os alunos têm de saber... Programas de apresentação de slides (como o *Power Point*) podem transformar o computador em um lindo quadro que não é mais de giz nem é negro, mas que vai funcionar na sala de aula da mesma forma que as tão conhecidas lousas, que servem de suporte para o professor apresentar todo o saber.

A autora ainda esclarece que o computador por si só não vai modificar a concepção de aprendizagem das escolas, uma vez que ele pode ser usado em diversas situações, o que ela aponta como uma das vantagens de se usar o computador em sala de aula, pois cada momento da situação de aprendizagem requer uma estratégia diferente, e o computador pode ser útil em várias ocasiões, bastando para isso que o professor planeje atividades, mais dirigidas ou menos, conforme o momento.

É a falta de conhecimento tanto sobre as tecnologias quanto sobre o novo letramento estreitando as possibilidades de uso dessas ferramentas, que também exigem uma revisão das práticas escolares. Nesse sentido,

o computador disponibiliza muitos textos, encoraja com suas ferramentas a construção de textos mono ou multimodais. O computador é um meio de comunicação, diminui distâncias, pode aproximar as pessoas. Essas entre tantas outras propriedades dessa máquina e das redes que se constroem com ela, podem nos ajudar a realizar a tarefa de formar aprendizes autônomos, curiosos e livres para buscar respostas para suas perguntas, críticos para avaliar as possíveis soluções e cooperativos para participar da construção do saber em rede. (COSCARELLI, 2009, p. 14)

Em face do exposto, a promoção de práticas pedagógicas relacionadas com o letramento digital se orienta por uma opção colaborativa, que deixe de lado as aulas expositivas centradas no professor bem como necessita de uma visão mais ampla da linguagem e suas possibilidades, pois ler e escrever na *internet* exigem conhecimentos e habilidades específicos desse ambiente. Sobre esses conhecimentos e habilidades específicas, Soares (2002, p. 150) esclarece que:

o texto no papel é escrito e é lido linearmente, sequencialmente – da esquerda para a direita, de cima para baixo, uma página após a outra; o texto na tela – o hipertexto – é escrito e é lido de forma multilinear, multissequencial, acionando-se links ou nós que vão trazendo telas numa multiplicidade de possibilidades, sem que haja uma ordem predefinida. A dimensão do texto no papel é materialmente definida: identifica-se claramente seu começo e seu fim, as páginas são numeradas, o que lhes atribui uma determinada posição numa ordem consecutiva – a página é uma

unidade estrutural; o hipertexto, ao contrário, tem a dimensão que o leitor lhe der: seu começo é ali onde o leitor escolhe, com um clique, a primeira tela, termina quando o leitor fecha, com o clique uma tela, ao dar-se por satisfeito ou considerar-se suficientemente informado.

Jimenez (2013, p. 38) nota que na formação de professores é preciso não só ensinar codificar e decodificar os signos de um hipertexto, esclarecendo as características dos ambientes, mas também exercitar a leitura do hipertexto no contexto de práticas pedagógicas contemporâneas.

Sem a formação adequada, o professor não conseguirá propiciar a seus alunos vivências que os insira no mundo digital levando-os a ler e produzir textos de modo competente nesse ambiente colaborando assim para seu letramento digital. Dessa forma, a escola não conseguirá inserir os alunos efetivamente no *ciberespaço*, fazendo com que eles apenas interajam nesse ambiente de forma lúdica ou simplesmente para se distrair e não construindo conhecimentos.

A inserção no universo virtual perpassa pelo conhecimento e compreensão de um conjunto de gêneros textuais que surgiram no decorrer do desenvolvimento da tecnologia digital entre eles o *e-mail*, bate-papo virtual (*chat*), aula-*chat*, listas de discussão, *blogs*. É preciso ampliar e atualizar os conhecimentos dos professores de língua materna sobre os gêneros digitais para que eles possam ser inseridos em suas aulas de leitura e escrita, incluindo-os entre os demais gêneros estudados em sala de aula. Assim como também é preciso ter nas escolas uma infraestrutura adequada para a realização de atividades de letramento que fazem uso de computadores e *internet*.

Nesse sentido, desenvolvemos nossa pesquisa com a finalidade de elaborar uma proposta de ensino e aprendizagem da produção de texto sob a perspectiva dos multiletramentos, em concreto, o literário e o digital com o objetivo de promover o letramento digital através de práticas de leitura e escrita de língua portuguesa no nono ano do ensino fundamental por meio da exploração didática do gênero digital *fanfic*.

Dentro da proposta, foram lidos três contos clássicos da literatura infantil e foram exibidos vídeos que fomentaram debates, possibilitando a discussões de temas importantes para a formação humana dos alunos. Nessas ocasiões, os alunos tiveram a chance de se posicionar, de questionar, de refletir, de se emocionar

estabelecendo uma nova relação com uma atividade de leitura que na maioria das vezes era considerada enfadonha.

O objetivo de ler para conhecer o enredo, comparar com uma adaptação feita em vídeo e escrever uma nova ficção a partir da original, produzindo assim uma *fanfic*, fez da aula de leitura uma atividade bem mais estimulante.

Propor uma produção escrita em grupo dando tempo para as equipes discutirem suas ideias, planejarem suas narrativas e refazê-las em sala de aula proporcionou a interação e a colaboração dos alunos modificando também a dinâmica da aula e a relação aluno/professor. A figura professor autoridade foi substituída pelo professor orientador a quem o aluno recorre quando encontra dificuldades no momento de produzir a sua história.

Deslocar a produção final do papel para o espaço em que a *fanfic* circula, ou seja, o ambiente digital, além de acrescentar um caráter lúdico e interativo para a atividade, possibilitou a mudança de comportamento do aluno na sala de aula que deixou de ser um simples espectador, que assiste a tudo de forma passiva muitas vezes sem entender o que lhe está sendo apresentado, para assumir a postura de sujeito mais ativo e participativo.

A publicação dos textos no *blog* exigiu dos alunos a aquisição de novos conhecimentos e de novas habilidades diante da tela, para que eles conseguissem interagir através dos seus textos com os leitores das *fanfics*. Muitos desconheciam o que era um *blog*, não sabiam usar vários recursos do editor de texto, não tinham *e-mail*, quando tinham não sabiam como utilizar, pois só criavam contas para ter acesso a redes sociais. Tais limitações decorriam pela falta de acesso às novas tecnologias ou por esse ser bastante limitado.

A leitura e comentário dos textos publicados durante a aula foi a parte da proposta mais prejudicada pelo problema técnico que bloqueou o *blog* nos computadores da escola. Os alunos que não têm *internet* em casa não tiveram a oportunidade de ler e comentar os textos publicados pelos colegas. Alguns alunos recorreram aos aparelhos celulares com *internet* para fazer a leitura e o comentário das *fanfics*, enquanto estávamos no laboratório digitando os textos, o que revelou o interesse deles em realizar a atividade.

O desbloqueio da página do Blogger não ocorreu até o fim do semestre letivo, embora tenha sido autorizado pela pessoa responsável da Secretaria de

Educação. Diante da informação de que havia uma proposta de ensino sendo realizada com a utilização do Blogger iniciada antes do bloqueio, foi sugerido que passássemos a utilizar outra ferramenta ignorando tudo o que já havia sido realizado.

Embora a proposta não tenha sido efetivada conforme o que tinha sido programado, em virtude dos problemas técnicos ocorridos no laboratório de informática, acreditamos que a experiência tenha sido produtiva contribuindo tanto para o letramento digital dos alunos quanto o literário.

A nova relação aluno/professor estabelecida nas aulas de produção textual e a mudança de postura diante das atividades propostas foram duas vivências importantes para ampliar a consciência de que é preciso rever e reformular nossas práticas em sala de aula para garantir a qualidade do ensino e atender as necessidades de uma sociedade cada dia mais tecnológica que exige dos seus cidadãos novos conhecimentos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

AZZARI, Eliane Fernandes; CUSTÓDIO, Melina Aparecida. Fanfics, Google Docs...a produção textual colaborativa. In: ROJO, Roxane. **Escola Conectada: multiletramentos e as tics**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2013.

BAKHTIN, Mikhail M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina G. G.Pereira. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAPTISTA, Livia Márcia T.R. Tecnologias, multiletramentos e ensino de espanhol. In: **Direitos à aprendizagem da língua espanhola na educação básica**. Ano XXIV, Boletim 2, maio de 2014. Disponível em: http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/17130802_14_2DireitosaprendizagemlinguaespanholaEducaçãoBásica.pdf. Acesso em: 15 de julho de 2014.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológico. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; _____ (orgs). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro; CASTANHEIRA, Salete Flôres. **Formação do professor como agente letrador**. São Paulo: Contexto, 2012.

BRASIL, MEC. Secretaria de Ação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília, 1997. 144 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 10 de abril de 2014.

BRASIL, MEC. Secretaria de Ação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/ SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 05 de março de 2014.

BRASIL, Ministério da Educação. **Multimídia educacional acessível a todos**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=11580. Acesso em: 07 de setembro de 2013.

CANDIDO, Antônio. O direito à Literatura. In: _____. **Vários escritos**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/ Duas Cidades, 204. P. 169-191. 1988. Disponível em: <http://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2011/10/candido-antonio-o-direito-c3a0-literatura-in-vc3a1rios-escritos.pdf>. Acesso em: 29 de maio de 2014.

CAVALCANTI, Larissa. Leitura nos gêneros digitais: abordando *fanfics*. In: Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação: redes sociais e aprendizagem, 3., 2010. Universidade Federal de Pernambuco – Núcleos de Estudos de Hipertexto e Tecnologias na Educação. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <https://www.ufpe.br/nehte/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Larissa-Cavalcanti.pdf>. Acesso em: 18 de agosto de 2014.

CEREJA, William Roberto. **Uma Proposta Dialógica de Ensino de Literatura no Ensino Médio**. 2004. 330 f. Tese (Doutorado em Linguística aplicada e estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

CLEMENTE, Bianca Jussara Borges. **O uso do fanfiction nas aulas de produção textual no ensino médio**. 2013. 147 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

COSCARELLI, Carla Viana. Linkando as ideias do texto. In: ARAÚJO, Júlio César; DIEB, Messias. (orgs). **Letramentos na Web: gêneros, interação e ensino**. Fortaleza: Edições UFC, 2009. Fonte: <http://www.youblisher.com/p/636712-livro/>. Acesso em 26 de junho de 2014

_____. Alfabetização e letramento digital. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. (orgs). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3 ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2011.

_____; RIBEIRO, Ana Elisa. (orgs). Apresentação. In: **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3 ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2011.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014a.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014b.

CRUZ, Rafaela Rogério. Fanfiction: impulsionando prática de leitura em tela e produção textual entre adolescentes. In: Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação: Multimodalidade e Ensino, 2., 1ª Edição, 2008, Recife. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <https://www.ufpe.br/nehte/simposio2008/anais/Rafaela-Cruz.pdf>. Acesso em: 18 de agosto de 2014.

JIMENEZ, Márcia Coutinho Ramos. **A leitura do hipertexto no contexto de formação de educadores**. In: Na ponta do lápis. Ano IX – número 22, Agosto, 2013.

KLEIMAN, A.B. **Preciso ensinar o letramento – Não basta ensinar ler e escrever**. 2005. Fonte: www.iel.unicamp.br/cefieel/alfalettras/biblioteca_professor/arquivos. Acesso em 07 de setembro de 2013

KOCK, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: 2013.

LORENZI, Gislaine Cristina Correr; PÁDUA, Tainá-Reká Wanderley de. *Blog nos anos iniciais do fundamental I: a reconstrução de sentido de um clássico infantil*. In:

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs). **Multiletramentos na escola**. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e finalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
MATIAS, Pedro. **Ensino de literatura**: algumas reflexões pontuais. **Conhecimento Prático – Literatura**. Edição 48, 2013.

MELO, Iran Ferreira de. Gêneros de texto como uma ação social da linguagem. **Conhecimento Prático – Língua Portuguesa**. Edição 20, 2009.

MIGUEL, Ely Alves, et al. As múltiplas faces do Brasil em curta metragem: a construção do protagonismo juvenil. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs). **Multiletramentos na escola**. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2012.

ROJO, Roxane. (Org.). Apresentação. In: **Escola Conectada**: multiletramentos e as TICs. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs). **Multiletramentos na escola**. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2012.

SILVA, Auriane Meneses Mesquita; SILVA, Lúcia Maria Leite da. Produção escrita assistemática, espontaneísta, improvisada, restrita às aulas de português. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro (orgs). **Os doze trabalhos de Hércules**: do oral para o escrito. São Paulo: Parábola, 2013.

SME/EducaRede-Fundação Telefonica. **Caderno de Orientações Didáticas Ler e Escrever**. *Tecnologias da Educação*. São Paulo: SME/EducaRede, 2006. 110 p. Disponível em: http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/documentos/BibliPed/Infoeduc/caderno_impresso.pdf. Acesso em 2 de junho de 2013.

SMITH, F. Writing and the writer. New York: Holt Rinehart and Winston, 1982. In: VIEIRA, Lúcia Lerche. **Escrita, pra que te quero?** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, UECE, 2005.

SOARES, Magda. Novas Práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, v.23, nº 81, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br/revista/rev/rev81.htm>> Acesso em: 15 de dezembro de 2013

TENÓRIO, Gislene de Oliveira. **A inserção de fanfictions no ambiente escolar**: uma proposta de sequência didática. Trabalho apresentado no IV CONALI – Congresso Nacional de Linguagens em Interação de 2013. Disponível em: <http://www.dle.uem.br/conali2013/trabalhos/412t.pdf>. Acesso em: 18 de agosto de 2014.

TERRA, Ernani. **Leitura do texto literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

VIEIRA, Iúta Lerche. **Escrita, para que te quero?** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, UECE, 2005.

WIKISOURCE. **Contos de Andersen / A Pequena Vendedora de Fósforos.** Disponível em: https://pt.wikisource.org/wiki/Contos_de_Andersen/A_pequena_vendedora_de_f%C3%B3sforos. Acesso em: 17 de fevereiro de 2015.

WIKISOURCE. **O Valente Soldado de Chumbo.** Disponível em: https://pt.wikisource.org/wiki/O_valente_soldado_de_chumbo. Acesso em: 17 de fevereiro de 2015.

WIKISOURCE. **Contos de Andersen / A Pequena Sereia.** Disponível em: https://pt.wikisource.org/wiki/Contos_de_Andersen/A_pequena_sereia. Acesso em: 17 de fevereiro de 2015.

FILMES

A PEQUENA sereia. Direção: Walt Disney. Estados Unidos: Disney Pictures. Edição Diamante, 2013. DVD. 83 min.

A PEQUENA vendedora de fósforos. Direção: Roger Allers. Estados Unidos. 2006. 6 min e 40 segs. Disponível em: [http://minhateca.com.br/gabrielleite/Curtos+e+anima*c3*a7*c3*b5es/ANIMA*c3*87*c3*83O++A+Pequena+Vendedora+de+F*c3*b3sforos,187748230.mp4\(video\)](http://minhateca.com.br/gabrielleite/Curtos+e+anima*c3*a7*c3*b5es/ANIMA*c3*87*c3*83O++A+Pequena+Vendedora+de+F*c3*b3sforos,187748230.mp4(video)). Acesso em: 17 de fevereiro de 2015.

O SOLDADINHO de chumbo. 7 min e 23 segs. In: Fantasia 2000 (1999). Estados Unidos. Direção: James Algar, Hendel Butoy, Francis Glebas, Eric Goldberg, Don Hahn, Pixote Hunt, Gaëtan Brizzi, Paul Brizzi. 75 min. Curta disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gFanayBhyeA>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2015.

O VALENTE soldadinho de chumbo. Título original: *The brave tin soldier*. Animado por: Jimmie Culhane e Al Eugster. Cartoon, 1934. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s8n7x8UxXvA>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2015.

ANEXOS

ANEXO A

A Pequena Vendedora de Fósforos

Por Hans Christian Andersen

O frio era impiedoso; a neve estava caindo, e a noite escura já estava se aproximando; e essa era a última noite do ano — Véspera do Ano Novo. E foi nesse frio tenebroso e com essa escuridão inquietante que uma pobre garota, descalça e sem nenhuma proteção na cabeça, caminhava pelas ruas. Ela usava uma espécie de chinelo quando saiu de casa, mas de nada lhe adiantou, porque eram chinelos muito grandes para o seu tamanho. A sua mãe os usara por último, então você pode imaginar que eram chinelos para adulto. A medida que a garota atravessava a rua bem na hora em que duas carruagens estavam passando em alta velocidade, ela perdeu os chinelos. Um dos chinelos não pôde ser encontrado, e o outro um garoto saiu correndo com ele. Ele disse que ele usaria o chinelo como berço quando ele fosse grande e tivesse seus filhos um dia.

Lá estava a pequena garota andando pra lá e pra cá com seus pequeninos pés desprotegidos; eles até estavam congelados por causa do frio intenso. Protegidos por um babador velho e usado, ela carregava alguns palitos de fósforos, e em sua mão ela exibia um deles. Ninguém havia comprado nada dela o dia todo, e ninguém havia lhe dado nem sequer uma moeda. Trêmula e com fome, ela, a pobre garota, continuava caminhando, olhando por toda parte os quadros de miséria e tristeza. Os flocos de neve caíam sobre os seus cabelos longos e loiros, os quais se enrolavam com muita beleza em torno do seu pescoço; mas é lógico que ela não pensava em tais futilidades. Luzes brilhavam em todas as janelas, e no ar, havia um cheiro tão delicioso de ganso assado. "Ah! É véspera de Ano Novo," ela pensou.

Em um cantinho entre duas casas — onde uma delas se projetava alguns centímetros na frente da outra — ela se agachou, e se sentou, cobrindo com o corpo seus pezinhos congelados; mas ela sentia cada vez mais frio, e não se atrevia a ir

para casa, pois ela não havia vendido nenhum fósforo aquele dia, nem recebido nenhuma moeda; seu pai iria bater nela, e, além do mais, a sua casa também era fria. Não há dúvida de que havia um telhado como cobertura, mas por entre as fendas ela podia ouvir o sussurro do vento, embora eles tivessem tapado as rachaduras maiores com trapos e palhas. Suas mãozinhas estavam quase entorpecidas pelo frio. Ah! Um palito de fósforo lhe faria muito bem!

Se ela pudesse tirar um dentre aqueles que ela trazia e friccioná-lo contra a parede, para aquecer os seus dedos com o calor da chama! Ela pegou um — e riscou! — Ah, como ele espirrava fagulhas, e como ele queimava! A chama era quente e transparente, assim como uma pequena vela, quando ela aproximava sua pequena mãozinha em torno do palito. Era uma luz maravilhosa; a inocente garotinha achava que ela estava sentada diante de um grande fogão de ferro provido de luzidios pés de bronze e de estrutura metálica. Como era lindo ver o fogo queimando! Como era gostoso receber o calor que vinha dele, mas o que havia acontecido? A pequena garota esticou os seus pés para fora para aquecê-los também, e a chama se apagou — o calor se desfez — ficara apenas o pequeno toco de palito queimado em suas mãos.

Um outro palito foi riscado contra a parede; ele queimou, e proporcionava uma luz belíssima, e onde a luz que batia na parede era como se fosse um véu transparente. Ela podia ver dentro da sala, onde a mesa estava coberta com uma toalha branca e alva, e sobre a toalha havia finíssimas porcelanas para o jantar; o ganso assado, recheado com ameixas e maçãs, soltava odores deliciosos. Mas, o que era ainda mais lindo, o ganso saltava do prato e vinha bamboleando pelo chão, com uma faca e um garfo espetado nas costas, e caminhava em direção da pobrezinha, quando, de repente, o fósforo se apagou, restando apenas uma parede espessa e fria para ser admirada. Ela acendeu um outro palito.

De repente, ela se viu sentada debaixo de uma linda árvore de Natal; ela era ainda maior e estava mais decorada do que aquela que ela tinha visto através da porta de vidro no último Natal de um rico mercador. Milhares de velas, que queimavam no alto dos galhos verdejantes, e os quadros coloridos, como aqueles que nós vemos nas vitrines das lojas, estavam olhando para ela. A garotinha esticou as duas mãos em direção a eles — e o fósforo se apagou. A luz parecia elevar-se

cada vez mais distante dela. Ela percebeu então que elas eram as estrelas brilhantes. Uma delas caiu, deixando um interminável rastro de fogo para trás.

"Neste momento, alguém está morrendo," disse a pequenina. A sua velha avozinha, que havia sido a única que a queria bem, mas que agora não vivia mais, lhe disse que quando uma estrela cai do céu uma alma vai em direção a Deus.

Ela riscou um outro fósforo contra a parede. A sua luz era intensa, e dentro do seu brilho estava a vovó querida — tão clara, tão brilhante, tão meiga, tão doce!

"Vovó," exclamou a pequenina, "Oh, me leve com você! Eu sei que você vai desaparecer quando o fósforo se apagar — assim como o fogão quentinho, o delicioso ganso assado, e a grande e bela árvore de Natal." E ela riscou rapidamente todos os fósforos que restavam no pacote, — ela não queria deixar de ver a vovozinha, — e os fósforos queimavam com tanto esplendor que eles brilhavam mais do que a parte mais clara do dia. A sua avó nunca lhe pareceu tão bela, tão grandiosa. A vovó pegou a pobrezinha nos braços, e foi voando para bem longe, deixando para trás um rastro de brilho e de alegria, e para tão distante — tão distante, onde não havia frio, nem fome, nem medo — elas estavam com Deus!

Porém, na manhã seguinte, num cantinho, perto da casa, estava sentada uma pequenina de rostinho corado e tinha um sorriso nos lábios, desfalecida — havia morrido de frio na última noite do Ano Novo. O sol na manhã seguinte do ano novo aquecia o corpo frágil, segurando alguns palitos de fósforo dentro de um babador, dos quais alguns haviam sido queimados. "Ela queria se aquecer," diziam as pessoas. Ninguém ficou sabendo dos encantos que ela viveu nos seus últimos momentos, nem do esplendor que ela sentiu com a alegria e a felicidade do Ano Novo em companhia de sua avozinha.

ANEXO B

O Valente Soldado de Chumbo

Por Hans Christian Andersen

Era uma vez vinte e cinco soldados de chumbo, todos irmãos, por todos terem nascido da mesma colher de chumbo. Vede-os: que atitude marcial, de espingarda ao ombro, olhar fixo, e ricos uniformes azuis e vermelhos! A primeira coisa que ouviram neste mundo, quando se levantou a tampa da caixa em que eles estavam, foi este grito: «Olha soldados de chumbo!» que soltou um rapazito, batendo as palmas de alegria. Tinham-lhes dado de presente no dia dos anos, e o seu divertimento era formá-los sobre a mesa, em linha de batalha. Todos os soldados se pareciam maravilhosamente uns com os outros, exceto um, que tinha uma perna de menos, porque o tinham deitado na forma em último lugar, e já não havia chumbo suficiente. Apesar deste defeito, os outros não estavam mais firmes nas duas pernas do que ele na sua única, e é este o que precisamente nos interessa.

Sobre a mesa em que os nossos soldados estavam formados havia mil outros brinquedos, mas o mais bonito de todos, era um lindíssimo castelo de papel. Pelas suas pequeninas janelas via-se-lhe o interior dos salões. À volta era circundado duma floresta em miniatura, que se refletia poeticamente num pedaço de espelho que fingia um lago, onde nadavam pequeninos cisnes de cera. Tudo isto era encantador, mas não tanto como uma menina que estava à porta, e que era também de papel, vestida com um lindo vestido de cassa, apertado com um cinto de fivela azul. A menina tinha os braços arqueados, porque era dançarina, e tinha uma perninha levantada a tal altura, que o soldado de chumbo não a podia ver, e imaginou que, como ele, não tinha senão uma perna.

— Ali está a mulher que me convém, pensou ele, mas é uma grande fidalga. Mora num palácio, eu numa caixa em companhia de vinte e quatro camaradas, e não haveria cá lugar para ela. No entanto preciso conhecê-la.

Deitou-se atrás duma caixa de tabaco, e dali podia ver à sua vontade a elegante dançarina, que estava sempre num pé só, sem perder o equilíbrio.

À noite todos os outros soldados foram metidos na caixa, e as pessoas da casa foram deitar-se. Apenas os brinquedos perceberam isto, começaram a divertir-se, fizeram guerras, e a final deram um baile. Os soldados de chumbo mexiam-se, e remexiam-se na sua caixa, porque queriam lá ir; mas como haviam eles tirar a tampa? O quebra-nozes começou a dar cabriolas e saltos mortais, o lápis traçou mil arabescos fantásticos numa lousa, enfim o barulho tornou-se tal que o canário acordou, e pôs-se a cantar. Os únicos que estavam quietos eram o soldado de chumbo e a dançarinazinha. Ela no bico do pé, e ele numa perna só, a espreitá-la.

Deu meia noite, e zás, a tampa da caixa de rapé levanta-se, e em lugar de rapé, saiu um feiticeirozinho preto. Era um brinquedo de surpresa.

— Soldado de chumbo, disse o feiticeiro, trata de olhar para outro sítio.

Mas o soldado fez que não ouvia.

— Espera até amanhã, e verás o que te acontece, continuou o feiticeiro.

No dia seguinte, quando os pequenos se levantaram, puseram o soldado de chumbo à janela, mas de repente ou por influência do feiticeiro ou por causa do vento caiu à rua de cabeça para baixo. Que tombo! Ficou com a perna no ar, o peso do corpo todo sobre a barretina, e com a baioneta enterrada entre duas lajes.

A criada e o rapazito foram lá abaixo procurá-lo, mas estiveram quase a esmagá-lo, sem darem por ele. Se o soldado tivesse gritado: «Cautela!» tê-lo-iam achado, mas ele julgou que seria desonrar a farda. A chuva começou a cair em torrentes, e tornou-se num verdadeiro dilúvio. Depois do aguaceiro passaram dois garotos.

— Olá! Disse um deles, um soldado de chumbo por aqui! Vamos fazê-lo navegar.

Construíram um barco dum bocado de jornal velho, meteram o soldado de chumbo dentro, e obrigaram-no a descer pelo regato abaixo. Os dois garotos corriam ao lado, e davam grito de prazer. Que ondas! Santo Deus! Que força de corrente! Mas também tinha chovido tanto! O barco jogava duma maneira horrorosa, mas o soldado de chumbo conservava-se impassível, com os olhos fixos e a espingarda ao ombro.

De repente o barco foi levado para um cano, onde era tão grande a escuridão como na caixa dos soldados.

— Onde irei eu parar? Pensou ele. Foi o tratante do feiticeiro que me meteu nestes trabalhos. Se, apesar de tudo, aquela linda menina estivesse no barco, não importava, ainda que a escuridão fosse duas vezes maior.

Dali a pouco apresentou-se um enorme rato de água; era um habitante do cano.

— Venha o teu passaporte.

Mas o soldado de chumbo não disse nada, e agarrou com mais força na espingarda. O barco continuava o seu caminho, e o rato perseguia-o, rangendo os dentes, e gritando às palhas, e aos cavacos:

— Façam-no parar, façam-no parar! Não pagou a passagem, não mostrou o passaporte.

Mas a corrente era cada vez maior, o soldado via já a luz do dia, e sentia ao mesmo tempo um barulho capaz de assustar o homem mais valente. Havia na extremidade do cano uma queda de água tão perigosa para ele, como é para nós uma catarata. Aproximava-se dela cada vez mais, sem poder parar, com uma rapidez vertiginosa. O barco lançou-se sobre a queda de água, e o pobre soldado firmava-se o mais possível, e ninguém se atreveria a dizer que o tinha visto fechar os olhos com o susto.

O barco, depois de ter andado à roda durante muito tempo, encheu-se de água, e estava a ponto de naufragar. A água já chegava ao pescoço do soldado, e o barco afundava-se cada vez mais. O papel desdobrou-se, e a água passou por cima da cabeça do nosso herói. Nesse momento supremo, pensou na gentil dançarinazinha, e pareceu-lhe ouvir uma voz que dizia:

— Soldado: o perigo é enorme, a morte espera-te.

O papel rasgou-se, e o soldado passou através dele. Nesse momento foi devorado por um grande peixe.

Lá é que era escuro, ainda mais que dentro do cano. E além disso, que talas em que ele estava metido! Mas, sempre intrépido, o soldado estendeu-se ao comprido com a espingarda ao ombro.

O peixe mexia-se e remexia-se, dava saltos de meter medo, até que enfim parou, e pareceu que o atravessava um relâmpago. Apareceu a luz do dia, e alguém exclamou:

— Olha um soldado de chumbo!

O peixe tinha sido pescado, exposto na praça, vendido, e levado para a cozinha, e a cozinheira tinha-o aberto com uma enorme faca. Pegou no soldado de chumbo com dois dedos, e levou-o para a sala, onde toda a gente quis admirar esse homem extraordinário, que tinha viajado na barriga dum peixe. No entanto, o soldado não se sentia orgulhoso. Colocaram-no em cima da mesa, e ali — tanto é verdade que acontecem coisas extraordinárias neste mundo — achou-se na mesma sala, de cuja janela tinha caído. Reconheceu os pequenos e os brinquedos que estavam em cima da mesa, o lindo palácio, e a adorável dançarina sempre de perna no ar. O soldado de chumbo ficou tão comovido, que de boa vontade teria derramado lágrimas de chumbo, mas não era conveniente. Olhou para ela, ela olhou para ele, mas não disseram uma palavra um ao outro.

De repente um dos pequenos pegou nele, e sem motivo algum deitou-o no fogão; eram obras do feiticeiro da caixa do rapé.

O soldado de chumbo lá estava perfilado, alumiado por um clarão sinistro, e sofrendo um calor terrível. Todas as cores lhe tinham desaparecido, sem que se pudesse dizer, se era por causa das suas viagens, ou por causa dos seus desgostos. Continuava a olhar para a dançarina, que também olhava para ele. Sentia-se derreter, mas, sempre intrépido, conservava a espingarda ao ombro. De repente abriu-se uma porta, o vento arremessou a dançarina ao fogão para junto do soldado, que desapareceu no meio das labaredas. O soldado de chumbo, já não era mais que uma pequena massa informe.

No dia seguinte, quando a criada veio tirar a cinza, encontrou um objeto que tinha o feitio dum pequeno coração de chumbo, e tudo o que restava da dançarina era a fivela do cinto azul que o lume tinha enegrecido.

ANEXO C – Texto 3

A pequena Sereia

Por Hans Christian Andersen

Muito além do oceano, onde a água é tão azul como a flor do **loio**, e tão clara como o cristal, era um lugar muito, muito profundo, tão profundo, de fato, que nenhum cabo poderia atravessá-lo: muitos campanários de igreja, amontoados uns sobre os outros, não conseguiriam alcançá-lo do chão, abaixo da superfície da água até lá em cima. Lá era o palácio do Rei dos Mares e de seus súditos. Não podemos imaginar que exista algo no fundo do mar, mas apenas a areia amarela.

De fato, as flores e as plantas mais espetaculares crescem nessa região, as folhas e suas hastes são tão flexíveis, que a menor turbulência na água faz com que elas se agitem como se tivessem vida. Peixes, grandes e pequenos, deslizam por entre os galhos, assim como os pássaros voam por entre as árvores aqui na terra. No lugar mais fundo de todos, fica o castelo do Rei dos Mares. Suas muralhas foram construídas com coral, e as janelas longas e no estilo gótico são do mais puro âmbar. O teto é coberto de conchas, que abrem e fecham à medida que as águas fluem sobre elas. A beleza resplandece aqui soberana, pois em cada uma delas há uma pérola cintilante, que ficaria perfeita no diadema de uma rainha.

O Rei dos Mares estava viúvo há muitos anos, e a sua mãe, já idosa, é quem cuidava do palácio para ele. Ela era uma mulher muito sábia, e tinha muito orgulho de sua origem nobre, e por esse motivo ela usava doze ostras na cauda, ao passo que as outras, também com elevada hierarquia, era permitido usar somente seis. Todavia, ela era merecedora de muitos elogios, especialmente pelo cuidado que tinha com as pequenas princesas do mar, as suas netas. Elas eram seis crianças lindas, mas a caçula era a mais bela de todas, sua pele era tão clara e delicada como a pétala de uma rosa, e os seus olhos eram tão azuis como o mar mais

profundo, mas, como todas as outras, ela não tinha pés, e o seu corpo terminava numa cauda de peixe.

O dia todo elas brincavam nos grandes salões do castelo, correndo por entre flores vivas que cresciam ao redor da muralha. As imensas janelas de âmbar eram abertas, e os peixes entravam, assim como as andorinhas voam para dentro de nossas casas quando abrimos as janelas, exceto que os peixes nadavam até as princesas, comiam em suas mãos, e gostavam que fizessem carinho neles. Fora do castelo ficava um belo jardim, onde crescia flores vermelhas e brilhantes e outras azuis escuras, além de inflorescências que pareciam chamas de fogo, as frutas brilhavam que nem ouro, e as folhas e os caules moviam para lá e para cá continuamente. A terra era feita da areia mais delicada, porém, azul como a chama do enxofre incandescente.

Acima de tudo brilhava uma extraordinária radiação azul, como se estivesse rodeada pelo ar lá do alto, através da qual o céu azul brilhava, ao invés das sombrias profundezas do mar. Em tempos de calmaria o sol podia ser visto, parecendo uma flor púrpura, com a luz fluindo do cálice. Cada uma das jovens princesas tinha um pequeno pedaço de terra dentro do jardim, onde elas podiam cavar e plantar o que quisessem. Uma fazia o seu canteiro de flores com o formato de uma baleia, uma outra achou melhor fazer o dela como a figura de uma pequena sereia, mas o canteiro da caçulinha era redondo como sol, e era formado por flores tão vermelhas como os raios do entardecer. Ela era uma criança especial, sossegada e pensativa, e enquanto suas irmãs se regozijavam com as coisas maravilhosas que conseguiam dos naufrágios dos navios, ela não se preocupava com nada, exceto com suas lindas flores vermelhas como o sol, e também de uma maravilhosa estátua de mármore. Ela era a representação de um lindo garoto, esculpida numa pedra totalmente branca, que tinha caído no fundo do mar de algum naufrágio.

Ela havia plantado perto da estátua um pé de chorão de cor rósea. Ele crescia esplendidamente, e em pouco tempo já espalhava seus tenros galhos por cima da estátua, descendo até as areias azuis. A sombra tinha um tom violeta, e ela se movia para lá e para cá como os galhos, parecia como se a coroa da árvore e a raiz estivessem brincando, e tentassem beijar uma a outra. Nada lhe dava tanto prazer como ficar ouvindo sobre as coisas do mar lá em cima. Ela fez com que sua vó lhe

contasse tudo o que ela sabia sobre os navios e as cidades, as pessoas e os animais. Para ela não exista coisa mais maravilhosa e mais linda do que saber que as flores da terra tinham perfumes, mas não aquelas que viviam abaixo no mar, e que as árvores das florestas eram verdes, e que os peixes flutuando entre as árvores cantavam com tanta doçura, que era um prazer muito grande ficar ouvindo tudo isso. A sua vó chamava as aves de pequenos peixes, porque a pequenina não entenderia, pois ela nunca tinha visto um pássaro.

"Quando você chegar aos quinze anos," disse a avó, "você terá permissão para subir e sair do mar, sentar entre os rochedos ao luar, enquanto os grandes navios ficam passando, e então, você irá conhecer tanto as florestas como as cidades."

No ano seguinte, uma de suas irmãs completaria quinze anos: mas como cada uma delas era um ano mais jovem que a outra, a mais jovem teria de esperar cinco anos antes de chegar a sua vez para subir até a superfície, para observar a terra como fazemos. No entanto, cada uma prometia dizer às outras o que elas tinham visto na primeira visita, e o que elas tinham achado mais lindo, porque a avó delas não conseguia contar tudo, havia tantas coisas sobre as quais elas queriam ter informação. Nenhuma delas ansiava tanto pela sua vez de subir como a mais jovem, ela que tinha o mais longo tempo de espera, e que era tão sossegada e pensativa. Muitas noites ela ficava perto da janela aberta, olhando através das águas azuis escuras, e admirando os peixinhos chapinhando na água com suas barbatanas e caudas.

Ela conseguia ver as estrelas e a lua muito palidamente, mas através da água elas pareciam maiores do que aos nossos olhos. Quando algo como uma nuvem negra passava entre ela e as estrelas, ela sabia que se tratava de alguma baleia nadando acima da sua cabeça, ou um navio cheio de seres humanos, que jamais imaginariam que uma linda sereiazinha estava debaixo deles, acenando com suas mãozinhas brancas para a quilha do navio.

Assim que a mais velha completou quinze anos, ela teve permissão para subir até a superfície do oceano. Quando voltou, ela tinha centenas de coisas para contar, mas o mais lindo, dizia ela, era ficar sentada ao luar, sobre um banco de areia, no mar tranquilo, perto da costa, e ficar olhando para uma cidade grande que fica ali perto, onde as luzes piscavam como centenas de estrelas, e ficar escutando o som das canções, o barulho das carruagens, e as vozes dos seres humanos, e depois

ouvir os sinos tocando e balançando alegremente nos campanários das igrejas, e como ela não podia se aproximar de todas aquelas coisas maravilhosas, ela ficava imaginando como seria tudo aquilo de perto. Oh, e não é que a irmã mais jovem ouvia ansiosa todas essas histórias? e mais tarde, quando ela ficava com a janela aberta olhando através das águas azuis escuras, ela pensava na grande cidade, com todo o barulho e agitação, e até ficava imaginando que ela podia ouvir o som dos sinos tocando, lá embaixo nas profundezas do mar.

No outro ano a segunda irmã recebeu permissão para subir até a superfície da água, e ficar nadando onde ela quisesse. Ela chegou à superfície assim que o sol estava se pondo, e isto, disse ela, era a coisa mais linda que ela já tinha visto. Todo o céu parecia dourado, enquanto nuvens violetas e róseas, que ela não conseguia descrever, flutuavam acima dela, e, ainda mais rápido do que as nuvens, voava um enorme bando de cisnes selvagens em direção ao pôr do sol, parecendo com um longo véu branco atravessando o mar. Ela também nadou em direção ao sol, mas ele mergulhou no meio das ondas, e as tintas róseas desapareceram das nuvens e do mar.

A vez da terceira irmã havia chegado, ela era a mais corajosa de todas, e ela nadou até um rio muito largo que desembocava no mar. Sentada na margem, ela avistou verdes colinas cobertas com lindos vinhedos, palácios e castelos ficavam espiando por entre as árvores orgulhosas da floresta, ela ouviu os pássaros cantando, e os raios do sol eram tão poderosos que ela muitas vezes era obrigada a mergulhar debaixo das águas para esfriar o rosto que ardia. Numa enseada estreita ela avistou todo um grupo de pequenas crianças humanas, totalmente sem roupas, e que brincavam na água, ela queria brincar com elas, mas elas fugiram muito assustadas, e então, um pequeno animal negro se aproximou da água, era um cachorro, mas ela não sabia disto, porque ela nunca tinha visto um antes. Este animal latiu para ela de modo tão assustador que ela fugiu amedrontada, e correu de volta para o mar aberto. Mas ela disse que jamais se esquecerá da bela floresta, das colinas verdes, e das lindas criancinhas que nadavam na água, embora não tivessem rabo de peixe.

A quarta irmã era mais tímida, ela ficou no meio do oceano, mas disse que lá era tudo tão lindo como perto da terra. Ela podia ver há muitas distâncias em torno dela, e o céu lá em cima se parecia como um sino de vidro. Ela tinha visto os navios,

mas a uma distância tão grande que eles pareciam como gaivotas. Os golfinhos brincavam com as ondas, e as grandes baleias lançavam água de suas narinas até que pareciam como se centenas de fontes estivessem brincando com água em todas as direções.

O aniversário da quinta irmã aconteceu no inverno, então, tinha chegado a vez dela, ela viu o que as outras não tinham visto na primeira vez que haviam subido. O mar parecia totalmente verde, e imensos blocos de gelo flutuavam por todos os lados, cada um parecido com uma pérola, disse ela, porém, maiores e mais majestosos do que as igrejas construídas pelos homens. Elas tinham os formatos mais singulares, e brilhavam como diamantes. Ela então, se sentou sobre um dos maiores, e o vento brincava com seus cabelos longos, e ela notou que todos os navios passavam rapidamente, e iam para lugares tão distantes quanto possível dos blocos de gelo, parecia que tinham medo deles. Ao anoitecer, depois que o sol se pôs, nuvens escuras cobriram o céu, os trovões rolavam como pedra e os relâmpagos reluziam, e a luz vermelha brilhava sobre os blocos de gelo a medida que balançavam e agitavam o mar que subia. Todas as velas dos navios encolhiam de medo e tremiam, enquanto ela se sentava calmamente sobre o iceberg que flutuava, admirando os relâmpagos azuis, quando eles penetravam seus raios com múltiplos braços dentro do mar.

Quando as irmãs tiveram permissão para subir à superfície pela primeira vez, todas elas ficaram felizes com as paisagens novas e belas que viram, mas agora, como as garotas já haviam crescido, elas podiam ir para onde quisessem, e até ficaram indiferentes com isso. Elas desejavam voltar novamente para a água, e depois que um mês tinha se passado elas diziam que tudo era muito mais lindo lá embaixo, e que era muito mais agradável ficar em casa. Mas ainda nas horas da noite, as cinco irmãs abraçavam-se umas às outras, e subiam até a superfície, em fileira.

Elas tinham vozes muito mais lindas do que qualquer humano poderia ter, e antes que a tempestade se aproximasse, quando elas pensavam que um navio iria naufragar, elas nadavam diante do barco, e cantavam docemente as delícias que poderiam ser encontradas no fundo do mar, e pediam aos marinheiros para que eles não tivessem medo caso naufragassem até o fundo. Mas os marinheiros não conseguiam entender a canção, e eles pensavam que eram os gritos da

tempestade. E elas nunca gostavam de ver estas coisas, pois se o navio afundasse, os homens se afogariam, e apenas o corpo deles chegava ao palácio do Rei dos Mares.

Quando as irmãs subiram, abraçadas umas às outras pelas águas dessa maneira, a irmã mais jovem delas gostava de ficar sozinha, preocupada com elas, pronta para gritar, o único problema era que as sereias não possuíam lágrimas, e por isso elas sofriam mais. "Oh, se eu já tivesse quinze anos," dizia ela: "Eu sei que eu amarei o mundo que fica lá em cima, e todas as pessoas que moram nele."

E finalmente ela completou quinze anos. "Bem, agora, você já é adulta," disse a velha viúva, que era sua avó, "então, deixe-me enfeitá-la como as suas outras irmãs," e a avó colocou uma coroa de lírios brancos em seus cabelos, e cada pétala da flor era metade de uma pérola. Então, a boa senhora ordenou que oito grandes ostras fossem presas à cauda da princesa a evidenciar sua alta nobreza.

"Mas elas me machucam muito," disse a pequena sereia.

"A nobreza deve suportar a dor," respondeu a boa senhora. Oh, com alegria ela teria sacudido toda aquela grandeza, e colocado de lado a pesada coroa! As flores vermelhas que cultivava em seu jardim lhe teriam sido muito mais apropriadas, mas de nada adiantava: então, ela disse, "Adeus," e subiu tão leve como uma bolha à superfície da água. O sol já tinha ido dormir quando ela levantou a cabeça acima das ondas, mas as nuvens estavam tingidas de vermelho e dourado, e através do crepúsculo cintilante a estrela da noite brilhava com todo seu esplendor.

O mar estava calmo, e a atmosfera estava leve e fresca. Um grande navio, com três mastros, se estendia tranquilo sobre as águas, com apenas uma vela levantada, porque não havia nenhuma brisa, e os marinheiros estavam ociosos no convés enquanto outros retesavam as cordas. Havia canções e musicalidade a bordo, e a medida que a noite se aproximava, centenas de lanternas eram acesas, como se as bandeiras de todas as nações tremulassem no ar. A pequena sereia nadou até perto das janelas das cabines, e de vez em quando, quando as ondas a levantavam, ela podia olhar dentro através das janelas transparentes como o vidro, e via dentro um monte de pessoas bem vestidas. Entre elas estava um jovem príncipe, o mais lindo de todos, com olhos negros e arredondados, ele tinha apenas dezesseis anos de idade, e eles estavam comemorando o aniversário dele com muita alegria.

Os marinheiros estavam dançando no convés, mas quando o príncipe saiu para fora da cabine, mais de centenas de foguetes subiram no ar, clareando tudo como se fosse dia. A pequena sereia ficou tão assustada que ela mergulhou para debaixo das águas, e quando ela colocou a cabeça para fora novamente, parecia como se todas as estrelas do céu estivessem caindo ao lado dela, ela nunca tinha visto fogos de artifícios como aqueles antes. Sóis imensos lançavam fogo por toda parte, esplêndidos vagalumes voavam no céu azul, e tudo era refletido no mar calmo lá embaixo. O próprio navio estava tão iluminado que todas as pessoas, e até mesmo a corda mais diminuta, poderia ser vista distinta e claramente. E o jovem príncipe lhe pareceu muito belo, quando ele apertava a mão de todos os presentes e sorria para eles, enquanto a música ecoava através da noite clara.

Já era muito tarde, todavia, a pequena sereia não conseguia tirar os olhos do navio, nem do belo príncipe. As lanternas coloridas haviam se apagado, foguetes não subiam mais para o ar, e o canhão havia cessado de atirar, mas o mar ficou inquieto, e um gemido, um som de alguém resmungando podia ser ouvido debaixo das ondas: era uma pequena sereia que havia ficado perto da janela da cabine, balançando para cima e para baixo sobre a água, o que permitia que ela olhasse dentro. Depois de algum tempo, as velas foram rapidamente desfraldadas, e o navio real prosseguiu a sua viagem, mas logo as ondas subiram mais altas, nuvens pesadas escureciam o céu, e um relâmpago brilhou na distância. Uma tempestade assustadora estava se aproximando, mais uma vez as velas foram enrizadas, e o grande navio prosseguiu em sua rota de viagem sobre o mar furioso.

As ondas tinham as alturas das montanhas, e subiam mais altas que o mastro, mas o navio mergulhava como se fosse um cisne entre elas, e depois voltava a subir criando majestosas cristas de espumas. Para a pequena sereia tudo era uma grande alegria, mas não para os marinheiros. De repente o navio rangeu e começou a gemer, as pranchas espessas abriam caminho sob o chicoteamento do mar que estourava em cima do convés, o mastro principal foi reduzido a destroços como se fosse um junco, o navio começou a pender de lado, e a água invadia tudo. A pequena sereia agora percebia que a tripulação corria perigo, até ela mesmo tinha que ter cuidado para evitar as vigas e as tábuas do naufrágio que se espalhavam pela superfície.

Em determinados momentos a escuridão era tanta que ela não conseguia enxergar um único objeto, mas o clarão de um relâmpago mostrava toda a paisagem, ela podia ver todos que estavam a bordo com exceção do príncipe, quando o navio se rompeu, ela tinha visto quando ele naufragou nas ondas profundas, e ela ficou feliz, porque pensou que ele agora estaria em sua companhia, e então, ela se lembrou que os seres humanos não podiam viver dentro da água, de modo que quando ele descesse até o palácio de seu pai ele já estaria morto.

Mas ele não deveria morrer. Então, ela nadou no meio das vigas e das tábuas que estavam espalhadas pela superfície do mar, esquecendo-se de que elas poderiam esmagá-la em pedacinhos. Então, ela mergulhou profundamente sob as águas escuras, subindo e descendo com o movimento das ondas, até que finalmente ela conseguiu alcançar o jovem príncipe, que rapidamente perdia a força de nadar naquele mar tempestuoso. Seus braços e pernas já não aguentavam mais, seus lindos olhos estavam fechados, e ele teria morrido se a pequena sereia não tivesse vindo ajudá-lo. Ela manteve a cabeça dele fora da água, permitindo que as ondas o levassem para onde quisessem.

Pela manhã a tempestade já havia passado, mas do navio nem um único fragmento podia ser visto. O sol subia vermelho e reluzente da água, e seus raios traziam de volta os tons de vitalidade no rosto do príncipe, mas seus olhos permaneciam fechados. A pequena sereia beijou-lhe a testa alta e macia, e ajeitou os seus cabelos úmidos, para ela, ele parecia a estátua de mármore que ela tinha em seu pequeno jardim, e tornou a beijá-lo, e desejava que ele estivesse vivo. De repente a paisagem terrestre se desenhou diante dela, ela via as montanhas azuis e majestosas, sobre as quais a neve branca descansava como se um bando de cisnes tivesse pousado sobre elas. Perto do litoral havia lindas florestas verdes, e nas proximidades ficava uma construção alta, porém, ela não conseguia dizer se era uma igreja ou um convento.

Pés de laranja e de limão cresciam no jardim, e na frente das portas estendiam-se majestosas palmeiras. O mar nesse ponto formava uma pequena baía, onde a água era muito calma, porém, muito profunda, então, ela nadou com o belo príncipe até a praia, que era coberta por uma areia fina e branca, e ali ela o depositou sob o calor do sol, tomando o cuidado de levantar a cabeça dele mais alto que o corpo. Os sinos tocavam naquele edifício imenso e branco, e um grupo de garotas vieram até o

jardim. A pequena sereia nadou um pouco mais além da praia e ficou sentada entre algumas pedras altas que se elevavam da água, então, ela cobriu a cabeça e o pescoço com a espuma do mar de modo que o seu pequeno rostinho não podia ser visto, e ficou observando para saber o que tinha acontecido com o pobre do príncipe.

Ela não precisou esperar muito até que viu uma garota se aproximar do lugar onde ele havia ficado. A princípio, ela pareceu assustada, mas apenas por alguns momentos, depois foi buscar algumas pessoas, e a pequena sereia viu quando o príncipe voltou à vida novamente, e sorria para aqueles que estavam em volta dele. Mas para ela ele não enviou nenhum sorriso, ele não sabia que ela havia salvo sua vida. Isso fez com que ela ficasse muito triste, e quando ele foi conduzido de volta para o grande edifício, ela mergulhou tristemente para dentro da água, e voltou para o castelo de seu pai. Ela sempre tinha sido silenciosa e meditativa, e agora mais do que nunca. As suas irmãs lhe perguntaram o que ela tinha visto durante a sua primeira visita à superfície da água, mas ela não queria lhes contar nada. Muitas noites e muitas manhãs ela visitou o lugar onde havia deixado o príncipe.

Ela viu quando as frutas do jardim amadureceram até serem colhidas, a neve nos topos das montanhas se derreteram, mas ela nunca voltou a ver o príncipe, e então, ela voltou para casa, cada vez mais triste do que antes. Seu único consolo era ficar sentada em seu pequeno jardim, e colocar seus braços em torno da linda estátua de mármore que se parecia com o príncipe, mas ela deixou de cuidar das flores, e elas cresciam em completa confusão pelos caminhos, entrelaçando suas longas folhas e caules em torno dos galhos das árvores, de modo que o lugar ficou todo escuro e sombrio. Até que ela não aguentou esperar mais, e contou para uma de suas irmãs tudo o que tinha acontecido. Então, as outras ficaram sabendo do segredo, e logo uma amiga da pequena sereia também ficou sabendo e suas amigas íntimas por acaso sabiam quem era o príncipe. Ela também tinha participado da festa no convés do navio, e contou para elas de onde o príncipe era, e onde ficava o seu palácio.

"Venha, minha irmãzinha," disseram as outras princesas, então, elas deram-se os braços e subiram fazendo uma grande fileira até a superfície da água, perto do lugar onde elas sabiam que ficava o palácio do príncipe. Esse lugar era construído com pedras brilhantes amarelas, com longos lances de degraus de mármore, um

dos quais descia até o mar. Esplêndidas cúpulas douradas subiam acima do telhado, e entre as colunas que cercavam o edifício todo havia estátuas de mármore que pareciam ter vida. Através dos cristais transparentes das majestosas janelas podiam-se ver os aposentos reais, com cortinas de seda caríssimas e tapetes feitos de tapeçaria, ao passo que as paredes estavam cobertas por pinturas belíssimas proporcionando uma visão muito agradável.

No centro do salão mais amplo uma fonte lançava seus jatos de água cintilantes bem alto até a cúpula de vidro do telhado, através do qual o sol espalhava seus reflexos na água e sobre as lindas plantas que cresciam em torno da base da fonte. Agora que ela sabia onde ele morava, ela passava muitas tardes e muitas noites nas águas perto daquele palácio. Ela gostava de nadar bem perto da praia mais do que as outras se atreviam a fazer isso, e de fato, um dia ela chegou quase perto do canal estreito sob a varanda de mármore, que estendia uma sombra enorme sobre a água. Aqui ela gostava de ficar sentada e olhava o jovem príncipe, que estava totalmente sozinho sob o clarão do luar.

Muitas vezes ele ficava observando quando ele saía para velejar à noite num delicioso barco, com músicas tocando e bandeiras balançando. Ela ficava espiando por entre os juncos verdejantes, e se o vento abraçava seu longo véu branco-prateado, aqueles que observassem de longe acreditariam que ela era um cisne, espriando suas asas. Durante muitas noites, também, quando os pescadores, com suas tochas, saíam para o mar, ela os ouvia contando tantas coisas bonitas sobre as aventuras do jovem príncipe, que ela ficava feliz por ter salvo a vida dele quando ele foi sacudido quase sem vida no meio das ondas. E ela se lembrava de que a cabeça dele estava deitada em seu peito, e que ela o havia beijado com o coração, mas ele não sabia nada a esse respeito, e não poderia jamais sonhar com ela.

Cada vez mais ela gostava dos seres humanos, e desejava cada vez mais poder passear com aqueles cujo mundo parecia ser muito maior que o dela. Eles podiam viajar pelo mar em navios, e subir as altas colinas que ficavam acima das nuvens, e as terras que eles possuíam, suas florestas e seus campos, se estendiam na distância muito além do alcance dos seus olhos. Havia tanto que ela gostaria de conhecer, e as suas irmãs não conseguiam responder a todas as perguntas que ela fazia. Então, ela procurou a sua avó, que sabia tudo sobre o mundo lá em cima, e que ela, com muita propriedade chamava de terra acima do mar.

"Se os seres humanos não se afogarem," perguntou a pequena sereia, "Eles podem viver para sempre? Eles nunca morrem como nós morremos aqui no mar?"

"Sim," respondeu a gentil senhora, "eles também devem morrer, e o tempo de vida deles é mais curto que o nosso. Nós às vezes podemos viver até trezentos anos, mas quando nós deixamos de existir aqui nós viramos apenas espuma na superfície da água, e nós nem sequer temos uma sepultura aqui embaixo daqueles a quem amamos. Não somos almas imortais, jamais viveremos novamente, mas, assim como as algas verdes, uma vez que tenhamos sido cortados, nunca iremos florir novamente. Os seres humanos, pelo contrário, têm uma alma que vive para sempre, sobrevive ao corpo quando este retorna para o pó. Ela ascende através do ar puro e cristalino para além das estrelas reluzentes. Quando nós saímos fora da água, e contemplamos toda a terra do planeta, eles também sobem até regiões desconhecidas e gloriosas que nós jamais veremos."

"Porque nós não temos uma alma imortal?", perguntou a pequena sereia com tristeza, " Eu daria com alegria todas as centenas de anos que eu tenho para viver, para ser um ser humano apenas por um dia, e para ter a esperança de conhecer a felicidade desse mundo glorioso além das estrelas."

"Você não deve pensar assim," disse a boa senhora, "nós sentimos que somos muito mais felizes e muito melhores que os seres humanos."

"Então, eu morrerei," disse a pequena sereia, "e me desfarei como a espuma do mar para nunca mais ouvir a música das ondas, nem admirar as flores maravilhosas nem o sol vermelho. Há algo que possa fazer para conquistar uma alma imortal?"

"Não," disse a gentil senhora, "a não ser que um homem te ame tanto a ponto de você significar mais para ele do que seu pai ou sua mãe, e se todos os pensamentos dele e todo o seu amor forem dedicados a você, e o padre colocar a mão direita dele sobre a sua, e ele prometa fidelidade a você daqui para sempre, então, a alma dele fluirá para o teu corpo e você poderá participar da felicidade futura da humanidade. Ele dará uma alma a você muito embora conservasse a própria, mas isto jamais poderá acontecer. O seu rabo de peixe, que para nós é de beleza singular, na terra é considerado deselegante, eles não conhecem nada melhor, e eles acham que é necessário dois suportes robustos, a que chamam de pernas, para serem considerados belos."

Então, a pequena sereia suspirou, e olhou com tristeza para o seu rabo de peixe. "Sejamos felizes," disse a boa senhora, "vamos dançar e pular durante os trezentos anos que temos de viver, isso já é muito tempo, depois disso poderemos descansar para sempre."

"Esta noite vamos ter um baile na corte. É um acontecimento fantástico que jamais veremos na terra. As paredes e o teto do imenso salão de baile eram feitos de um cristal espesso, porém, transparente. Centenas de conchas colossais, vestidas de vermelho carmim, e outras verdes como a relva, ficavam enfileiradas uma de cada lado, com uma chama azul interior, iluminando todo o salão, e cujo brilho atravessa as paredes, de modo que o mar fica todo iluminado. Inúmeros peixes, grandes e pequenos, atravessam nadando pelas paredes de cristais, em alguns deles as escamas reluzem com um brilho púrpura, e em outros são cintilantes como a prata e o ouro. Pelos corredores fluía um largo riacho, e nele homens-peixes e sereias dançavam ao som de suas próprias canções."

Ninguém na terra tinha vozes tão lindas como as deles. A pequena sereia cantava, mais do que todos, da maneira mais doce. Toda a corte a aplaudia com suas mãos e suas caudas, e por alguns momentos seu coração pulava de alegria, pois ela sabia que ela tinha a voz mais adorável que qualquer um da terra ou do mar. Mas ela logo voltou a pensar no mundo que ficava acima dela, pois não conseguia esquecer o príncipe encantador, nem a tristeza por não ter uma alma imortal como a dele, então, ela saiu furtiva e silenciosamente do palácio de seu pai, e enquanto tudo lá dentro era alegria e musicalidade, ela se sentou em seu pequeno jardim triste e solitária. Então, ela ouviu o som de uma corneta através da água, e pensou — "Certamente ele deve estar velejando lá em cima, aquele a quem meus sonhos pertencem, e em cujas mãos eu gostaria de depositar a felicidade da minha vida. Eu arriscaria tudo por ele, e para conquistar uma alma imortal, enquanto as minhas irmãs estão dançando no palácio do meu pai, irei até a bruxa do mar, de quem sempre tive tanto medo, mas ela poderá me dar conselhos e ajudar."

E então, a pequena sereia saiu de seu jardim, e tomou o caminho até os remoinhos de espuma, onde atrás deles vivia a feiticeira. Ela jamais havia percorrido aqueles caminhos antes: nem flores nem relva cresciam ali, nada além de um terreno estéril, cinzento e arenoso se estendia até o remoinho, onde a água, como rodas de moinho espumejantes, girava em torno de tudo que ela conseguia prender,

lançando tudo dentro de um abismo insondável. Pelo meio destes remoinhos destruidores a pequena sereia era obrigada a atravessar, para chegar aos domínios da bruxa do mar, e assim por uma longa distância ela teve de fazer um grande percurso sobre um brejo quente e borbulhante chamado pela bruxa de seu pântano de relvas.

Além destas paragens ficava a casa dela, no meio de uma estranha floresta, na qual todas as árvores e flores eram pólipos, metade animais, metade plantas, elas se pareciam como serpentes com centenas de cabeças se esticando para fora do solo. Os galhos eram longos braços viscosos, com dedos parecidos com vermes flexíveis, movendo um braço após o outro da raiz até o topo. Tudo o que eles conseguiam alcançar no mar eles agarravam, e seguravam com força, de modo que jamais alguém conseguia escapar de suas garras. A pequena sereia ficou tão assustada com o que viu, que ela ficou paralisada, e seu coração batia acelerado, e ela já estava quase pensando em voltar, mas ela se lembrou do príncipe, e na alma humana por quem ela sonhava tanto, e voltou a ter coragem. Ela prendeu seus cabelos longos e lisos em torno da cabeça, para que os pólipos não conseguissem prendê-lo.

Ela juntou as duas mãos sobre o peito, e depois, avançou apressadamente assim como os peixes fazem através da água, entre os braços e dedos flexíveis dos assustadores pólipos, que esticavam seus tentáculos de ambos os lados. Ela percebeu que cada um deles tinha em suas garras algo que eles haviam apreendido com seus numerosos bracinhos, fortes como férreas articulações. Os esqueletos brancos de seres humanos que haviam perecido no mar, e que haviam naufragado em águas profundas, esqueletos de animais terrestres, remos, lemes e baús de navios estavam ali firmemente presos pelos seus tentáculos pegajosos, até mesmo uma pequena sereia, que eles haviam capturado e estrangulado, e esta era a cena mais chocante de todas para a pequena princesa.

Ela agora havia chegado a um espaço de terreno pantanoso da floresta, onde serpentes d'água grandes e redondas rolavam na lama, mostrando seus corpos horrendos e assustadores. No meio desse lugar havia uma casa, construída com a ossada dos seres humanos naufragados. Ali ficava a bruxa do mar, que estava brincando com um sapo que comia diretamente de sua boca, assim como as pessoas costumam alimentar um canário com um pouco de açúcar. Ela chamava

suas horrendas cobras d'água de queridas galinhas, e deixava que elas ficassem passeando por cima do seu corpo.

"Eu sei o que você quer," disse a bruxa do mar, "é uma tolice muito grande da sua parte, mas você terá o que deseja, e isso lhe trará muitas aflições, minha linda princesa. Você quer se libertar de sua cauda de peixe, e substituí-la por dois suportes, como os seres humanos da terra, para que o jovem príncipe possa se apaixonar por você, e para que você tenha uma alma imortal." E nesse momento a bruxa gargalhou tão alto e de forma desagradável, que o sapo e as cobras acabaram caindo no chão, e ali permaneceram se contorcendo. "Você conseguirá, mas no tempo certo," disse a bruxa, "pois a partir do pôr do sol de amanhã eu não poderei te ajudar até que um ano tenha passado. Eu vou te preparar uma poção, com a qual você deverá ir nadando até a terra amanhã antes do pôr do sol, sentar-se na praia e ali deverá bebê-la.

A sua cauda então, irá desaparecer, e encolher até aquilo que os homens chamam de pernas, você sentirá muita dor, como se estivesse sendo atravessada por uma espada. Mas todos os que a olharem, dirão que você é a mais linda criaturinha humana que eles já viram. Você manterá ainda a mesma delicadeza de seus movimentos de flutuação, e nenhuma dançarina poderá caminhar com tanta leveza, mas a cada passo teu você sentirá como se estivesse pisando em facas afiadas, e que o sangue precisa fluir. Se você conseguir suportar tudo isto, eu poderei te ajudar."

"Sim, vou conseguir," disse a pequena princesa com a voz trêmula, enquanto ela pensava no príncipe e na alma imortal.

"Mas pense direito," disse a bruxa, "pois quando o seu corpo assumir a forma de um ser humano, você não poderá mais ser a pequena sereia. Você jamais retornará através da água para junto de suas irmãs, nem para o palácio de teu pai novamente, e se você não conquistar o amor do príncipe, de tal modo que ele esteja disposto a esquecer pai e mãe por tua causa, te amar com toda sua alma, e deixar que o padre junte suas mãos para que vocês se tornem marido e mulher, então, você nunca terá uma alma imortal. Na primeira manhã depois que ele desposar outra mulher o teu coração irá romper, e você se tornará espuma na crista das ondas."

"Eu farei isso," disse a pequena sereia, e ela ficou pálida como a morte.

"Mas eu também preciso receber o meu pagamento," disse a bruxa, "e eu não vou lhe pedir pouco. Você possui a mais bela voz de qualquer um que habite nas profundezas do mar, e você acredita que com ela você conseguirá encantar o príncipe também, mas esta voz será o teu pagamento, a melhor coisa que você possui eu receberei como preço pela minha poção mágica. Meu próprio sangue deve estar misturado com ela, para que a poção possa ser forte como a espada de dois gumes."

"Mas se você tomar a minha voz," disse a pequena sereia, "o que vai sobrar para mim?"

"A tua beleza, o teu andar gracioso e os teus olhos expressivos, certamente com estes encantos você saberá acorrentar o coração de um homem. E então, você perdeu a coragem? Coloque a tua língua para fora para que eu possa cortá-la como pagamento, e então você poderá ter o poderoso elixir."

"Assim será," disse a pequena sereia.

Então, a bruxa colocou o seu caldeirão no fogo para preparar a poção mágica.

"A higiene é um bom hábito," disse ela, esfregando o caldeirão com as cobras, as quais ela havia amarrado juntas formando um grande nó, em seguida, ela picou a si mesma no peito, e deixou que o sangue escuro escorresse para dentro do caldeirão. O vapor que se levantou transformava-se em figuras de horrível aspecto que ninguém conseguia olhar sem se assustar. A todo momento a bruxa jogava alguma coisa dentro do caldeirão, e quando ele começou a ferver, o ruído se parecia com o choro de um crocodilo. Quando finalmente a poção mágica ficou pronta, ela tinha o aspecto da mais pura água.

"Aqui está para você," disse a bruxa. Em seguida, ela cortou a língua da pequena sereia, e então, ela ficou muda, e jamais poderia falar ou cantar. "Se os pólipos tentarem te agarrar quando você estiver voltando pela floresta," disse a bruxa, "atire sobre eles algumas gotas da poção, e os dedos deles se rasgarão em milhares de pedaços." Mas a pequena sereia nas precisou usar deste artifício, pois os pólipos recuavam aterrorizados quando olhavam para a poção cintilante, que brilhava nas mãos dela como estrelas radiantes.

Então, ela atravessou rapidamente a floresta e o pantanal, e depois por entre os remoinhos que avançavam. Ela viu que no palácio de seu pai as tochas do salão de baile já haviam sido apagadas, e dentro todos dormiam, mas ela não se arriscou a ir

até eles, porque ela agora estava muda e deveria deixá-los para sempre, se sentia como se o seu coração fosse estourar. Ela fugiu sorratamente para o jardim, pegou uma flor no canteiro de flores de cada uma de suas irmãs, jogava com a mão milhares de beijos em direção ao palácio, e depois subiu atravessando as águas azuis escuras. O sol não tinha nascido quando ela surgiu diante do palácio do príncipe, e se aproximou dos maravilhosos degraus de mármore, mas a lua brilhava com muita intensidade.

Então, a pequena sereia tomou a poção mágica, e ela sentiu como se uma espada com dois gumes penetrasse o seu corpo delicado: ela sentiu que ia desmaiar, e pareceu que tinha morrido. Quando o sol surgiu e brilhava por todo o oceano, ela voltou a si, e sentiu uma dor aguda, então, bem diante dela estava o belo e jovem príncipe. Ele fixou nela seus olhos negros como carvão tão ardentemente que ela baixou os seus próprios, e então, ela percebeu que o seu rabo de peixe havia desaparecido, e que ela tinha um lindo par de pernas brancas e pés delicados como os de qualquer donzela, mas ela não tinha roupas, então, ela se enrolou em seus cabelos longos e espessos. O príncipe perguntou quem ela era, e de onde ela tinha vindo, e ela olhava para ele com ternura e tristeza com seus profundos olhos azuis, mas ela não podia falar.

Tudo o que acontecia com ela era exatamente como a bruxa havia dito que seria, ela sentia como se estivesse pisando em pontas de agulhas ou facas afiadas, mas ela suportava tudo com dignidade, e caminhava tão levemente ao lado do príncipe como se fosse bolha de sabão, de modo que ele e todos que a viam ficavam admirados com seus movimentos graciosos e sutis. Não demorou muito e logo ela estava usando roupas caríssimas de seda e musselina^[1], e ela era a mais linda criatura do palácio, mas era muda, e não podia falar nem cantar.

Belas escravas, vestidas em seda e ouro, colocaram-se à frente e cantavam diante do príncipe e dos pais reais: uma cantava melhor que todas as outras, e o príncipe batia palmas e sorria para ela. Esta era uma grande tristeza para a pequena sereia, ela sabia o quanto ela cantava com mais doçura antes, e pensou, "Oh se eu soubesse! Perdi minha voz para sempre, para estar ao lado dele."

As escravas, a seguir, realizaram belos números de dança que pareciam de fada, ao som de uma música maravilhosa. Então, a pequena sereia levantou seus braços encantadores, ficou na ponta dos pés, e deslizava pelo assoalho, e dançava

como ninguém ainda havia sido capaz de dançar. A todo momento a sua beleza se revelava cada vez mais, e seus olhos expressivos falavam mais diretamente ao coração do que as canções das escravas. Todos estavam embevecidos, especialmente o príncipe, que a chamava de sua pequena enjeitada, e ela dançava com muita leveza, para agradá-lo, embora cada vez que seus pés tocavam o chão parecia estar pisando em facas afiadas."

O príncipe falou que ela deveria ficar com ele para sempre, e ela teve permissão para dormir junto da sua porta, numa almofada de veludo. Ele mandou fazer para ela uma roupa de escudeiro, para que ela pudesse acompanhá-lo nas cavalgadas. Eles cavalgaram juntos pelas florestas docemente perfumadas, onde os galhos verdes tocavam-lhes os ombros, e os pequenos pássaros cantavam por entre as folhas verdejantes. Ela subiu com o príncipe até os topos das altas montanhas, e embora seus pés delicados sangrassem a ponto de lhe marcarem os passos, ela ria somente, e o acompanhava até que pudessem ver as nuvens abaixo deles que pareciam um bando de aves migrando para países distantes. Enquanto isso, no palácio do príncipe, quando todos os criados já tinham ido dormir, ela ia e ficava sentada nos largos degraus de mármore, pois isso aliviava os seus pés ardentes, banhando-os na fria água do mar, e então ela pensava em todos aqueles que moravam nas profundezas.

Uma vez, durante a noite, suas irmãs apareceram de braços dados, cantando tristemente, enquanto flutuavam na água. Ela acenou para as irmãs, e então, elas a reconheceram, e disse para elas como ela as havia magoado. Depois disso, elas vinham para o mesmo lugar todas as noites, e uma vez ela viu de longe a sua querida avó, que não vinha à superfície do mar havia muitos anos, e o velho Rei dos Mares, seu pai, com a coroa em sua cabeça. Eles estenderam suas mãos para ela, mas não queriam se arriscar tão perto da terra como suas irmãs faziam.

À medida que os dias se passavam, ela amava o príncipe cada vez mais, e ele a amava como amava a um bebê, mas jamais lhe vinha à cabeça fazer dela a sua esposa, porém, a menos que ela se casasse com ele, ela não receberia uma alma imortal, e, na manhã seguinte depois que o príncipe se casasse com outra mulher, ela iria desaparecer na espuma do mar.

"Você não ama a mim mais do que todas elas?", os olhos da pequena sereia pareciam perguntar, quando ele a tomou nos braços, e beijou sua linda testa.

"Sim, você é muito querida para mim", disse o príncipe, "pois você tem o melhor coração, e você é a mais dedicada a mim, você é como uma jovem donzela que eu conheci um dia, mas que eu jamais a verei de novo. Eu estava num navio que havia naufragado, e as ondas me levaram para a praia perto de um templo sagrado, onde várias jovens donzelas executavam o serviço. A mais jovem delas me encontrou na praia, e salvou a minha vida. Eu a vi apenas duas vezes, e ela é a única no mundo a quem devo amar, mas você é muito parecida com ela, e você quase expulsou a imagem dela do meu pensamento. Ela pertence ao templo sagrado, e o meu destino enviou você para mim ao invés dela, e jamais nos separaremos."

"Ah, ele não sabe que fui eu quem salvou a vida dele," pensou a pequena sereia. "Eu o levei sobre o mar para a floresta onde fica o templo: fiquei sentada debaixo das espumas, e fiquei olhando até que os humanos vieram ajudá-lo. Eu vi a linda jovem que ele ama mais do que ama a mim," e a pequena sereia suspirou profundamente, mas ela não podia verter lágrimas. "Ele diz que a jovem pertence ao templo sagrado, portanto, ela jamais voltará para o mundo. Eles nunca mais se encontrarão: ao passo que eu estou aqui ao lado dele, e o vejo todos os dias. Eu cuidarei dele, e o amarei, e renunciarei à minha vida por causa dele."

Não demorou muito e houve um boato de que o príncipe deveria casar, e que a linda filha de um rei vizinho seria a sua esposa, e um lindo navio estava sendo preparado. Embora o príncipe declarasse que ele simplesmente pretendia fazer uma visita ao rei, era de conhecimento geral que ele realmente teria ido fazer uma visita à filha do rei. Um grande séquito o acompanhava. A pequena sereia sorriu, e balançou a cabeça. Ela conhecia os pensamentos do príncipe mais do que qualquer outra pessoa.

"Preciso viajar," disse o príncipe a ela, "E preciso conhecer esta linda princesa, são os desejos de meus pais, mas eles não poderão me obrigar a trazê-la para casa como noiva. Não posso amá-la, ela não se parece com a linda donzela do templo, com quem você se parece. Se eu fosse forçado a escolher uma noiva, eu teria escolhido você, minha muda enfeitadinha, com olhos tão expressivos." E então, ele beijou sua boca rosada, brincou com os seus cabelos longos e ondulados, e colocou a cabeça sobre o coração dela, enquanto ela sonhava com a felicidade humana e com uma alma imortal. "Você não tem medo do mar, meu bebê silencioso," disse ele, enquanto estavam no convés do navio real que deveria conduzi-los até o país

do rei vizinho. E então ele falou para ela sobre a tempestade e sobre a calmaria, sobre peixes estranhos nas profundezas abaixo de onde eles estavam, e que os mergulhadores tinham visto lá, e ela sorria com as descrições dele, pois ela conhecia mais do que ninguém as maravilhas que havia no fundo do mar.

Ao luar, quando todos a bordo estavam dormindo, com exceção dos homens no comando, conduzindo o navio, ela se sentou no convés, e ficou olhando através das águas claras. Ela pensou que poderia distinguir o castelo de seu pai, e dentro dele a sua avó já idosa, com a coroa de prata na cabeça, olhando a maré que avançava sob a quilha do navio. De repente, as suas irmãs surgiram no meio das ondas, e ficaram olhando para ela com tristeza, torcendo suas mãos brancas. Ela acenou para suas irmãs, e sorriu, e quis dizer a elas como ela estava feliz e com saúde, mas o grumete se aproximou, e quando suas irmãs voltaram a mergulhar ele pensou ter visto apenas as espumas do mar.

Na manhã seguinte, o navio zarpou para o porto de uma linda cidade que pertencia ao rei a quem o príncipe estava indo visitar. Os sinos da igreja estavam tocando, e das torres majestosas ouvia-se o toque de trombetas, e os soldados, com bandeiras esvoaçantes e baionetas cintilantes, desfilavam pelas rochas por onde passavam. Todo dia era uma festa, bailes e entretenimentos eram realizados um após o outro.

Mas a princesa ainda não havia aparecido. As pessoas diziam que ela cresceu e fora educada numa casa religiosa, onde ela estava aprendendo todas as virtudes reais. Finalmente ela apareceu. Então, a pequena sereia, que estava muito ansiosa para ver se ela era realmente bela, foi constrangida a reconhecer que ela jamais tivera visto antes a mais perfeita imagem da beleza. A sua pele era delicadamente bela, e debaixo de suas pestanas longas e escuras brilhavam seus olhos sorridentes e azuis vestidos de sinceridade e pureza.

"Foi você," disse o príncipe, "que salvou a minha vida quando eu estava morto na praia," e ele tomou em seus braços a noiva corada. "Oh, eu sou tão feliz," disse ele para a pequena sereia, "minhas mais gratas esperanças foram realizadas. Você irá se regozijar com a minha felicidade, porque a sua dedicação a mim é grande e sincera."

A pequena sereia beijou-lhe a mão, e sentiu como se o seu coração já estivesse rompido. A manhã do casamento dele traria a morte para ela, e ela se transformaria

na espuma do mar. Todos os sinos da igreja tocaram, e os arautos corriam pela cidade anunciando o noivado. Óleos perfumados queimavam em caríssimas lamparinas prateadas de todos os altares. Os sacerdotes balançavam os incensários, enquanto o noivo e a noiva uniam suas mãos e recebiam as bênçãos do bispo. A pequena sereia, vestida com seda e ouro, segurava o véu da noiva, mas seus ouvidos nada ouviam das músicas festivas, e os seus olhos não viram nada da cerimônia sagrada, ela pensava na noite da morte que se aproximava, e em tudo o que ela havia perdido no mundo.

Na mesma noite, a noiva e o noivo subiram a bordo do navio, os canhões rufavam, bandeiras tremulavam, e no centro do navio uma tenda caríssima de púrpura e ouro foi erigida. Ela continha sofás elegantes para a recepção do casal de noivos durante a noite. O navio, com velas infladas e ventos favoráveis, deslizavam com suavidade e leveza sobre o mar calmo. Quando escureceu, um grande número de lâmpadas coloridas foram acesas, e os marinheiros dançavam alegremente pelo convés. A pequena sereia não conseguia parar de pensar na primeira vez que ela subiu até a superfície, e teve festas e alegrias semelhantes, e ela se juntou à dança, se equilibrou no ar como uma andorinha ao perseguir a sua presa, e todos os presentes maravilhados davam vivas. Ela nunca havia dançado com tanta elegância anteriormente.

Seus pés delicados pareciam que eram cortados por facas afiadas, mas ela não se preocupava com isso, uma pontada mais dolorida havia perfurado o seu coração. Ela sabia que esta seria a última noite que veria o príncipe, por quem ela havia abandonado os parentes e a sua casa, ela havia perdido sua linda voz, e sofria diariamente dores inauditas por causa dele, enquanto ele não sabia nada disso. Esta era a última noite que ela iria respirar o mesmo ar com ele, ou olhar para o céu estrelado e o mar profundo, uma noite eterna, sem pensamentos nem sonhos, esperava por ela: ela não tinha uma alma e jamais poderia conseguir uma. Tudo era alegria e felicidade no convés do navio até bem depois da meia-noite, ela ria e dançava com os demais, enquanto os pensamentos da morte varriam-lhe o coração.

O príncipe beijou sua linda noiva, enquanto ela brincava com seus cabelos negros, até que entraram de braços dados para se deitarem na tenda esplêndida. Então, tudo era silêncio a bordo do navio, o timoneiro, sozinho e acordado, ficava no leme. A pequena sereia apoiou seus braços brancos na borda do navio, e olhou para

o oriente em busca da primeira paisagem rubra da manhã, porque o primeiro raio da aurora iria lhe trazer a morte. Ela viu suas irmãs subindo por entre as águas: elas estavam tão pálidas quanto ela própria, mas seus cabelos longos e belos não mais balançavam com o vento porque tinham sido cortados.

"Nós demos o nosso cabelo para a bruxa," elas disseram, "para conseguir ajuda para você, para que você não possa morrer esta noite. Ela nos deu uma faca: aqui está ela, veja como é bastante afiada. Antes do sol nascer você deve mergulhá-la no coração do príncipe, quando o sangue quente cair sobre os seus pés eles se unirão novamente, e se transformarão na cauda de peixe, e você será novamente a pequena sereia, e voltará para nós para viver os seus trezentos anos antes de você morrer e se transformar na espuma do mar salgado. Apresse-se, então, ele ou você deverá morrer antes do pôr do sol. A nossa velha avó sofre muito por você, que os cabelos brancos dela estão caindo de tanta tristeza, como os nossos foram cortados pela tesoura da bruxa. Mate o príncipe e retorne, vai depressa: você não está vendo os primeiros clarões vermelhos no céu? Em alguns minutos o sol vai nascer, e você deverá morrer." E então elas suspiraram profunda e tristemente, e mergulharam debaixo das ondas.

A pequena sereia afastou a cortina carmesim da tenda, e contemplou a bela noiva com a cabeça deitada no peito do príncipe. Ela se inclinou e beijou sua sobrancelha, em seguida, olhou para o céu onde a aurora rósea ficava cada vez mais brilhante, então, ela olhou para a faca afiada, e novamente fixou os olhos no príncipe, que suspirou o nome da sua noiva em seus sonhos. Ela estava em seus pensamentos, e a faca tremeu na mão da pequena sereia: então ela jogou a faca longe no meio das ondas, e onde ela caiu, a água ficou vermelha, e as gotas que jorravam para cima pareciam sangue.

Ela lançou mais um olhar ansioso e meio-desfalecente para o príncipe, e então, se atirou do navio para o mar, e achou que o seu corpo estava se transformando em espuma. O sol subia por cima das ondas, e seus raios quentes caíam sobre a espuma fria da pequena sereia, que não se sentiu como se estivesse morrendo. Ela viu o sol brilhando, e por todos os lados pairavam centenas de seres belos e translúcidos, ela podia ver através deles as velas brancas do navio, e as nuvens vermelhas do céu, eles falavam melodiosamente, mas era por demais etéreas para serem ouvidos por ouvidos mortais, porque também não poderiam ser vistos por

olhos mortais. A pequena sereia percebeu então, que o seu corpo era como o deles, e que ela continuava a subir cada vez mais alto para longe das espumas. "Onde estou eu?", perguntou ela, e sua voz parecia sideral, como a voz daqueles que estavam com ela, nenhuma música terrestre conseguiria imitá-la.

"Entre suas irmãs do espaço," respondeu uma delas. "A pequena sereia não possui uma alma imortal, nem pode conseguir uma, exceto se conquistar o amor de um ser humano. No poder de uma outra pessoa está o destino da eternidade. Mas as filhas do espaço, embora não possuam uma alma imortal, podem, com seus atos de bondade, conseguir uma para si mesmas. Nós voamos até os países quentes, e esfriamos o ar abafado que destrói a humanidade com sua pestilência. Nós levamos o perfume das flores para espalhar a saúde e a renovação. Depois de lutarmos por trezentos anos com todo o bem ao nosso alcance, nós recebemos uma alma imortal e tomamos parte da felicidade do mundo. Você, nossa pequena sereia, tentou de todo o coração fazer o que nós estamos fazendo, você sofreu, suportou e se elevou para o mundo espiritual através das suas boas ações, e agora, lutando da mesma maneira durante trezentos anos, você pode conseguir uma alma imortal.

A pequena sereia elevou seus olhos agradecidos em direção ao sol, e sentiu, que pela primeira vez eles estavam cheios de lágrimas. No navio, onde ela havia deixado o príncipe, tudo era vida e burburinho, ela o viu com sua bela noiva e procuravam por ela, com tristeza eles olharam para a espuma perolada, como se eles soubessem que ela havia se atirado nas ondas. Invisível, ela beijou a fronte da sua noiva, e abanou o príncipe, e então subiu com as outras crianças do ar até uma nuvem rósea que flutuava através do éter.

"Depois de trezentos anos, é assim que nos locomovemos no reino dos céus," disse ela. "E nós podemos chegar até lá mais rápido," murmurou uma de suas companheiras. "Podemos entrar nas casas das pessoas sem sermos vistas, onde haja crianças, e todos os dias quando encontramos uma boa criança, que é a alegria de seus pais e merecedora do amor deles, o nosso tempo de provação será diminuído. A criança não sabe, quando nós passamos voando pelo ambiente, que nós sorrimos de alegria com o seu bom comportamento, e podemos calcular um ano a menos dos nossos trezentos anos. Mas quando nós observamos uma criança travessa ou mal comportada, nós derramamos lágrimas de tristeza, e para cada lágrima derramada um dia é adicionado ao nosso tempo de provação!

ANEXO D – Textos dos alunos

O último fósforo

por Mikaelly, Tamires, Thaynara e Kauana.

Era uma vez uma família muito pequena, uma garotinha com seus pais. A casa em que moravam era bem simples e quase não tinha nada. A família tinha um negócio, vendiam fósforos nos sinais de trânsito e era sua sobrevivência. As vendas não eram muito boas, e muitos só comiam uma vez a cada três dias. Lucy (a mãe) estava muito doente e já não tinha forças para levantar-se da cama. Apenas Pedro (o pai) e Clara (a filha única do casal) que iam as vendas no trânsito.

Então o natal se aproximava, a cidade e o trânsito estavam muito movimentados, Pedro e Clara aproveitaram o sinal fechado para vender seu produto. Pedro estava no meio da avenida, e tentou correr para a calçada mas uma caminhonete o atropelou. Clara assustada com a cena que viu, não sabia o que fazer, correu para casa avisar para sua mãe, porém ela estava morta em cima de um colchão no chão frio.

Depois de duas semanas do ocorrido, Clara voltou a vender o resto dos fósforos. Sem sucesso, Clara voltou para casa, estava muito frio, e Clara teve a ideia de queimar o colchão para se esquentar. As chamas eram fortes, mas depois de um tempo, apagou-se.

No dia seguinte finalmente era manhã de natal, para Clara mas um dia escuro e sem vida. Sua alma já estava morta, o mundo para ela tinha acabado, andando pelas ruas, observando as pessoas felizes e cantando músicas natalinas. Por fora estava sólida com um olhar triste, mas por dentro estava gritando por socorro e misericórdia.

Clara continuava andando, quando avistou um penhasco, que dava diretamente para um rio com correntezas fortes. Clara pegou uma foto de seus pais e um último palito de fósforo, então andou até a ponta do penhasco, virou-se de costas, ela estava acendendo o fósforo e dando adeus.

O fósforo se apaga e ela se joga do penhasco.

A Pequena Vendedora de Fósforos

por: Mattheus Costa, Larissa Cruz, Geisse Maria, Maria Vitoria

Era um belo dia uma pequena garotinha que vendia fósforos na rua para poder viver, ela tinha fugido de casa porquê seu pai batia nela. Sua mãe já tinha falecido a menina perambulava pelas ruas procurando vender fósforos mais ninguém queria comprar, ao passar do dia a menina não conseguia vender nada, no cantinho da rua em um lugar cheio de neve a menina se deitou se encolhendo para se proteger do frio, não adiantava a menina não conseguia sentir calor então pegou os fósforos e acendeu quando a menina acende o fósforos da um frio de repente e a menina fica assustada pois da um apagão em plena noite de natal e em toda a cidade. De repente a menina vê uma sombra e fica com medo, mais era sua a vizinha que era a unica na família que amava a pequenina de verdade. A menina pensava que sua querida vizinha teria morrido más a menina ficou tão feliz que dava para ver em seu rosto coberto de lágrimas de felicidade a vizinha da pequenina levou ela para a sua casa lá a menina tomou um bom banho, vestiu roupas quentinhas e ceou com a sua vizinha e no final Da noite sentou perto da árvore de natal e tomou chocolate quente junto a janela para ver as luzes coloridas e maravilhosas da cidade pois a luz tinha voltado de novo. A menina ficou muito feliz por que tudo que ela queria era uma coisa: família, comida e sobre tudo o amor de sua avó.

A pobre garota e o frio

por: Irlisson, Beatriz, Eudázio.

Este dia estava numa época de natal quando o frio era intenso, os flocos de neve caindo e a noite se aproximando rapidamente. E foi nesse frio nessa escuridão que uma pobre garota, descalça e sem proteção na cabeça, caminhava pelas as grandes ruas da cidade fria e quando a vendedora iria atravessar a rua passava rapidamente duas carruagens jogando a pobre garotinha no chão.

E a pequena vendedora caminhava pelas ruas com seus pezinhos congelados por causa do frio e da neve. A pequena garota vendia fósforos em sua mão exibia alguns deles. Ninguém havia comprado naquele dia, ninguém havia lhe dado uma moeda, com muita fome, a pobre garota caminhava olhando por toda parte as ruas, quadros de miséria então a pobre garota se sentou e com seu corpinho ela cobriu seus pés congelados, a garota lá estava decidindo se riscava ou não o fósforo, ela decidiu e riscou, e com sua grande chama aparecia um fogão com lenha acesa e ela lá se aquecendo e quando ia aquecer seus pesinhos a chama se apagou.

Então a menina decide riscar outro palito e a chama transparente se acendeu e a menina viu na sua frente um grande banquete e quando a menina ia se deliciar a chama se apagou, então a menina risca outro fósforo e a chama reluzente com sua linda luz acendeu e apareceu uma grande carruagem vindo buscá-la e levando-a para uma casa, a menina bate na porta e aparece uma senhora e a menina diz: - vovó , então a senhora pega a menina nos braços e lhe amostra a árvore de natal então a menina se lembra quando sua avó havia dito "quando uma estrela cai uma pessoa sobe para deus". Então a chama se apaga e a menina com muita raiva acende os três fósforos com sua grande chama aparece novamente sua vovó e a vendedora em seus braços acendendo as velas de natal e então os fósforos se apagam e lá aparece a menina adormecida e a vovó aparece e lhe acorda então a menina pula em seus braços e a senhora a leva para sua casa onde há um fogão bem quentinho, um grande banquete para ela deliciar e uma grande árvore de natal com velas acesas e a menina abre um grande sorriso e com isso se percebe que a menina ficou muito feliz.

A Pequena Vendedora De Fósforos

por Gilvana, Wellington e Vitória Régia

O frio era impiedoso e a neve estava caindo, e a noite escura e fria estava se aproximando e essa era a última noite do ano – véspera de ano novo.

Lá estava a pequena garota pra lá e pra cá exibindo seus palitos de fósforos na mão, mas infelizmente ninguém queria comprá-los. Trêmula e com muita fome a pobre garota continuava andando e olhando a miséria e tristeza das ruas.

E enquanto andava pela rua uma senhora e seu marido que sonhavam em ter filhos avistaram a pequena garota e perguntaram onde estava a família dela e ela respondeu que sua mãe a batia e tinha medo de voltar sem ter vendido nenhum dos palitos de fósforo. A senhora ficou tão mexida com a história da garota e perguntou se ela queria passar a noite de ano novo com ela e seu marido e pequena garota aceitou.

Passaram a noite conversando, comendo e se divertindo e no final, a senhora perguntou se a garota não gostaria de ir morar com ela e ela disse que sim. Depois daquela noite a pequena garota foi morar com a senhora e elas foram felizes.

A Pequena Vendedora de Fósforos no natal com uma nova família

por: Samuel, Rodrigo, Gerson

Era uma menina que morava numa casa com os pais dela. Eles mandavam ela de manhã ir vender fósforos na rua e se ela não conseguisse vender ela ia apanhar, ia ser maltratada pelos os pais dela.

Ela era uma menina muito jovem, cerca de 10 anos de idade. Ela não tinha chinela, ela usava uma espécie de um pedaço de pano nos pés que servia como chinela pra ela e onde ela mora fazia muito frio, ela usava uma jaqueta ou agasalho.

Num certo dia, ela acordou bem cedo de manhã e foi vender fósforos na rua. Ela estava em cima de uma ponte, olhava para baixo e via as crianças saindo de uma casa e andando de carroça.

Uma pessoa passou bem rápido de carroça e derrubou os fósforos dela. Ela se virou e pegou bem rápido do chão e ela seguiu em frente. Ela ficou parada numa espécie de rua ou praça onde passava as pessoas na rua, mas ninguém comprava os fósforos dela, então anoiteceu e ela não voltou para casa porque ela não conseguiu vender nenhum fósforo.

Se ela voltasse para casa os pais dela iam bater nela por que ela não conseguiu vender nenhum fósforo. Então, ela ficou num canto entre duas casas e ela ficou sentada na rua na neve e ela olhou numa janela e viu uma família. Era natal toda a família reunida e ela adormeceu até que uma pessoa saiu para fora e chamou-a para dentro e adotou-a e ela passou o natal com uma nova família.

A Pequena vendedora de fósforo e sua nova família

por: Ryan, Cidrão, Jean

O frio estava impiedoso a neve vindo e a noite escura já estava se aproximando e essa era a última noite do ano, por ser a véspera do ano novo e foi nesse frio tenebroso e com essa escuridão inquietante em que uma pobre garota estava a vender fósforos que ninguém comprava .

Lá estava a pequena garota andando para lá e para cá com seus pequenos e desprotegidos pés, que estavam congelando por causa do frio intenso.

E ninguém comprava seus fósforos e também não poderia voltar para casa com medo de que seu pai batesse nela, até que um cantinho entre duas casas enquanto uma dessa casa estava 2 metros de largura e ela sentou-se e com frio acendeu o fósforo e começou a imaginar uma mesinha com comida e tudo quentinho, mas ela acordou e no desespero acendeu outro fósforo e o outro era uma carroça de fogo com dois cavalos que a levou para casa da sua avó que estava falecida mas o fósforo apagou-se e ela novamente acendeu o fósforo e ela imaginou uma árvore de natal de sua avó mas o fósforo apagou-se. A menina começou a congelar. Quando ela estava quase morrendo, um casal achou a menina e levou-a para sua casa para comemorar o natal junto com eles. O casal gostou tanto da menina que resolveu adotá-la.

A garota pobre que mudou de vida

por: Rosiane, Layla, Jessika

Era uma vez uma garotinha que não tinha família, que se chamava Renesmy.

Ela só tinha 12 anos, tinha também uma caixa de fósforos e ela ganhava a vida com isso. Todos na cidade estavam se preparando para uma noite de nevasca de ano novo. A pobre menina, infelizmente, não vendeu nenhum fósforo. Já tinha anoitecido, então, ela procurou um lugar para se esquentar.

Certa vez, passava por perto dessa garota um menino de 13 anos que se chamava Edward. Ele era famoso ali na cidade, filho de um homem rico, mas ele nunca tinha ouvido falar de uma garota que vendia fósforo. De repente, a garota pergunta a ele se ele pode comprar um fósforo dela, assim que ele a viu, seus olhos brilharam. Ele nunca havia visto uma menina mais linda do que ela. Seu coração acelerou e seus pés suavam frio e suas mãos gelavam. Nenhuma menina havia tocado seu coração como ela.

Ele não sabia que ela não tinha família e que ela morava na rua. Ele ficou de coração partido com a história da garota, então, perguntou se ela queria vir morar com ele. A menina já transbordando de alegria aceitou, mas os pais dele, quando souberam da história da garota não gostaram muito, pois a garota era pobre e não tinha pais e eles eram muito preconceituosos com isso, não gostavam que seu filho se misturasse com esse "povo".

O filho não queria nem saber do que os pais pensavam sobre ela, eles ficaram se encontrando por bastante tempo escondidos. Ele levava comida, cobertor e presentes. Mas, certo dia, seu pai o seguiu para ver o que seu filho fazia todas as tardes. O pai do garoto viu Edward entrando em um lugar abandonado... Quando Edward estava cumprimentando a Renesmy seu pai deu um grito falando: Edward larga essa garota já, e seu filho assustado largou a menina mas logo após disso ele ficou brigando com seu pai e aproveitou e falou tudo que queria e que estava pensando, seu pai pasmo com a atitude de seu filho ficou só escutando, mas depois que conheceu a garota direito ele viu a boa menina que ela era e boa influência que ela era para seu filho.

Ele a levou para sua casa e lá conversou com sua esposa sobre ela e sua esposa comovida aceitou-a e deixou ela morar com eles.

O tempo passou e nesses tempos já havia passado seis anos a menina que vendia fósforos já não era a mesma pessoa ela estava casada com o menino que ajudou ela, e nesse casamento nasceu uma garotinha linda que se chamava Bella e todos os dias distribuía comida e cobertor para pessoas que morava na rua sem condição de vida, e assim viveram felizes por muitos e muitos anos...

Um grande presente de Natal

por: Jéssica, Laura e Sâmia.

Era uma vez, uma menina que se chamava Ana. Ela sobrevivia vendendo seus humildes fósforos.

Num belo dia de Natal, a menina foi novamente à venda de seus fósforos, mas ninguém quis comprar. Ela ficou muito triste, pois queria ter um natal digno com sua família. Depois de um dia cansativo, na tentativa de venda, a menina avistou um cantinho de um jardim e decidiu ficar lá para se abrigar.

Ana já estava com muito frio e com muita fome, quando avistou uma mulher que parecia ser muito bondosa e humilde. As duas trocaram olhares e a mulher decidiu ir até a pequena Ana. Percebendo que a menina estava muito fraca, a mulher a levou em seus braços e a levou para sua casa.

Ana ficou impressionada. “Mas que casa mais aconchegante e quentinha!” - exclamou a menina.

Ela se deparou com uma grande mesa farta de comida que dava água na boca. Ela ficou tão encantada, que seus olhos se arregalaram.

A mulher a convidou para se juntar a ela para o jantar. Ana ficou um pouco envergonhada, pois ninguém jamais a convidou para jantar. Mas, mesmo assim, a menina foi, pois havia visto uma certa confiança nos olhos daquela mulher.

Depois do jantar, a mulher a convidou para ler alguns livros perto da lareira, onde era quentinho e confortável. Depois de muitas histórias, Ana pegou no sono e a mulher a levou para uma cama bem confortável. A menina teve um sonho: ela sonhou que estava brincando na neve fazendo bonecos de neve com a mulher. Aí de repente, ela avistou um caminho que levava além do horizonte. Era o paraíso. A menina acordou alegre e foi então que ela entendeu o sonho: ela viveria para sempre com o carinho daquela mulher que a acolheu.

E foi isso que aconteceu: Ana viveu até seus últimos dias, com aquela mulher.

A Salvação Dos Soldados De Chumbo

por Jean, Anderson, José Cidrão

Era noite de natal , haviam pedido dez soldados feitos de chumbo. O trem saltava muito e abriu-se a caixa dos soldadinhos e um caiu e quebrou sua perna.

Ao chegar na ponto de entrega, o homem viu a perna quebrada do soldadinho e pegou o bonequinho e quando ia pegar a perna do soldadinho, um cachorro pega e sai correndo e homem correu atrás.

Não deu para pegar a perna e o soldadinho ficou sem sua perna. O príncipe que tinha encomendado os soldadinhos não quis mais e jogou todos na neve e foi embora.

Certo dia, uma criança achou os bonecos e levou pra sua casa e o príncipe ficava pensando por onde estavam os bonequinhos.

O príncipe mandou seus guardas procurarem por toda a vila, mas eles não encontraram. Quando o príncipe andava de carruagem, olhou a pela janela e viu uma criança brincando com os bonequinhos de chumbo.

Ele imediatamente desceu da carruagem e já foi bolando seu plano. Ele com muita raiva e ódio no sangue bateu na porta da casa da mãe da criança e falou que pagava uma fortuna pelos bonequinhos de chumbo e a mãe aceitou o dinheiro do príncipe.

Quando o príncipe voltou para o palácio, ele guardou os bonequinhos numa prateleira e foi dormir. Já ia dar meia noite quando o príncipe foi dar mais uma olhadinha nos bonequinhos. Deu meia noite e os bonecos ganharam vida e saíram da caixa e soldadinho da perna quebrada viu uma Barbie e ficou encantado por ela.

Havia um urso que amava a Barbie, mas ela não lhe dava atenção.

O bonequinho de chumbo deu uma rosa linda para a boneca e eles saíram pra uma caminhada e o ursinho não gostou e quando a Barbie foi embora o urso pegou o soldadinho e jogou ele pela janela. Ele bateu em um pombo e entrou de volta para o quarto do príncipe e o príncipe ficou se perguntando como ele foi parar ali.

Ele pegou o soldadinho e foi botar ele no lugar e o urso pegou a Barbie a força e soldadinho foi salvá-la, mas o urso tentou matar ela jogando ela no fogo para que ela não ficasse com ninguém. O soldadinho e a Barbie morreram juntos queimados.

O Soldado Corajoso

por: Matheus e Ana Beatriz

Era uma vez um soldado corajoso que não baixava a bola pra ninguém. Ele morava numa fábrica de brinquedos e tinha um pequeno problema: não tinha uma perna. Na fábrica também moravam mais dois bonecos, um era o palhaço mais conhecido como Risadinha e a outro era uma adorável boneca de tiara vermelha com suas pétalas brancas, sempre com um lindo sorriso no rosto. Ela era mais conhecida como Bela por ser linda.

A convivência lá não era muito agradável. Todo dia tinha uma confusão por causa da Bela. O Risadinha era loucamente apaixonado pela a boneca, mas ela só tinha olhos pra o soldado corajoso. Bela se apaixonou por ele desde o dia em que ele salvou sua vida.

Certo dia, a Bela saiu a passear pela fábrica, quando de repente o Risadinha apareceu. Ela assustada tentou fugir, mas ele foi mais rápido e conseguiu pegá-la e ela gritou:

- Socorro, socorro!

De repente ele aparece, o soldado corajoso, e começa a lutar. Então, na luta caiu um nariz e Bela ficou assustada e ficou se perguntando de quem seria aquele nariz e logo mais saiu o soldado ferido da batalha e vencedor da luta.

E assim a linda boneca de tiara vermelha ficou feliz e pôs-se a cantar de alegria. Eles se casaram e viveram felizes pra sempre.

Um Amor Impossível

por: Larissa, Vitória e Geisse

Certo dia, muito lindo o sol brilhava. Os pássaros cantavam e era um grande dia para a bailarina Bianca. Ela era uma dançarina muito linda. Qualquer um que a visse se apaixonaria por tanta beleza. Seus olhos eram azuis, seu cabelo era loiro e extremamente liso.

Do outro lado da cidade, havia uma bela dançarina de jazz, Patrícia. Ela tinha cabelos curtos e pretos, seus olhos eram castanhos, sua pele era bronzeada. Nesse dia, estava acontecendo um concurso de dança a bailarina Patrícia estava muito nervosa.

Chegando a noite, aproximava-se a hora das apresentações e o nervosismo tomava conta das dançarinas. Nos bastidores Patrícia e Bianca começaram a conversar.

- E ai tá muito nervosa? – perguntou Patrícia.

- Sim e você? – respondeu Bianca.

- Claro estou muito nervosa.

Chegou a hora e o apresentador anunciou o nome de Bianca.

- Boa sorte! – desejou Patrícia a Bianca.

- Para você também.

As duas se abraçam. Bianca correu para o palco, a música começou a tocar e a bailarina dançou graciosamente.

Na plateia, havia um soldadinho de chumbo na primeira fila. Ele se encantou com a bailarina no mesmo minuto se apaixonou.

Chegou a vez da dançarina de jazz. Ela dançou muito bem e os jurados se encantaram. Bianca, a bailarina, assistiu e ficou muito encantada com seu talento.

Chegou a hora dos resultados e deu empate entre Patrícia e Bianca. Os jurados tiveram que decidir e desempatar e Bianca foi escolhida a melhor, mas Patrícia ficou feliz por ela.

Quando terminou o concurso, o soldadinho de chumbo foi atrás da bailarina e se declarou para ela. Bianca ficou encantada, porém ela disse que não podia correspondê-lo porque era apaixonada por outra pessoa.

O soldadinho ficou muito triste e saiu andando pelas ruas e encontrou uma mulher com quem começou a conversar. Ela perguntou por que ele estava triste e ele respondeu que não queria falar sobre isso.

O soldadinho convidou a mulher para jantar e eles se tornaram amigos.

Depois de algum tempo, a amizade virou namoro e os dois ficaram muito felizes.

O amor vence obstáculos

por: Jéssica Barbosa e Maria Laura

Era uma vez, um soldadinho que se chamava Harry. Ele morava numa fábrica bem humilde e tinha um sonho: ser independente. Quando ele completou seus 18 anos, ele decidiu que seu sonho iria se tornar realidade. Que tal a cidade? Pode ser! Ele procurou muitos lugares para morar e depois de procurar bastante decidiu ficar numa casinha modesta e aconchegante.

Passaram-se alguns meses e Harry decidiu falar com as pessoas ao seu redor. Estava passeando pela rua, quando avistou pela janela de casa muito bonita, uma bela bailarina. Ela tinha um vestido lilás e um cinto prateado, sua pele era fina como uma porcelana e seu rosto era tão bonito quanto o rosto de um anjo. Foi amor à primeira vista.

Harry dedicava seu tempo para pensar naquela bailarina tão bela. Ele não conseguia trabalhar nem comer direito só pensando nela.

Em um belo dia, a bailarina foi à casa dele para conversar. Ele não conseguia tirar os olhos dela. Desde este dia eles se tornaram melhores amigos. Harry e a bailarina, ao longo do tempo, perceberam que aquilo que eles sentiam não era mais só amizade. Eles estavam completamente apaixonados.

Em um dia qualquer, Harry se declarou para a bailarina que também lhe jurou amor eterno.

Passaram-se anos e mais anos e adivinhem. Sim, eles se casaram. Contaram sua história para seus filhos e foram felizes para sempre...

P.S.: Eles viveram até seus 97 anos juntos. Tiveram 2 filhos e 4 netos. E sempre ensinavam para eles: O amor vence obstáculos!

O Soldado Guerreiro

por: Wellington e Ryan

Era uma vez, um soldado que não conseguia se apaixonar por nenhuma menina, mas em um belo dia caminhando com sua equipe avistou uma bailarina e logo de cara se apaixonou por ela .

Mas, o que ele não sabia era que havia um palhaço que também estava apaixonado por ela. O soldadinho que não conseguia se apaixonar por ninguém, resolveu ir até a bailarina e ao chegar lá avistou um palhaço que foi logo lhe agredindo. O soldadinho sem reação , sem saber o que estava acontecendo, até por que ele não tinha feito nem um mal a ninguém acabou sendo atingido por caixas e pedras e muito mal o soldadinho caiu no chão .

A bailarina sem saber também o que estava acontecendo chegou perto do soldadinho. Quando chegou perto dele ficou muito triste porque o soldado estava muito ferido. A bailarina com muita pena do soldadinho resolveu fazer os curativos nele e ela perguntou :

- O que você veio fazer aqui ?
- Vim lhe deixar uma coisa.
- Que tipo de coisa?
- Vim lhe deixar uma carta.

E a bailarina pegou a carta e abriu . Na carta, tinha falando que o soldadinho estava gostando dela e estava apaixonado por ela . O soldadinho resolveu ir embora, mas antes de ir embora ele falou:

- Eu prometo que eu voltarei para te levar comigo .

Com o passar do tempo o Soldadinho ficou melhor e resolveu voltar lá. Quando chegou lá, o palhaço voltou a lhe agredir, mas o soldadinho como já sabia que isso iria acontecer novamente , mais esperto deu lhe um tiro que foi certo e atingiu a cabeça do palhaço. O palhaço não resistiu e morreu .

A bailarina viu tudo que o soldadinho fez e sabia que ele estava fazendo aquilo por ela e resolveu dar uma chance para ele e ele aproveitou essa chance e conquistou a bailarina.

E assim eles se juntaram, se casaram e foram felizes para sempre.

O Soldadinho Vagabundo e a Dama Bailarina

por: Layla, Jessica O. e Rosiane

Era uma vez, um soldadinho deficiente de uma perna que era muito charmoso, e que tinha 17 anos. Ele se chamava Wesley.

Certo dia, ele estava indo para uma festa de um amigo. Quando ele estava indo, se esbarrou com uma bela dama e ela caiu no chão. Ele muito simpático que era a ajudou a se levantar e quando viu o brilho do olhar dela se apaixonou. Ela não estava nem ai para ele e ignorou a sua ajuda, pois estava atrasada para sua peça. Ela era uma bailarina e se chamava Alice. Ela era da alta sociedade e ele da periferia. Wesley deixou Alice ir para sua peça e ele foi para sua festa, mas nessa festa ele não conseguia fazer nada só pensar na bela moça que conheceu.

No dia seguinte, ele pediu dinheiro emprestado para um amigo para comprar um ingresso da peça de Alice. Quando ele chegou lá, a peça já tinha começado e ele vendo-a dançar ficou mais encantado do que já estava.

Quando a peça acabou, ela o viu e foi até ele cumprimentá-lo. Ele muito abusado, pediu o seu telefone para ficar conversando pelo o Whatsapp, ela já interessada deu seu número. Eles ficaram conversando ...conversando, Wesley já totalmente apaixonado marcou um encontro com ela.

Eles se encontraram em um parque muito conhecido na região onde eles moravam, ai ele comprou um algodão doce, pois era somente isso que ele poderia comprar. Ai papo vai, papo vem, eles já querendo muito, aconteceu o primeiro beijo. Depois deles ficarem muito ela foi para casa e ele para o morro. Wesley muito pensativo tomou uma decisão. Foi até seus amigos e pediu ajuda para pedir Alice em namoro. Seus amigos rindo da cara dele falaram que ela era riquinha, nunca ia aceitar um soldado vagabundo, que estava desempregado e que só quer viver em festas e em baladas. Mas os amigos, aceitaram depois de rirem muito.

No dia seguinte, ela tinha uma peça e ele ia pedi-la em namoro nessa peça. Quando a peça começou, um de seus amigos foi no meio do palco e interrompeu falando: Para...Para! Todos da plateia sem saber o que ia acontecer ficaram olhando para ele. Wesley nervoso foi até o palco e para todo mundo escutar disse:

- Alice eu sei que eu não sou cara pra você, mas sei que a gente tem tudo pra dar certo, você me mudou e me ensinou o que é amar, por isso vim aqui pagar esse mico na frente de todos e de todas para dizer uma só frase: Aceita ser minha dama?

Alice muito feliz com o pedido e muito emocionada disse:

- Claro que eu aceito meu soldadinho vagabundo.

E assim com muitos conflitos pela diferença de classe, amor e beijos se casaram e tiveram dois filhos chamados Anna Sophia e Everton Levi. E eles não tiveram final feliz...porque eles queriam que sua história não tivesse final!

O Bravo Soldadinho

por: Irlisson e Eudázio

Tudo aconteceu numa fábrica de brinquedos. O relógio deu 12 horas da noite. Um soldadinho de chumbo sai de sua forma só com um braço. Então, de longe ele viu uma garotinha, talvez filha do dono da fábrica, e ele reparou que essa linda garotinha possuía um brilho nos olhos.

Então, o fabricante vê que falta um braço do soldadinho de chumbo e deu para garotinha e com pressa o pai da garotinha leva-a rapidamente para casa. A menina deixou o soldadinho cair no chão e sua mãe varrendo a casa, com uma vassoura varreu rapidamente o soldadinho para a rua. Em um tempo muito forte o vento soprava e balançava as árvores. Choveu com tanta força que a chuva levou o soldadinho para o mar.

E do mar ele chegou a uma praia e ele percebeu que várias pessoas estavam tomando banho em um dia ensolarado e de longe ele viu a bela garotinha na água tomando banho e bem na hora que ele foi ao seu encontro veio uma onda muito grande levando-o para o oceano e ele tentou resistir, mas não conseguiu e afundou. Depois de uma hora, chegou um barco com vários pescadores e com suas redes eles pescaram uma estrela do mar com o soldadinho dentro e a estrela foi para um mercado onde um casal comprou-a. Quando o casal chegou em casa deu para a menina a linda estrela e então a menina sacudiu sem querer a estrela derrubando o soldadinho no chão. Bem na hora que isto aconteceu, o pai da garotinha passou chutando o soldadinho que foi parar no forno e, no outro dia, quando eles foram ver, apareceu uma linda bolinha de chumbo no forno.

O Valente Soldado e a Sua Bailarina

por: Sandrynha Sousa

Era uma vez uma casa onde havia muitos e muitos brinquedos e junto desses brinquedos

tinha um pequeno soldado de chumbo que tinha apenas uma perna, pois ele foi o último dos seus irmãos a ser criado e faltou chumbo. Mas mesmo sem uma perna ele era um soldadinho muito valente.

Todos os dias há meia noite os brinquedos criavam vida e iam brincar. Certo dia, o pequeno soldadinho avistou uma bela bailarina, essa bailarina era muito valente também, porque dançava muito bem, mesmo sem uma perna. Ela tinha perdido a perna, pois levou uma queda de uma janela. O soldado quando avistou a bailarina se apaixonou rapidamente, mas havia um problema pois junto daqueles brinquedos também vivia um sargento que há muito tempo era apaixonado pela bailarina.

Certa noite, quando o relógio marcava doze horas, todos os brinquedos acordaram para brincar e o sargento logo foi na direção da bailarina ele tentou se aproximar mais da bailarina mas ela não queria, ela não gostava dele mas ele insistia. O soldado se aproximou e deu uma rosa linda pra ela, e o sargento ficou com muita raiva do soldadinho de chumbo, se zangou e começou a correr atrás do soldadinho e de repente ele caiu da escada. Lá embaixo, um garotinho de nove anos o pegou e o jogou na privada e deu descarga e lá vai o boneco por água a baixo.

-Meu deus e agora o que eu faço? -Pensou o soldado de chumbo.

E lá foi o soldado boiando naquela água suja e nojenta mas só em o que ele conseguia pensar era na bailarina.

De repente, vários ratos e baratas começaram a correr atrás dele mas, o soldadinho valente não temeu. De repente ele caiu em um rio e foi parar na margem desse rio onde foi encontrado e levado para uma fábrica de brinquedos onde foi cuidado, limpo, encerado e levado para uma loja e quando ele acordou a meia noite viu que voltou para sua casinha e avistou sua pequena bailarina que dançava em uma perna só, e perto dela estava o sargento que tentava pega-lá e começou a

puxá-la pelo braço e o soldado que era muito valente pulou em cima do sargento e o rebolou de cima de uma mesa muito alta e o sargento se quebrou todo, e o soldadinho de chumbo e sua bailarina viveram felizes na casinha de brinquedos sem ninguém pra perturbar suas vidas.

A bailarina e o soldadinho

por: Gilvanna, Vitória e Elekleidson

Era uma vez um reino. Em um castelo, vivia um rei chamado Bruno e uma rainha chamada Vitória.

O rei era muito ciumento e cruel com sua esposa, enquanto ela era bondosa e tinha uma beleza incomparável.

A rainha Vitória era uma bailarina maravilhosa e toda noite ela dançava por todo o castelo. Em uma dessas noites, o rei foi dormir cedo, pois estava cansado. A rainha começou a dançar e um dos soldados que cuidava de sua proteção a avistou e não conseguiu, mas tirar os olhos dela.

O soldado chamava-se Kauan. Ele e a rainha passaram a noite inteira se olhando e acabaram se apaixonando loucamente. A rainha Vitória só pensava no soldado Kauan e o rei Bruno foi percebendo que a rainha estava distante dele. Até porque, a rainha Vitória nunca tinha sido apaixonada pelo rei e ele sabia disso, mas viviam de aparências.

Outra noite, aconteceu. O soldado Kauan e rainha Vitória passaram uma noite linda juntos e ela ficou grávida de um menino. Eles decidiram fugir e viver seu amor proibido.

Eles fugiram do rei e tiveram seu filho em outro reino e viveram felizes pra sempre.

O Soldado e a Dançarina

por: Gérson, Samuel, Rodrigo

Eram cinco soldados e uma bailarina e um bobo corte.

Um desses soldados não tinha as duas pernas, tinha só uma perna e todos viviam num quarto de uma fábrica de brinquedos. Quando era de noite, todos os trabalhadores da fábrica iam para casa dormir e os soldados de brinquedos se levantavam para caminhar, mas como um deles só tinha uma perna sempre se atrasava.

Até que uma vez, ele ficou para trás e o soldado de uma perna só de brinquedo avistou uma bonequinha dançarina de balé.

Ela estava dançando. O soldado não tinha visto as duas pernas da dançarina, ai ele pensou que a dançarina só tinha uma perna .

Ele avistou uma flor e a pegou para dar a dançarina e quando o soldado chegou perto e percebeu que a dançarina tinha as duas pernas, ele desanimou-se e a dançarina viu o soldado e pegou a flor da mão dele.

Quando os outros soldados viram aquilo, não queriam aceitar aquele relacionamento. Eles pegaram o soldado sem perna e o levaram para longe da dançarina.

Os quatro soldados disseram para o soldado de uma perna só que se eles vissem ele de novo com a dançarina iam matá-lo. E assim o soldado de uma perna só se afastou da dançarina, mas o soldado de uma perna só não se conformava com a atitude dos outros soldados. Ele resolveu se encontrar com a dançarina e os outros soldados o viram com a dançarina e os outros soldados foram atrás dele, pegaram ele, mas ele conseguiu se soltar e ele fugir da fábrica com a dançarina.

A sereia e seu príncipe

por: Wellington, Ryan e Elekleidson

Era uma vez uma sereia que gostava muito de passear, ela era muito bondosa, legal e muito educada, até que um certo dia ela resolveu passear com 4 amigas quando avistou vários meninos em um barco. Esses meninos não acreditavam em sereias pensavam que isso era só uma lenda qualquer. As sereias resolveram chegar perto do barco e quando chegaram lá os meninos se assustaram e ficaram surpresos com o que estavam vendo em sua frente e eles falaram:

- Minha nossa sereias existem mesmo galera!

As sereias falaram:

- Vocês pensavam que sereias não existiam?

- Sim!

- Por quê?

- Porque as pessoas dizem que isso é só uma lenda.

- Pois você estão nos vendo pessoalmente.

Uma das sereias se apaixonou logo de cara por um desses meninos, mas ela pensou “meu Deus será que ele vai me querer até porque sou uma sereia e não posso andar.”

Mas o que ela não sabia era que também o menino tinha se apaixonado por ela também e ele pensou do mesmo jeito “meu Deus será que ela vai me querer até porque não posso viver embaixo d'água.

Certo dia a sereia resolveu passear sozinha pelo mesmo canto e por coincidência se bateu de frente com o mesmo menino e ele que tinha atitude falou para ela:

- Sabia que estou apaixonado por você?

- Sério? Eu também estou!

E começaram a se beijar, ele fora d'água no seu barco e ela dentro d'água. Quando terminaram de se beijar ela falou pra ele:

- Como vamos viver se não tenho pernas para viver na terra?

- Não sei!

- Mas meu pai pode resolver ele tem poderes impressionantes!

Quando chegou em seu pai falou :

-Pai preciso que você realize meu desejo , quero ter pernas para viver com o amor da minha vida , me casar e ser feliz. Aliás, você é uma das pessoas mais poderosas do mundo, tem poderes impressionantes .

-Minha filha posso ter poderes impressionantes, mas se eu realizar esse seu desejo , sonho, sei lá, nunca mais vou poder lhe ver. Ela ficou muito triste porque não tinha pensado nisso mas ela falou :

-Pai prometo que não vou te esquecer. Realize meu sonho!

Ela insistiu tanto que seu pai acabou realizando seu sonho. Quando ela chegou lá perto do seu príncipe ele não acreditou no que estava vendo, mas nem ligou pra isso, preparou seu casamento o mais rápido possível, se casaram e conseguiram ser felizes para sempre.

A Sereia Apaixonada

por: Larissa Cruz, Maria Vitória, Geisse Maria

Em um belo dia, uma pequena sereia, chamada Sophia, estava nadando com suas belas irmãs pelas águas azuis. Em seguida, as irmãs foram para o castelo do Rei dos mares, mas a pequena sereia continuou nadando. Ela foi encontrar seu amigo que era um cachorro.

Sempre que os navios naufragavam, ela e suas irmãs pegavam algumas coisas que estavam no navio e a pequena Sophia ficava perguntando o que eram certas coisas. O cachorro não sabia responder, mas sempre inventava um nome para aquelas coisas.

Numa bela noite, ela foi nadando até a superfície para ver o belo luar que fazia ali. Sophia avistou um lindo jovem e rapidamente ficou apaixonada por tamanha beleza. Ele estava na areia sentado pensando quando viu Sophia. Ele se encantou, mas não sabia que ela era uma sereia porque ela estava com o corpo dentro d'água e mergulhou. O belo jovem correu para tentar encontrá-la, mas não a achou e ficou confuso com a situação. A pequena sereia ficou tão encantada com o jovem que mal conseguiu dormir.

O jovem ficou pensando quando veria aquela moça de novo. No dia seguinte, o jovem foi até a praia na esperança de encontrá-la novamente. O tempo foi passando, mas o jovem não desistiu. A pequena sereia Sophia nadou até a superfície. O jovem Harry viu-a e ficou feliz. Ele encontrou-a e não sabia o que fazer. Sophia também não sabia. "Será que eu falo com ele?" pensou Sophia. Ela ficou indecisa mas resolveu falar com ele.

- Oi !- diz Sophia

- Porque não me responde? - pergunta Herry.
- Porque sou tímida!
- Por que não saímos de dentro d'água?
- Por que não posso. Não sou como você.
- Como assim?
- Não posso falar, pois se eu falar vou te assustar.

A pequena Sophia fala sua situação e o motivo pelo qual não podia sair da água e além disso estava perdidamente apaixonada por ele.

Neste momento algo maravilhoso acontece: a sereia cria pernas em vez de cauda. Depois, ele a convida para uma festa e ficam juntos. Dias depois eles se casam e vivem felizes.

A Sereia mc Luana

por: Vitória, Layla e Rosiane

Luana era uma sereia, muito levada, extrovertida e a mais bela de todas das sereias do reino.

Sua mãe morreu quando ela era muito nova e ela morava com seu pai rei dos mares que se chamava Cristhyan. Ela adorava ir pras festas, baladas, badalar e se divertir com suas duas amigas até ao amanhecer. Suas amigas se chamava Sophya e Stefanny .

Toda noite elas queriam sair para as festas, só que seu pai não deixava ela sair direto, mas Luana não aceitava e esperava seu pai ir dormir e saia para a balada.

Em uma dessas saídas, Luana estava indo para a casa quando decidiu subir para a superfície e avistou um rapaz lindo, bem arrumado brincando com seu melhor amigo um cachorro lindo chamado Rex.

Ela todos os dias queria subir até a superfície para ver a beleza do rapaz. Um desses dias, ela começou a cantar uma música muito conhecida de funk da mc Ludimila que se chamava “te ensinei certinho”. O rapaz que se chamava Caio Castro achou sua voz linda e coincidentemente ele era produtor musical e Luana tinha o sonho de ser cantora e Caio resolveu ajudá-la, mas ela como sereia não dava.

Então, Luana foi pedir para seu pai, Cristhyan o rei, sabendo do sonho de Luana resolveu lhe dar as pernas com seus poderes mágicos. Ela ficou muito feliz e então Caio ajudou-a a ser uma bela cantora de funk conhecida internacionalmente.

Luana conheceu um modelo lindo de olhos azuis que se chamava Gabriel. Ela o conheceu em uma dessas viagens de trabalho e então eles se apaixonaram e começaram a namorar e ficaram felizes por muito e muitos anos...

A Pequena Sereia

por: Alessandra Sousa

Em um lugar muito distante, no fundo do mar, havia uma pequena cidade onde moravam muitas sereias lindas, onde governava um rei que se chamava Tritão, pai de sete sereias. Todas elas eram lindas, mas tinha uma de beleza inigualável, ela era uma sereia muito especial, além de ser a mais nova de suas irmãs, era a pequena sereia que se chamava Ariel.

Ariel era muito inteligente e amada por todos. A pequena sereia gostava muito de explorar navios afundados, a pequenina queria muito conhecer o mundo acima das águas. Ela tinha um amigo inseparável, era o minguado, um peixe que ela amava de paixão, pois ele estava com ela nos momentos bons e nos ruins.

Ariel não conhecia sua mãe, pois Isabel era humana. Ariel tinha muita vontade de conhecê-la mas não podia, pois no mundo onde Isabel morava ela seria considerada um monstro.

Um pouco longe da casa de Ariel tinha um castelo negro onde vivia uma bruxa muito má. Ela odiava Ariel, pois por causa dela o Tritão havia terminado o casamento com a bruxa do mar.

A bruxa perseguia Ariel, e descobriu que Ariel queria ser humana, então a bruxa não pensou duas vezes pra por um fim em Ariel, e ela a atraiu para seu castelo e fez uma proposta a pequena sereia. Falou que se Ariel desse o seu lindo e perfeito cabelo ela a transformaria em humana para o resto da vida dela e Ariel que queria muito ver a mãe aceitou com uma dor profunda no peito. Então a bruxa fez uma porção e deu para Ariel, e ela virou humana e foi até sua mãe.

A mãe de Ariel morava na beira do mar. Isabel tinha uma amiga que se chamava rebeca. Rebeca tinha um filho que se chamava Erik.

Erik era muito bonito e quando Ariel o avistou logo se apaixonou e ele também por ela, mesmo sem cabelo. Eles começaram a namorar e estavam muito felizes, mas a bruxa descobriu que Ariel estava muito feliz e quis por um fim no relacionamento de Ariel.

A bruxa se transformou em uma linda mulher e levou o Erik pra um lugar desconhecido. Tritão ficou sabendo de tudo e queria a felicidade de sua filha,

mesmo não querendo deixar ela ficar com sua mãe. Ele saiu atrás do lugar onde a bruxa tinha escondido Erik e o encontrou. Em seguida, saiu atrás da bruxa, encontrou-a e aprisionou-a.

Assim, todos viveram felizes com um amor verdadeiro que eles tinham.

Uma Grande Surpresa

Por Jéssica Barbosa e Maria Laura

Primeiramente um fato que todos já sabem, mas que estou lembrando: Todos Vão Morrer. Não é que eu seja assustadora, nem chata, mas cada vez mais a humanidade precisa de mim.

Particularmente, eu gosto dos humanos. Alguns são tão ingênuos. Mas, vamos deixar pra lá, afinal, eu ainda não me apresentei.

Não vou dizer meu nome, você já vai saber. Um dia iremos nos encontrar. Todo mundo, um dia irá me encontrar. Não tem como fugir. Mas fugir pra que?

Eu sou legal, acreditem.

Bom, nessa história iremos abordar algumas coisas:

- . Uma coroação.
- . Um reino abalado.
- . Uma surpresa.
- . Um final feliz.

Está curioso? Ótimo! A aventura começa agora...

Era um dia comum nas profundezas do mar. Tudo completamente normal. Peixes nadando, sereias se penteando, pescadores pescando. Tudo Azul. Charlotte, como sempre, estava em busca de aventuras. Às vezes ela pensava: “Será que um dia eu poderei sentir o que as pessoas lá de cima sentem?”.

Charlotte era considerada uma das sereias mais belas de todo o oceano. Era filha do rei de todos os mares. Cultivava as mais belas plantas e flores aquáticas. Tinha um longo cabelo castanho, olhos verdes como as águas marinhas, uma cauda maravilhosamente azul com conchas lilás. É um amor de pessoa.

E foi assim, que o dia acabou. Assim como começou. Completamente. Normal. O dia seguinte seria mais agitado. Mais vivo.

Todos acordaram bem dispostos, afinal era o dia da grande coroação do rei Carlos. Por todo canto havia pessoas trabalhando, arrumando, enfeitando o Grande Palácio das Águas Escuras. Elizabeth, Diana, Lucy, Charlotte e Helena, as filhas do rei, estavam no Grande Salão se preparando para a festa.

...

Elizabeth era a filha mais velha do rei. Ela tinha longos cabelos ruivos e um encantador olhar verde. Sua característica mais forte era caçar. Diana era a segunda mais velha. Seus cabelos castanho-claros curtos eram belos e seus olhos azuis cintilantes encantavam todo o reino. Lucy era a mais agitada, pois amava aventuras. Sua mania de procurar coisas que não devia ficou conhecido por todos os mares. A menina, verdadeiramente, gostava de aprontar. Tinha um cabelo negro com mechas rosa e seus olhos eram da cor de púrpura.

Helena era a mais ajuizada de todas. Ela sabia o que era certo e o que era errado, e procurava seguir todas as regras. Gostava de ajudar, e tinha um intenso carinho por todos do mar. Ela tinha um cabelo mediano, castanho-escuro, sua pele era morena e seus olhos cor de esmeralda tinha um toque de simplicidade e humildade.

Elas se vestiram muito bem, e se enfeitaram bastante. O rei estava com seus servos em seu quarto, preparando os mínimos detalhes. E então, a tão esperada festa começou ao pôr-do-sol. Todos estavam muito felizes e ansiosos, afinal aquela festa era esperada há muito tempo.

“Abram espaço, toquem as trombetas, batam palmas e festejem, pois aqui está o nosso glorioso, majestoso e poderoso rei Carlos!” - avisou um guarda.

E então, ele chegou. Estava maravilhosamente belo. Sua coroa brilhava constantemente. Sua cauda era um azul bonito de se ver. Verdadeiramente um rei. E então, começou a tradição:

“Eu, o rei D. Carlos II, prometo cuidar do meu povo. Prometo defende-los de todo o mal que possam o causar. Prometo tentar dar o melhor de mim, tanto para minhas filhas, tanto para os meus súditos. Prometo fazer o possível e o impossível para agradá-los. E prometo não me deixar vencer pelo mal, mas continuar vencendo o mal com o bem.”

Clap, clap, clap. Em todo o reino era este som que se ouvia. Todos estavam batendo palmas orgulhosamente em sinal de aprovação com o rei. Depois da coroação, houve a grande festa. Nossa como eles estavam bonitos e felizes!

Confesso que jamais tinha visto tanta animação. Mas, aconteceu uma coisa que ninguém imaginava. Pow! Sim, foi uma explosão. Mas não uma explosão simples, foi uma grande explosão. O Grande Palácio das Águas Escuras foi completamente destruído. Tinha peixes, sereias, reis por todo o lado.

- Papai! Elizabeth! Onde estão vocês? - gritou desesperadamente Charlotte – Diana! Lucy! Helena! Ajudem-me. Eu preciso de vocês.

Charlotte sentiu uma grande dor na cabeça e de repente tudo ficou embaçado. Ela percebeu que estava perdendo os sentidos. Foi aí que ela não aguentou mais e desmaiou.

...

Ela passou duas horas apagada, foi quando acordou. “Ah, obrigado meu Deus!” Foi o que ela exclamou ao ver o rosto preocupado de seu pai. Houve um forte abraço e por cima do ombro do rei, Charlotte percebeu o quanto o reino estava devastado. Tudo estava destruído. Pedacos rolando por todos os lados. Estava se repetindo uma cena horrorosa e de arrepiar.

- Papai, o que está acontecendo? O que aconteceu? Onde estão todos? E minhas irmãs? - perguntou Charlotte, e em sua voz, tinha uma melancolia, um tom de tristeza.

- Não sei minha filha. Também estou assustado que nem você. Acordei agora a pouco e procurei por todos e não achei ninguém. Meu único consolo é ter achado você. - falou o rei Carlos.

Eles foram procurar os outros. Tristes e desolados, perambularam pelo mar. Tudo o que eles viam era sinal de fraqueza. Eles já tinham ido a todos os lugares, até que Charlotte avistou uma luz bem cintilante. Um inacreditável reino estava os observando. Numa placa estava escrito “Cidade dos Redentores”. No começo eles estranharam afinal o único reino que eles conheciam era o Reino das Águas Escuras.

Eles ficaram um pouco rancorosos, mas decidiram entrar. O reino era incrivelmente bonito. Tinha belas sereias por todo lado. Peixes estavam sempre felizes e sempre cantando. Carlos e Charlotte ficaram impressionados com aquilo. Jamais imaginaram um reino sem ser os dele. Imediatamente, as pessoas se curvaram diante de Carlos, no qual ele estranhou. Em todo o canto que eles

passavam, eram reverenciados, até chegarem ao Grande Salão. E se encaminharam para a sala do Führer. O Grande Líder.

- Rei Carlos! Que grande prazer! Que ventos bons lhe trazem? - falou o Führer.

- Olá! Esta é minha filha, Charlotte. Viemos porque estamos bastante preocupados com o nosso povo. Houve uma grande explosão que afastou todos. Principalmente, minhas 4 filhas.

São essas? Ei, Elizabeth! Diana! Helena! Lucy! Venham cá. - exclamou o governador e, então elas apareceram com um grande sorriso no rosto ao ver seu pai e sua irmã.

- Minhas filhas! - exclamou Carlos ao abraça-las.

- Minhas irmãs! - exclamou Charlotte.

Eles voltaram para o reino, felizes da vida e pediram uma explicação para as sereias.

- Papai, você não sabe como foi difícil. Após a explosão, nós ficamos sem rumo. Pensávamos que iríamos morrer. Nossos servos não sobreviveram, mas nós sim. Nadávamos por todos os lados, literalmente sem rumo. Daí, nós encontramos esse maravilhoso reino, ficamos impressionadas porque só conhecíamos o nosso, o Reino das Águas Escuras. Mas nos receberam muito bem, nos deram comidas e roupas novas e também a esperança de ver vocês novamente. Não nos deixaram sair, pois era perigoso. Mas olha vocês! Que bom revê-los! Ah meu pai que grande saudade eu sentia de você! - explicou Elizabeth, emocionada.

- Oh minha filha! - exclamou o rei, emocionado, Carlos.

Houve um grande e forte abraço entre a família. Choros, sorrisos, explicações, reis e sereias. Então, eles ficaram lá. Na Cidade dos Redentores. E foi assim que aconteceu a Grande Surpresa...

O resto é com você...

The End.

A destemida sereia

por: Irlisson, Ana Beatriz e Eudázio.

Na vala mais profunda do oceano existia uma bela sereia com olhos azuis, cabelos vermelhos e sua cauda verde. Ela tinha seis irmãos e seus nomes eram: Kauana era a mais velha, Sâmia era a segunda irmã, Tamires era a terceira, Laura era a quarta, Rayane era a quinta e Jéssica era sexta.

A mais bonita das sereias era a Anna, a sereia mais nova.

Ela saiu do reino e foi se aventurar pelo oceano a fora onde encontrou vários e lindos: peixes palhaço, espada...

Então, a noite, Anna saiu para ver o que tinha fora do mar. Ela subiu para a superfície e viu um grande navio onde estava acontecendo uma festa.

Ela avistou um belo jovem e no mesmo momento ela sentiu que estava amando-o. No navio, foram soltos vários fogos de artifício e uma fagulha caiu numa vela do navio fazendo ele pegar fogo e entrar em naufrágio e ela viu o seu amor se afogando.

Anna tentou nadar o mais depressa possível e depois de muito tempo ela conseguiu salvá-lo e deixá-lo na beira da praia e ela percebeu que ele estava acordando. A sereia se escondeu atrás de uma rocha e esperou o rapaz acordar.

Depois de um tempo, um homem chegou e chamou o rapaz pelo nome. Tratava-se do príncipe Davi.

O homem levou ele de volta pra sua casa. A sereia ficou triste quando seu amor foi embora e voltou pra o fundo do mar.

Dias depois, ela voltou para a região do oceano onde o príncipe vivia para ver o seu grande amor e quando ela chegou, ele viu-a e convidou-a para jantar na sua casa, mas ela saiu nadando com medo.

Quando ela estava voltando para casa, ela encontrou a bruxa do mar que a fez ir para o secreto esconderijo onde tudo era escuro e enfeitado.

A bruxa perguntou:

- Qual o seu maior desejo linda moça?

A sereia disse:

- Eu quero lindas pernas.

-Então eu lhe darei lindas pernas, mas para comprar, você tem que pagar o preço. Eu lhe dou belas pernas e você me dá sua linda voz. E depois de amanhã, quando a lua estiver aparecendo se você não tiver dado o seu primeiro beijo de amor verdadeiro você vai para o fundo do mar e vai ser para sempre minha escrava.

A sereia assinou o contrato e recebeu lindas pernas. No dia seguinte, o príncipe e a sereia saíram para passear e quase que ela dava um grande beijo nele, mas isso não aconteceu e quando a lua já estava aparecendo a jovem sereia virou areia da praia (pó) e ninguém nunca mais ouviu falar dela nem nos mares e nem na terra. Só ouviram dizer que ela foi carregada por uma grande onda no mar e não resistiu por que sua cabeça havia batido em uma pedra e ela morreu.



Fim

A pequena princesa em busca da paixão pelo Tritão

por: Cidrão, Jean e Anderson

Era uma vez, num reino coberto de flores com bosque ao redor de um maravilhoso castelo, uma pequena princesa que sabia que não conseguiria arranjar um amor.

Então, ela resolveu passear pela cidade e no final descansar na casa de praia de seu tio avô. Andando pelo seu bosque antes de ir para a cidade, a princesa ouviu uma voz do seu tio avô na praia e ficou curiosa, mas resolveu ir só a noite.

Chegou a hora a noite em que ela foi tentar descobrir de onde vinha a voz que ela tinha ouvido. Ela não fazia ideia do que aconteceria. Ela escutou o som de novo, um som que era suave. Ela olhou para o mar e viu uma cabeça de uma pessoa. Ela achava que a pessoa estava se afogando. Então, ela pulou e na hora de chegar perto a pessoa foi embora.

E ela queria procurar a pessoa e então pegou o navio encantador de seu pai e então ela partiu em busca da pessoa.

Então, no meio do mar, um tubarão de cinco metros veio e atacou seu navio e então Tritão, que era a pessoa que ela procurava, salvou a pequena princesa e aí ela decidiu que queria se casar com o Tritão que também a amava à distância.

Ela então procurou uma bruxa para transformá-la em sereia. A bruxa morava depois da cidade de seu pai, numa floresta em uma casinha ao lado de um lago negro. Então ela decidiu entrar e a casa começou a fazer barulhos estranhos e estava tudo escuro na região pela maldição da cidade.

A bruxa quis falar com a pequena princesa e o incrível é que a bruxa já sabia o que a pequena princesa queria e já foi logo falando:

- Você quer a poção para ter cauda então dei-me a sua voz. E tem mais, todas as vezes que você nadar, você não irá sentir dor na cauda, mas sentirá como se estivesse levando facadas no corpo todo menos em sua cauda.

E a princesa apaixonada disse que aceitava e antes de tomar a poção a bruxa disse a ela que só teria apenas um dia para conquistar o amor de Tritão para sempre.

O problema era que ele sabia que não podia ficar com ela por ser uma pessoa normal ou seja seria difícil convencê-lo de que o amor dele por ela era possível, ele

não queria que ela abandonasse sua vida. Mas, do mesmo jeito, ela aceitou o trato e voltou para sua cidade e no lago próximo do castelo de seu pai ela tomou a poção e fez um estrago grande na cidade e então ela entrou na água para procurar o Tritão.

Começou a busca da pequena sereia que não é mais conhecida como princesa, então ela entrou em um navio escuro no fundo do mar e procurou por Tritão e não o achou.

Ela encontrou um tubarão que tentou matá-la. Ela tentou fugir mas não conseguiu e após tentar fugir o tubarão com a sua boca de um metro a atacou e o Tritão salvou ela pela segunda vez e após salvá-la eles passaram a ficar juntos.

Então começaram a escrever sua história de amor com eles nadando por todo oceano felizes para sempre com uma linda história de amor...

E FIM...

A pequena Sereia

por: Rodrigo, Gérson e Samuel

Era uma vez uma sereia chamado Riela. Ela é uma linda sereia que vivia no fundo do mar sua pele era branca, possuía cabelos longos vermelhos e olhos verdes, ela costumava subir a superfície sentava numa rocha a luz do luar e cantava uma musica irresistível para ver os navios passarem.

O pai da sereia se chamava Tritão. Ele era o rei dos mares que tinha um conselheiro leal, ele se chamava Nino e ele fazia tudo que o rei queria. O Tritão não permitia que a sereia Riela subisse a superfície, mas a sereia Riela como era teimosa sempre subia a superfície.

O peixinho muito amigo dela, ele era muito medroso e sempre acompanhava em tudo que a sereia Riela fazia. Riela e o amigo dela procuravam por objetos humanos. A sereia Riela colecionava esses objetos, mas ela não sabia para que servia esses objetos humano a Riela sempre perguntava para o amigo dela o peixinho e ele sabia de algumas coisas sobre aquilo. A sereia Riela guardava os objetos numa caverna escondida só quem tinha acesso a essa caverna era a Riela e o peixinho.

E quando a sereia Riela subiu na superfície a avistou uma ilha onde tinha um príncipe que ela se apaixonou e para ficar com o príncipe ela procurou a feiticeira que podia da pernas para ela a feiticeira falou que ia dar as pernas para a sereia mas Riela não poderia mais voltar para sua família e se por acaso o príncipe se casasse com outra, ela viraria espuma do mar. Assim a feiticeira deu as pernas para a sereia, ela se encontrou com o príncipe e depois ele a levou para a sua casa. Lá ela tomou banho e trocou de roupa e ela foi convidada para um jantar com o príncipe. Depois de alguns dias, o príncipe conheceu outra menina e se apaixonou por ela imediatamente. Ele foi com um barco para o mar se casar com essa garota. Riela tentou impedir, mas não conseguiu e ela ficou triste por que não conseguiu impedir que ele se casasse com outra e ela com muita raiva se se suicidou com uma faca. O príncipe viveu feliz para sempre.

O primeiro amor

por Tamires, Mikaelly e Kauana.

Essa historia fala sobre o amor verdadeiro de uma garota. Uma história não como as outras, mas com a mesma imensidão de erros e acertos. Eu vou contar a história de como eu conheci a Ariel e como ela achou seu amor verdadeiro.

Moro na praia e muitas outras pessoas incluindo a minha melhor amiga: Aria. Estava de noite, e estava chovendo muito, as ondas do mar estavam totalmente brutas, ondas fortes que destruiu o porto de sardinha em que meu pai e o pai de Aria trabalhavam.

As ondas estavam devastando tudo naquela noite. Quando amanheceu eu fui ver como o nosso pequeno vilarejo tinha ficado depois daquele desastre de ontem. Muitas casas foram devastadas por causa das ondas, muitos comércios também. Recebi uma ligação da Aria me pedindo para ir correndo até a casa dela. Peguei a minha bicicleta e fui.

Quando cheguei, a Aria estava no quarto agarrada no travesseiro, perguntei o que tinha acontecido, (a mãe da Aria havia morrido há uns 6 meses afogada, e com a morte da sua mãe ela ficou complexada, ficou com medo de praia, piscina e tudo em que ela poderia se afogar e vendo coisas, delirava) ela disse que tinha visto alguma coisa na sua piscina muito grande, tipo um peixe.

Na hora fiquei pensando poderia ter sido apenas os restos do muro da casa que tinha caído com a onda ou ela estava delirando de novo. A princípio pensei em duvidar e conversar com ela, mas vendo o quanto ela estava assustada resolvi ir com ela até a piscina ver o que era.

Peguei um pau enorme de uma das barracas e o mergulhei na água procurando algo. Não achei nada, virei as costas e fui colocar o pau da barraca de volta no lugar, enquanto isso a Aria tinha se ajoelhado na beira da piscina tentando enxergar naquela água suja alguma coisa, quando de repente uma coisa puxa a mão dela levando-a ao fundo da piscina (a piscina era muito funda).

Quando vi que ela tinha caído, tirei a blusa correndo em direção a piscina e mergulhei para salvá-la, agarrei a sua cintura e a trouxe para superfície. Puxei-a bem pra longe da piscina, perguntei como ela tinha caído lá dentro, mas ela não

conseguia falar nada, estava muito assustada. Então eu fui pegar de novo o pau da barraca para vasculhar novamente a piscina quando a Aria falou .Ela disse que viu uma calda de peixe enorme, e viu uma coisa estranha, tinha olhos que mudavam de cor e as curvas da boca perfeita. Quando ela me disse isso me caiu a ficha que ela estava mesmo delirando, então perguntei:

-Tipo uma sereia?

E ela respondeu que sim, poxa não podia acreditar até que a bendita sereia sentou na superfície e disse:

- Sim, tipo uma sereia!

Eu paralisei, não sabia o que dizer, seus olhos mudando de azul para roxo me assustou mais ainda, então ela pediu para que nós ajudássemos ela, então eu e a Aria puxamos ela para a superfície, quase não conseguimos, sua cauda pesava muito.

Esperamos ela secar, pois ela tinha dito que antes de vim a terra pegou uma pulseira mágica com um peixe feiticeiro do fundo do mar, seu nome era Sabidão.

Com um tempo ela secou, levamos ela para dentro de casa, e perguntamos como ela veio parar aqui na terra. Ela disse que esteve aqui na terra e conheceu um lindo homem em que ela se apaixonou, e quando seu pai soube disso deu a ordem de não ir mais a superfície. Ela não concordava com aquilo e ele a expulsou do fundo do mar.

A Aria perguntou se aquela tempestade de ontem foi por causa dela, ela disse que sim e disse mais, precisava da nossa ajuda para da o seu primeiro beijo de amor nele, e quando ela provasse a seu pai que o amor existia, ele a perdoaria. Então eu e a Aria fomos ajudar a ela. Ela disse que em três dias ia ter uma festa e ele estaria lá, ia ser naquela ocasião que eles iriam se beijar. Os três dias que passaram estávamos a procura de um vestido para o baile para ela, nos nunca nos divertimos tanto na vida, e por momentos assim a Aria sorriu como nunca vi. Ariel conversava muito com a Aria sobre a saudade que ela também tinha da mãe que morrera há muitos anos. Ela ajudou a Aria a superar aquela fase tão horrível em que ela passava.

Finalmente chegou o belo dia do baile, a Ariel estava tão animada que nem conseguia disfarçar. Ela foi ao baile e eu e a Aria fomos ao cinema. Foi muito divertido. Chegamos tarde da noite, e fui dormi na casa da Aria, quando chegamos

no quarto vimos uma bela estrela do mar na cama dela, então nós pegamos a estrela para ver o que era, era uma carta da Ariel, ela estava indo embora, mas não sabia pra onde ir, o garoto por quem ela estava apaixonada era um mané, ficou com uma garota na frente dela e a dispensou.

Corremos em direção a ponte do porto onde ela estava. Imploramos para que ela não fosse embora, ela estava muito triste e com isso estava causando fortes tempestades e as ondas do mar estavam revoltadas, ela ainda não sabia como controlar seus sentimentos. Naquele dia no fundo do mar estava tendo a tal festa que seu pai tanto falava para e ela e suas irmãs desde pequena. Ela estava decepcionada, por causa de um garoto perdeu sua casa, sua família, sua vida, e tudo o que ela mais tinha de precioso: seu sorriso.

Com toda aquelas ondas fortes e a tempestade seu pai logo percebeu que a sua filha caçula e teimosa estava em apuros. Chamou as suas outras filhas e foi a superfície. De repente nós três vimos uma coisa no mar. Ariel já estava desconfiada de quem poderia ser, cada vez mais se aproximava e então podemos perceber que era o pai dela e suas irmãs. No mesmo instante, Ariel pula da ponte para o mar e se encontra com sua família. Eu gritei pelo seu nome e pulei na água, mesmo sabendo que era o melhor para ela não queria deixar ela partir. Ela me deu duas estrelas do mar, uma pra mim e outra para a Aria. Então, Ariel e sua família foram nadando juntos para longe e levando aquela tempestade e deixando aquele imenso sol beijando a linha do horizonte do mar.

O nosso verdadeiro amor está ao nosso lado, cabe a nós enxergá-lo. Não são nossas habilidades que nos define, são nossas escolhas.

F I M!